



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM LETRAS



LORENA NOGUEIRA COSTA OLIVEIRA

**LETRAMENTO LITERÁRIO: REFLEXÕES SOBRE A VIOLÊNCIA CONTRA A
MULHER NA LITERATURA BRASILEIRA - uma proposta para os anos finais do
ensino fundamental**

SÃO CRISTÓVÃO - SE

2024

LORENA NOGUEIRA COSTA OLIVEIRA

**LETRAMENTO LITERÁRIO: REFLEXÕES SOBRE A VIOLÊNCIA CONTRA A
MULHER NA LITERATURA BRASILEIRA - uma proposta para os anos finais do
ensino fundamental**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Letras da Universidade Federal de Sergipe, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Letras.

Orientador: Dr. Alexandre De Melo Andrade

Área de concentração: Linguagens e Letramentos
Linha de pesquisa: Leitura e Produção Textual:
Diversidade Social e Práticas Docentes

SÃO CRISTÓVÃO-SE

2024

LORENA NOGUEIRA COSTA OLIVEIRA

LETRAMENTO LITERÁRIO: REFLEXÕES SOBRE A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NA LITERATURA BRASILEIRA - uma proposta para os anos finais do ensino fundamental

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Letras da Universidade Federal de Sergipe, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Letras.

Orientador: Dr. Alexandre De Melo Andrade

Área de concentração: Linguagens e Letramentos
Linha de pesquisa: Leitura e Produção Textual: Diversidade Social e Práticas Docentes

Aprovado em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Dr. Alexandre de Melo Andrade

Prof^o Orientador – UFS

Dr. Carlos Magno Santos Gomes

Examinador interno - UFS

Dr^a. Claudia Parra

Examinador externo

SÃO CRISTÓVÃO-SE

2024

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

O48l

Oliveira, Lorena Nogueira Costa

Letramento literário : reflexões sobre a violência contra a mulher na literatura brasileira - uma proposta para os anos finais do ensino fundamental / Lorena Nogueira Costa Oliveira ; orientador Alexandre de Melo Andrade – São Cristóvão, SE, 2024.

154 f. : il.

Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, 2024.

1. Literatura brasileira. 2. Violência contra as mulheres.
 3. Ensino fundamental. I. Andrade, Alexandre de Melo , orient.
- II. Título.

CDU: 821.134,3(81)

AGRADECIMENTOS

Inspirada pelo verso do poeta Manuca Almeida, "Sonhos não dormem", esta jornada rumo ao mestrado em Letras na UFS foi um sonho que se manteve vivo graças ao apoio de muitas pessoas.

Primeiramente, expresso minha profunda gratidão ao meu esposo, Jair Oliveira da Silva Filho, cujo estímulo e motivação foram fundamentais para fazer acreditar que eu merecia vivenciar experiências que proporcionariam crescimento profissional e reconhecimento do meu potencial como educadora.

Agradeço aos meus pais, Josenilton Rodrigues da Costa e Zuleide Nogueira Cardoso da Costa, que sempre priorizaram a educação de seus três filhos. Hoje, posso expressar minha gratidão e reconhecer cada esforço e sacrifício feito para nos proporcionar a melhor educação possível. Aos meus irmãos, Diego Raphael e Joabe Henrique, agradeço por vibrarem em uma frequência que emana amor incondicional e por serem exemplos de persistência nos estudos.

A todos os meus familiares, em especial a Tia Gal pelo amor, empatia e afeto em toda a minha jornada.

Minha gratidão à Dra. Camila Helena é imensa. Sua acolhida, compreensão e encorajamento foram cruciais para que eu conseguisse alcançar o sucesso e ser aprovada no mestrado. Dra. Camila, nós conseguimos! Obrigada por tudo!

Ao meu querido filho de quatro patas, Perseu, agradeço pela companhia, pela sensibilidade nos momentos tristes e por sempre trazer alegria ao nosso lar.

Aos meus amigos e amigas que torceram e acompanharam a realização deste sonho, em especial a Maria Olívia Pinheiro, agradeço pelo ouvido sempre atento e pelo coração sempre aberto.

Expresso minha gratidão ao corpo docente do PROFLETRAS pela empatia e afeto, em especial a Professora Maria Aparecida. Agradeço também a turma 8 do PROFLETRAS pela união, coragem e amizade. Ao meu estimado e excelente orientador, Professor Dr. Alexandre de Melo Andrade, agradeço profundamente pelo seu profissionalismo, ética e extrema dedicação na condução desse trabalho. Serei eternamente grata por ter conduzido minha escrita de maneira leve, serena e saudável.

Por fim, agradeço a todos os alunos e alunas que despertam em mim a vontade de repensar minha prática pedagógica e me inspiram diariamente a conduzir as aulas com empatia e amor.

DEDICATÓRIA

Para Seu Jotta e Dona Zuleide, todo o amor que puderam oferecer, recebi em dobro.

“Sonhos não dormem”.

Manuca Almeida

RESUMO

Este projeto procura desenvolver métodos de letramento literário visando a formação de leitores críticos, através do estudo de textos escritos por autoras que discutem a questão da violência contra a mulher. Diante do crescente índice de violência de gênero durante a pandemia, tornou-se cada vez mais evidente a importância de abordar esse tema em sala de aula e empregar a literatura como instrumento de transformação social. A escolha das obras de Clarice Lispector (*A língua do P*), Lygia Fagundes Telles (*Venha ver o pôr do sol*) e Marina Colasanti (*Porém igualmente*) tem como objetivo promover uma reflexão sobre a violência contra a mulher e a violência patriarcal, seguindo os princípios de bell hooks. Nesse contexto, as aulas de Língua Portuguesa são direcionadas como espaços reflexivos para a questão do feminicídio, visando ao enfrentamento do patriarcado, contribuindo para o desenvolvimento crítico dos alunos. Essa abordagem permite que os alunos não apenas aprendam a língua, mas também se conscientizem dos problemas sociais e de gênero presentes na sociedade. Os teóricos de letramento literário e literatura no contexto escolar que embasam este trabalho são Cosson (2023), Dalvi (2021), Gomes (2019), Zilberman (2008) e Rouxel (2013). Para abordar as questões da violência contra a mulher foram utilizadas Beauvoir (1967), Bravo(2019), hooks(2020), Meneghel (2017) e Portella(2017). Busca-se, ao final, promover reflexões sobre machismo, feminicídio e empoderamento feminino por meio do letramento literário. Além disso, o estudo considera a relevância do espaço escolar como ambiente propício para a mudança social e o empoderamento. As aulas de Língua Portuguesa são direcionadas a serem espaços reflexivos sobre a questão do feminicídio, visando ao enfrentamento do patriarcado. A pesquisa foi realizada na Escola Municipal CAIC Misael Aguilar, em Juazeiro-BA, com alunos do 9º ano. A abordagem qualitativa permitiu a participação ativa dos estudantes na reflexão e interpretação dos textos.

PALAVRAS-CHAVE: Letramento literário; violência patriarcal; empoderamento feminino; escola como agente de mudança.

ABSTRACT

This project aims to develop literary literacy methods to form critical readers through the study of texts written by female authors discussing the issue of violence against women. Given the increasing gender violence rates during the pandemic, the importance of addressing this topic in the classroom and using literature as a tool for social change has become increasingly evident. The selection of works by Clarice Lispector ("The Language of the P"), Lygia Fagundes Telles ("Come See the Sunset"), and Marina Colasanti ("Yet Equally") aims to promote reflection on violence against women and patriarchal violence, following bell hooks' principles. In this context, Portuguese language classes become spaces of resistance against sexism and misogyny, contributing to students' critical development. This approach allows students not only to learn the language but also to become aware of social and gender issues in society. The theoretical basis for this work on literary literacy and literature in the school context includes Cosson, Dalvi, Gomes, Macedo, Zilberman, and Rouxel. To address issues of violence against women, Beauvoir, Tiburi, Bravo, hooks, Meneghel, and Portella were consulted. Ultimately, the aim is to prompt reflections on sexism, femicide, and female empowerment through literary literacy. Moreover, the study acknowledges the relevance of the school environment as a conducive space for social change and empowerment. Portuguese language classes are directed to serve as reflective spaces on the issue of femicide, aiming to confront patriarchy. The research was conducted at the Municipal School CAIC Misael Aguilar in Juazeiro-BA, involving 9th-grade students. The qualitative approach facilitated active student participation in the reflection and interpretation of the texts.

KEYWORDS: Literary literacy; patriarchal violence; female empowerment; school as an agent of change.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
1.1 JUSTIFICATIVA	14
2 OBJETIVOS	19
2.1 OBJETIVO GERAL	19
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	19
3 DISCUSSÃO TEÓRICA.....	21
3.1 LITERATURA NO ESPAÇO ESCOLAR.....	21
3.2 LETRAMENTO LITERÁRIO E A PRÁTICA ESCOLAR.....	25
3.3 O GÊNERO CONTO.....	29
3.4 O SER MULHER E A VIOLÊNCIA CONTRA O FEMININO	31
3.4.1 Telles, Colasanti e Lispector: juntas em uma perspectiva feminista	35
4. METODOLOGIA.....	42
4.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA ESCOLA	42
4.2 APLICAÇÃO.....	43
4.2.1 Etapas Didático-Pedagógicas	44
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
REFERENCIAS	46
APENDICE	50
APENDICE A - CADERNO PEDAGÓGICO - VERSÃO PROFESSOR	50
APENDICE B - CADERNO PEDAGÓGICO - VERSÃO ALUNO	51
ANEXO.....	154
ANEXO A - RELATÓRIO DE EXPERIÊNCIA COM O PROJETO EM SALA DE AULA.....	154

1 INTRODUÇÃO

Os índices retratam uma constante crescente nos dados sobre a violência contra a mulher, infeliz realidade. A frequência desses atos contra o ser feminino ofusca a sua imagem, reafirma a falta de punição para esse tipo de violência, conduz a banalização e até a aparente normalidade, como algo que faz parte do dia a dia e do imaginário das mulheres.

A escritora feminista Charlotte Anne Bunch (1991) não limita a violência contra a mulher como cultural ou pessoal; a escritora amplia e analisa sob o espectro político, ao afirmar que esses atos resultam do domínio de vínculos cujas bases estão no poder e no privilégio alcançados a partir do aprisionamento identitário feminino. Para a escritora, a violência contra a mulher faz parte da engrenagem que mantém os laços políticos familiares na esfera do trabalho e demais ambientes públicos.

Esse fenômeno social não está limitado a uma única classe social, mas em todas, perpassando todas as raças, etnias e gerações. Há quem considere o ato como resultado das diferenças e desigualdades sociais, restrito às pessoas humildes, do consumo de álcool e outras drogas. É salutar pensar que viver no contexto socioeconômico não privilegiado onera e dificulta lidar com os pensamentos e emoções; porém, tentar explicar um fenômeno e reduzir a essas questões limita a discussão e oculta a sua problemática. As autoras Maria Amélia de Almeida Teles e Mônica de Melo, em seu livro *Violência Contra a Mulher*, reforçam essa ideia ao afirmarem que o ato de agredir, violentar o ser feminino pode ser vivenciado em qualquer classe e com qualquer mulher independentemente da sua situação socioeconômica.

A partir de uma base machista e patriarcal, tal fenômeno encarcera a mulher colocando-a como inferior e subjugada. Do outro lado, o homem é fortalecido com a imagem de superior e dominador.

Diariamente a mídia retrata notícias sobre a violência contra a mulher, muitas vezes alternando o foco: ora mostra o contexto do ato, ora as ações dos agentes de segurança pública, ora o desfecho de algum caso no judiciário. Por ser um tema retratado diariamente, exaustivamente, causa banalização; ao invés de gerar reflexão, estranheza, revolta, causa uma sensação de apenas mais um caso que pertencerá a um índice. Até quando a sociedade tratará o fenômeno da violência contra a mulher como algo naturalizado?

Nesse contexto e conforme dito anteriormente, os índices só aumentam e as pesquisas comprovam que no Brasil uma mulher é vítima de violência a cada quatro horas, segundo o

boletim *Elas vivem: dados que não se calam*, divulgado no dia 06 de março de 2023 pela Rede de Observatórios da Segurança. A pesquisa refere-se aos estados: Bahia, Pernambuco, Piauí, São Paulo, Rio de Janeiro, Maranhão e Ceará. O resultado mostra o registro de 2.423 casos de violência contra a mulher em 2022, 495 deles feminicídios. Quando falamos sobre esse tema, na maioria das vezes, atrelamos a violência contra a mulher unicamente a que atinge o corpo da mulher, a conhecida violência física. Entretanto, existem outros tipos:

- 1) A psicológica está ligada ao dano emocional causado na mulher, diminuição da sua autoestima a ponto de trazer dúvidas ao pensamento sobre si mesma. Atitudes como constranger, humilhar, vigiar, isolar, persuadir, são exemplos de danos a respeito da visão que tem sobre si e, conseqüentemente, da sua saúde mental.
- 2) A violência sexual é identificada pela atitude de constrangimento ao fazer a mulher assistir, praticar ou participar de ato sexual sem o seu consentimento, fazendo-se valer da manipulação, intimidação ou até uso da força física. Os atos de forçar a mulher a comercializar o seu corpo, impedir o uso de métodos contraceptivos ou interferir sobre seu direito sexual ou reprodutivo também se enquadram como violência sexual.
- 3) Patrimonial é a violência que faz referência ao controle dos bens materiais, documentos, materiais de trabalho, subtração do salário ou dos objetos da vítima.

As pesquisadoras Luana Nunes Cabral e Anna Christina Freire Barbosa desenvolveram um trabalho de pesquisa cujo objetivo foi analisar os tipos de violência mais frequentes em Juazeiro-BA, baseado nos atendimentos realizados pelo CIAM (Centro integrado de atendimento à mulher) por meio da Lei de nº 11.340/06, mais conhecida como Lei Maria da Pena.

Os dados estudados levaram em consideração os anos de 2006 até 2018 e são alarmantes, refletindo a realidade do país. De 2413 casos notificados, 41,29% constatam a violência psicológica como a mais incidente. Os números continuaram em ascensão. Segundo o jornal *A Tarde*, em 2022, a Bahia foi o estado que teve um aumento de 58% nas ocorrências de violência e obteve o infeliz título de estado do Nordeste com a maior quantidade de feminicídios.

Neste diapasão, as perguntas norteadoras para o desenvolvimento desta pesquisa e sugestão de metodologia de trabalho foram:

- Os dados no Brasil, na Bahia e em Juazeiro chamam a atenção e crescem absurdamente a cada ano. De que maneira as instituições educacionais podem

posicionar-se diante da problemática da violência contra a mulher? Visando a reflexão sobre o tema e buscando a mudança de pensamento para evitar futuros atos violentos.

- Uma das possibilidades encontraremos aqui, por meio do Mestrado Profissional em Letras, um programa que visa o aperfeiçoamento do labor executado pelos(as) docentes de Língua Portuguesa. Nesse referido programa pede-se como trabalho final um produto que conste uma nova metodologia de trabalho visando ao aumento da competência escrita e leitora do aluno.
- Qual é o melhor local para discutir, questionar, fazer pensar sobre a violência contra a mulher? Qual é o melhor ambiente para utilizarmos a literatura brasileira produzida por escritoras como forma de reflexo social da vida que pulsa e também queima?

É nesse contexto que se propõe aqui uma possibilidade de utilizar as aulas de Língua Portuguesa como oportunidade de, além da promoção do letramento literário, aumentar e desenvolver a competência leitora, oportunizar a discussão sobre a temática da violência contra a mulher.

Na justificativa, são exploradas questões cruciais do letramento literário na educação contemporânea, incluindo a necessidade de expandir a compreensão sobre o letramento, os limites da abordagem tradicional no ensino de língua portuguesa, a importância de múltiplos letramentos para além do espaço escolar e a relevância da literatura como ferramenta de transformação social. Além disso, a justificativa destaca a escolha de autoras renomadas como Lygia Fagundes Telles, Clarice Lispector e Marina Colasanti para abordar a violência contra a mulher na literatura brasileira, visando estimular reflexões críticas e conscientização sobre questões de gênero e violência na sociedade.

A discussão sobre “Literatura no Espaço Escolar” abarca uma gama de informações cruciais, desde a definição ampla do que compreende a literatura até sua importância na formação integral dos estudantes. Este tópico explora a relevância da literatura como uma ferramenta que vai além do entretenimento, enfatizando seu papel na promoção da reflexão, sensibilidade, humanização e ampliação de horizontes. Também considera os desafios enfrentados na prática educativa, como a falta de tempo dedicado à leitura, a abordagem histórica em detrimento da experiência literária e a importância da escolha criteriosa dos textos para engajar os alunos de forma significativa.

O tópico “Letramento Literário e sua Prática na Escola” aborda a interação com textos literários, indo além da mera decodificação de palavras para explorar a riqueza simbólica e estética da literatura. Discute-se a seleção cuidadosa das obras, a relação entre leitor e texto, e

a necessidade de promover um encontro significativo com a literatura, visando não apenas o acesso ao conteúdo, mas também o desenvolvimento de reflexões, diálogos e trocas que enriqueçam a formação dos estudantes e os conectem com o mundo literário de forma mais profunda.

Em “O Gênero Conto” é abordada a presença constante desse formato nas aulas de Língua Portuguesa, destacando sua origem histórica, influências no contexto literário mundial e brasileiro, bem como suas características estruturais, como a brevidade, delimitação temporal e espacial, além das diferentes definições que o distinguem do gênero romance. Essa seção também explora a relevância pedagógica do conto, especialmente na discussão de temas relevantes, como a violência contra a mulher, estimulando debates e reflexões críticas em sala de aula.

No tópico “O Ser Mulher e a Violência Contra o Feminino”, o texto explora a construção social do feminino a partir das obras de Simone de Beauvoir e outras autoras, discutindo a imposição de estereótipos de gênero desde a infância, as estruturas patriarcais que perpetuam a desigualdade e a violência contra as mulheres. Também são abordados termos como "feminicídio" e "femicídio", destacando sua importância na compreensão e enfrentamento dos crimes motivados pelo gênero, além das perspectivas legais e sociais sobre a tipificação do feminicídio como crime hediondo. O texto apresenta opiniões divergentes sobre a utilização do termo “feminicídio” e a relevância de sua manutenção para o enfrentamento da cultura patriarcal.

Na seção “Telles, Colasanti e Lispector: Juntas em uma Perspectiva Feminista”, trazemos uma análise profunda e crítica sobre a abordagem feminista nos contos de Lygia Fagundes Telles, Marina Colasanti e Clarice Lispector, explorando como cada autora denuncia, por meio de suas narrativas, questões pertinentes à violência contra a mulher, posse sobre o corpo feminino, omissão social diante do sofrimento feminino e a relativização da mulher diante da violência.

Ao fim dessa pesquisa, espera-se que os discentes desfrutem do prazer e do incômodo que a literatura é capaz de promover.

1.1 JUSTIFICATIVA

O conceito de letramento ainda é considerado algo recente por muitos docentes. A discussão sobre essa temática foi ampliada e tem ganhado cada vez mais espaço. Não é à toa, já que seu principal objetivo envolve a formação do leitor crítico. A inclusão dos estudantes no mundo literário favorece a observação do mundo ao redor com olhos conscientes da realidade que os cerca e, portanto, os torna aptos a modificá-la, caso julguem necessário.

É evidente a preocupação escolar apenas com um tipo de letramento, aquele que envolve a alfabetização, reforçando um conhecimento mediano e com equívocos. Ângela Kleimann (1995) aborda o letramento como uma prática social envolvendo a escrita, discutindo que a instituição escolar não é o único espaço de letramento em nossa sociedade. Ela afirma a existência de múltiplos letramentos, já que é possível vivenciá-los em outros espaços, como igrejas, famílias, trabalho, entre outros. Marcuschi (2001) também corrobora essa perspectiva, indicando que a escola parece não se preocupar com essa abordagem, focando unicamente no processo de alfabetização, mesmo sabendo que indivíduos não escolarizados podem participar de diversas práticas de letramento.

No ensino de Língua Portuguesa, ainda é comum encontrar aulas focadas no certo e errado, onde o momento da escrita é voltado para a avaliação, a leitura literária é limitada a trechos selecionados e a oralidade é vista como um espaço para transgredir regras gramaticais. Esses exemplos evidenciam a opção dos professores por uma metodologia tradicional, que não promove o desenvolvimento da competência linguística dos alunos e reforça a estagnação do ensino.

No que tange o ensino de literatura no ensino fundamental II - anos finais, o ofício é realizado como subterfúgio para ensinar a norma-padrão, as obras são reduzidas a excertos e trabalhados de maneira superficial, o que resulta em uma minimização do mundo literário à experiência simplória e sem real significado.

Lajolo (2012) e Candido (2011) concordam que, da mesma forma que alimentação, saúde e moradia, o livro é um item fundamental para a existência humana. A primeira estabelece uma relação entre a música *Comida*, dos Titãs, e a necessidade de também “consumirmos” literatura, discorrendo sobre o direito ao acesso aos livros literários. O segundo acredita na literatura como meio de instrução e educação, além de considerá-la um bem incomparável e essencial para todos.

O trabalho com literatura auxilia a compreensão, apreensão da realidade, facilita a ampliação de informações, viabiliza a conscientização, possibilita a experiência gratuita do prazer estético, do ler pelo simples gosto e pela fruição, afinal ler também é entretenimento. O ensino tradicional pode ceder lugar a uma visão mais abrangente levando em consideração a importância do trabalho com a Literatura, estimulando a criticidade literária e valorizando o letramento literário.

Segundo Cosson (2018), o letramento literário visa trazer a literatura à escola, ou seja, realizar uma escolarização literária, não restringindo a uma disciplina, mas ampliando, discutindo e contextualizando, afinal, o seu real sentido é humanizar. Para conceituar, temos letramento literário como “o processo de apropriação da literatura enquanto construção literária de sentidos”(Paulino; Cosson, 2009, p. 67).

A escola precisa reconhecer o trabalho com literatura como uma prática significativa, capaz de promover transformação social. Pautado nesse viés, que reconhece o poder literário e sua devida importância, que acredita na literatura e em sua função humanizadora, decidiu-se trabalhar com Letramento Literário e abordar um tema que precisa ser discutido em sala de aula e que tem grandes chances de promover mudança social no contexto dos anos finais: a violência contra a mulher à luz de escritoras brasileiras.

Mesmo com a existência de leis e políticas públicas, inúmeras mulheres sofrem agressões físicas e psicológicas. A frequência dessas agressões muitas vezes resulta na perda brutal e violenta de suas vidas. Os dados sobre a violência contra a mulher são alarmantes, e houve um aumento no pós-pandemia. Segundo o Mapa de Violência de 2015, o Brasil ocupa o 5º lugar entre os países com o maior número de mortes de mulheres.

O exemplo mais voraz de violência contra a mulher é o seu assassinato por motivos que passam ser feminino, esse ato cruel chama-se feminicídio. A violência doméstica, familiar, a discriminação por ser mulher são alguns motivos explanados pela lei. Apesar dos avanços significativos na luta pelos direitos das mulheres, ainda existem diferenças marcantes entre o que é considerado feminino e masculino na sociedade. Essas diferenças são evidentes em várias esferas da vida, incluindo o trabalho, a educação, a política e a vida doméstica.

O homem ainda acredita em sua superioridade e detém a sensação de que a mulher é a sua propriedade, o que em seu imaginário acredita que pode ceifar uma vida por motivos torpes.

Abordar a violência contra a mulher na literatura é necessário, pois permitirá reflexões, discussões e conscientização acerca da violência contra as mulheres. Afinal, a arte da palavra “sempre se preocupou com questões de identidade e as obras literárias esboçam

respostas, implícita ou explicitamente para essas questões” (Culler,1999, p. 108). Ao perceberem as situações cotidianas sendo retratadas no contexto literário, os alunos poderão confrontar a sua realidade, refletindo, se reconhecendo nas personagens ou não, porém, sempre analisando de maneira crítica e participativa.

Ao reconhecer a importância da Literatura Social no contexto escolar, é indicado selecionar algumas autoras para apresentar aos alunos e embasar o desenvolvimento desse projeto. Lygia Fagundes Telles (1918-2022), Clarice Lispector (1920-1977) e Marisa Colasanti (1937-) são mulheres astutas e sensíveis, que utilizam uma linguagem de fácil compreensão. Os contos escolhidos de cada autora são, respectivamente, “Venha ver o pôr-do-sol”, “A língua do P” e “Porém igualmente”.

A literatura escrita por mulheres conseguiu ecoar a voz da mulher para questionar seu status social, promover mudanças nas ideias postas como genuínas e viabilizou representação feminina, pois a literatura durante muito tempo serviu de porta voz masculina.

Lygia Fagundes Telles possui escrita inovadora, transgressora, sensível e perspicaz. A autora de “As meninas” é “certamente um dos grandes nomes da contística brasileira produzida por mulheres” (Moraes; Souza, 2021, p.125). Escolher Lygia Fagundes Telles é escolher a variedade de perfis femininos em sua escrita, é valorizar sua poesia, seu modo de escrever simbólico e a sua “precisão de quem atinge o cerne das palavras” (Moraes; Souza, 2021, p.125). A própria autora descreve o seu labor como um trabalho engajado e compromissado em denunciar as desigualdades sociais: “considero o meu trabalho de natureza engajada, ou seja, comprometido com a nossa condição nesse escândalo de desigualdades sociais” (Telles, 2002, p. 90). Segundo a estudiosa Alva Martinez Teixeira (2016, p. 113), Lygia discorre de maneira profunda o contexto vivenciado pelas mulheres em uma sociedade machista. O também estudioso professor Carlos Magno Gomes, em seu artigo “Os espectros do feminicídio em Lygia Fagundes Telles”, descreve o conto “Venha ver o pôr-do-sol” como uma obra que “nos coloca frente a frente com valores culturais que desnudam o feminicídio como uma forma de punição da mulher fora do padrão angelical” (Gomes, 2019, p.24).

Em seu conto “Venha ver o pôr do sol”, Telles descreve a violência contra a mulher através do narrador em 3ª pessoa e parte de uma situação comum: o reencontro de dois ex-namorados. Entretanto, o local é algo diferente, inesperado e inusitado: um cemitério. A partir daí percebemos os traços de personalidade doentia de Ricardo e como a mulher é subjugada através da personagem Raquel.

Ainda no conto de Lygia Fagundes Telles é relatada uma sugestão de feminicídio, o assassinato de uma mulher cometido por um homem que, ao perceber-se abandonado, sente-se frustrado e não consegue lidar com o sentimento de rejeição. Não permitindo, então, que a mulher siga outro caminho, senão com ele.

Clarice Lispector, embora nunca tenha assumido escrever para mulheres, na leitura das suas obras o universo feminino é demasiadamente retratado. Família, casamento, maternidade, violência psicológica e física cometida contra as mulheres são comuns em suas histórias. Suas narrativas põem em confronto a mulher com a suas escolhas.

Escritora premiada, utiliza o fluxo de consciência, também conhecido como fluxo psicológico, para conduzir as suas narrativas. Possui estilo denominado como intimista, pois descreve o psicológico dos seus personagens.

Sobre os textos “A Língua do P”, de Clarice Lispector, e “Venha ver o pôr-do-sol”, de Lygia Fagundes Telles, a escolha também se dá pelo fato de as obras discorrerem sobre o direito à liberdade feminina, a violência contra as mulheres e a criação identitária, como afirma Gomes (2014, p.14): “Diante dessa postura crítica, essas escritoras trazem à baila o repúdio a toda forma de opressão e violência contra a mulher sem deixar de lado as questões de poder que perpassam a construção da identidade feminina.”

Marina Colasanti, importante escritora da literatura brasileira, publicou mais de 40 livros. Discorre sobre o feminino, amor e problemas sociais. Suas personagens femininas muitas vezes são dotadas de sensibilidade, delicadeza, força e coragem. A autora cria personagens moldadas ao contemporâneo, o que causa muita identificação com o público feminino, pois sente identificação e se percebe representado.

Segundo Alves e Ronqui em seu artigo “A representação da violência contra a mulher em alguns contos de Marina Colasanti”, a autora “produz em alguns de seus contos uma Literatura de caráter militante, que visa dar a voz à mulher e denunciar uma sociedade que, de certa maneira, ainda é machista e vê a mulher como um ser ‘inferior’” (Alves; Ronqui, 2009, p 3-4; aspas do autor). Portanto, a autora objetiva fornecer voz ao feminino, denunciar a sociedade machista que acredita ainda na mulher como ser menor.

Esse trabalho de mestrado objetiva viabilizar espaço para discutir os textos literários relacionando a literatura e a realidade em que vivemos. Algumas questões norteiam o nosso trabalho, com vistas a alcançar os objetivos pretendidos.

Os textos literários escolhidos despertarão à vontade leitora e interpretativa dos alunos? A sequência didática disposta promove discussão e reflexão ante a violência contra a

mulher? A abordagem em sala de aula contribui para a mudança comportamental dos alunos face a violência contra a mulher?

A escola é o espaço propício para fomentar momentos de aprendizagem que envolvam leitura e conseqüentemente desenvolvimento de senso crítico. Paulino (2001, p.28) defende a ideia de que a instituição escolar precisa de “uma pedagogia de leitura que forneça ao estudante instrumentos para interagir com o texto e tornar-se, ele mesmo, um leitor crítico e capaz de perceber até os controles que inevitavelmente é vítima na escola e na sociedade em geral”. Dessa mesma maneira, Cosson (2018) propõe um trabalho que promova a visão social e o letramento literário a partir da seqüência didática pautada em: motivação, introdução, leitura e interpretação. Essas etapas são mediadas pelo docente e visam estabelecer um vínculo entre leitor x realidade x obra literária.

É visível a necessidade de planejar, ofertar e inserir práticas leitoras nas rotinas estudantis, afinal, como já discorrido aqui, constitui-se direito do aluno o acesso à literatura.

O trabalho aqui proposto pretende viabilizar a relação entre a temática, situações abordadas no texto literário com seu dia a dia e perceber o quanto é importante refletir sobre o machismo, o patriarcado, o sexismo e sua direta relação com a violência contra a mulher. A motivação em trabalhar com autoras é analisar a escrita feminina, valorizar o trabalho e observar as histórias relatadas sob o ponto de vista das escritoras.

A seqüência proposta almeja distanciar-se do trabalho tradicional com a literatura, muitas vezes utilizado como pretexto para a abordagem de outras atividades gramaticais, estudo das escolas literárias e interpretação ou produção textual.

O presente trabalho ofertará estratégias metodológicas que viabilizem o trabalho do docente de Língua Portuguesa e proporcionem experiências literárias aos discentes. Com o intuito de reacender o conhecimento, experiência literária, oportunizar o letramento literário com base nas autoras supracitadas, o projeto também visa disseminar a relevância do trabalho com a temática sobre a violência contra a mulher, possibilitar a experiência da fruição literária e estimular a produção textual discente.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Criar estratégias de letramento literário com alunos do 9º ano do Ensino Fundamental no espaço escolar, objetivando a formação do discente leitor, com base na leitura e compreensão de textos que abordem a violência contra a mulher.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Incentivar a leitura literária.
 - Aproximar os discentes do texto literário.
 - Estudar autoras brasileiras.
 - Desenvolver atividades que estimulem leitura, oralidade e escrita.
 - Propor experiências literárias.
 - Estimular a escrita poética.
 - Propiciar debates sobre o tema “Violência contra a mulher”
 - Ler criticamente os contos “Venha ver o pôr-do-sol”, “A língua do P” e “Porém, igualmente”, das autoras Lygia Fagundes Telles, Clarice Lispector e Marina Colasanti respectivamente.
- Propor novas metodologias para o ensino e trabalho com o tema envolvendo a questão violência contra a mulher no Ensino Fundamental II- Anos finais.

As atividades de leitura e compreensão dos textos literários propostas nesta pesquisa estão de acordo com a BNCC ligado ao componente curricular de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental II. Julga-se relevante especificar as competências e habilidades mais relacionadas com o módulo pedagógico proposto.

Competências:

2 -Apropriar-se da linguagem escrita, reconhecendo-a como forma de interação nos diferentes campos de atuação da vida social e utilizando-a para ampliar suas

possibilidades de participar da cultura letrada, de construir conhecimentos (inclusive escolares) e de se envolver com maior autonomia e protagonismo na vida social.

7- Reconhecer o texto como lugar de manifestação e negociação de sentidos, valores e ideologias.

8-Selecionar textos e livros para leitura integral, de acordo com objetivos, interesses e projetos pessoais (estudo, formação pessoal, entretenimento, pesquisa, trabalho etc.).

9-Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura. (BRASIL, Ministério da Educação, 2018, p. 83).

Habilidades:

Campo Jornalístico/midiático:

(EF69LP13) Engajar-se e contribuir com a busca de conclusões comuns relativas a problemas, temas ou questões polêmicas de interesse da turma e/ou de relevância social.

Campo Artístico-literário:

(EF69LP44) Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção.

(EF69LP49) Mostrar-se interessado e envolvido pela leitura de livros de literatura e por outras produções culturais do campo e receptivo a textos que rompam com seu universo de expectativas, que representem um desafio em relação às suas possibilidades atuais e suas experiências anteriores de leitura, apoiando-se nas marcas linguísticas, em seu conhecimento sobre os gêneros e a temática e nas orientações dadas pelo professor.

(EF69LP51) Engajar-se ativamente nos processos de planejamento, textualização, revisão/ edição e reescrita, tendo em vista as restrições temáticas, composicionais e estilísticas dos textos pretendidos e as configurações da situação de produção – o leitor pretendido, o suporte, o contexto de circulação do texto, as finalidades etc. – e considerando a imaginação, a estesia e a verossimilhança próprias ao texto literário. (BRASIL, Ministério da Educação, 2018, p. 137 - 148).

3 DISCUSSÃO TEÓRICA

3.1 LITERATURA NO ESPAÇO ESCOLAR

A literatura é uma área de estudo extremamente salutar na vida de todos os seres humanos, pois diverte, encanta, oferece conhecimento, é ferramenta de denúncia e crítica social. Como afirmam Paulino e Cosson (2012), “A Literatura, em suma, é um alimento fundamental para nosso corpo linguagem”. Como definir a arte da palavra?

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. Vista desse modo, a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possam viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação [...] Ora, se ninguém pode passar vinte e quatro horas sem mergulhar no universo da ficção e da poesia, a literatura concebida no sentido amplo a que me referi parece corresponder a uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito (Candido, 2011, p.176-177).

Candido (2011) também afirma que é direito de todo ser humano ter contato e vivenciar a literatura, pois trata-se de um bem imprescindível. Lajolo (2012) apoiou essa afirmação de Candido ao relacionar a consagrada música “Comida”, dos Titãs, com a necessidade do consumo literário; a autora afirmou ser um direito do ser humano o acesso ao texto literário.

É assim, em nome dos muitos homens e mulheres que desde muito tempo atrás vêm se envolvendo com registro e interpretação de sinais em superfícies sólidas – escrita e leitura –, que se ancora nosso direito – de cidadãos do século XXI – de acesso irrestrito ao que de melhor, de mais bonito e envolvente, se escreve. Se escreve e se lê em livros e em tablets. Na página impressa e nas telas. Pois não é que é nisso – o que de melhor e de mais bonito se escreve – que se chama literatura, que se inscreve uma das saídas cantadas pelos mesmos Titãs que abriram o texto lá em cima e que o fecham aqui embaixo: a gente quer saída para qualquer parte! É por isso que a gente não quer só comida. É preciso querer diversão e arte (Lajolo, 2012, p. 118).

A arte da palavra deleita é orienta, sendo um instrumento de justiça e tolerância. A leitura literária é uma experiência de autonomia que contribui para a liberdade e responsabilidade do indivíduo. Através do que nos é contado e lido, vivenciamos experiências, conhecemos nossa história a partir do olhar do outro e reconhecemos nosso mundo através da linguagem literária, como afirmam Paulino e Cosson:

A palavra literária guarda todos os sonhos do homem ao mesmo tempo que nos diz que nenhum sonho é impossível de ser sonhado. Por fim, a experiência da literatura nos dá muitas vidas para serem vividas e por meio delas incorporar o que somos e o que vivemos ao mundo enquanto nos apropriamos dele por meio da linguagem (Paulino; Cosson, 2012, p. 97-98).

O leitor literário consegue perceber-se, permitir-se ser mais compreensivo e atento ao semelhante. É o que convencionou-se ser chamado de humanizar-se por Candido (2011):

Entendo aqui por humanização (já que tenho falado tanto nela) o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (Candido, 2011, p. 117).

Pode-se, então, concluir uma função social advinda da literatura, o que resulta em conhecimentos e saberes inéditos, causando reflexão, vontade de entender outrem e questionar o meio em que se vive. Como trata Compagnon (2009, p. 34), “A literatura, instrumento de justiça e de tolerância, e a leitura, experiência de autonomia, contribuem para a liberdade e para a responsabilidade do indivíduo”.

Diante de todos os benefícios oriundos do conhecimento da literatura, era esperado tê-la em lugar de prioridade no ambiente escolar; porém, a instituição ainda se detém prioritariamente ao cumprimento de tarefas, sistematização de resultados, preparação de exames, minimizando ações que promovam práticas leitoras e que agucem a vontade de ler estudantil. Nesse sentido,

Talvez um dos maiores problemas da leitura literária na escola – que vejo, insisto como possibilidade – não se encontra na resistência dos alunos à leitura, mas na falta de espaço-tempo na escola para esse conteúdo que insere fruição, reflexão e elaboração, ou seja, uma perspectiva de formação não prevista no currículo, não cabível no ritmo da cultura escolar, contemporaneamente aparentada ao ritmo veloz da cultura de massa (Dalvi *et al.*, 2013, p. 111).

Muitas vezes a aula de língua portuguesa é voltada para o estudo historiográfico, períodos literários, minimizando a potencialidade literária. O professor oferta excertos de textos literários como base de explicação para conteúdos gramaticais ou reduz a grandeza literária a momentos isolados, rotulados como momentos de fruição. Assim, vejamos como Rildo Cosson e Graça Paulino tratam esse assunto:

Sem um suporte teórico e metodológico adequado, a literatura permaneceu na escola. Empobrecida em sua função educativa, ela passa a ser usada apenas para exemplificar usos paradigmáticos da língua ou, ainda mais simplesmente, como objeto de pura fruição, como se não coubesse à escola o papel de formar o leitor (Paulino; Cosson, 2012, p.100).

A literatura promove sensibilidade, fazendo a mediação na formação do leitor crítico, através das palavras, dos aprendizados diversos, causando reflexões e transformando as realidades. A cada leitura, o texto possibilita essa construção:

[...] na verdade, todos nós construímos e reconstruímos nossa identidade enquanto somos atravessados pelos textos. O que cada um é, o que quer ser e o que foi dependem tanto de experiências efetivas, aquelas vividas, como da leitura que se faz das próprias possibilidades de ser e das experiências alheias a que tenha acesso por meio dos textos (Paulino; Cosson, 2009, p. 69).

Para alcançar os benefícios literários a escola deve criar estratégias que permitam o direcionamento dos alunos ao encontro com o texto, chamando-lhes atenção, fornecendo espaço para a manifestação de opiniões e que haja liberdade com o texto, resultando em sentido. Afinal,

Ninguém gosta de fazer aquilo que é difícil demais, nem aquilo do qual não consegue extrair o sentido. Essa é uma boa caracterização da tarefa de ler em sala de aula: para uma grande maioria dos alunos ela é difícil demais, justamente porque ela não faz sentido (Kleiman, 1998, p.16).

Segundo Cosson (2018), a literatura possui um objetivo maior, de transformar o mundo através de palavras. Para o autor, o estudo literário motiva os desejos e expressa quem somos. Como afirma, “É por possuir essa função maior de tornar o mundo compreensível transformando sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas que a literatura tem e precisa manter um lugar especial nas escolas” (Cosson, 2018, p.12).

A pergunta norteadora à escola e conseqüentemente ao corpo docente no que tange ao trabalho com Literatura é: O que fazer para melhorar e valorizar o ensino de literatura no âmbito do ensino fundamental II?

Maria Amélia Dalvi, em seu livro “Leitura de Literatura na escola”, adaptou 10 teses sobre o texto literário na aula de língua portuguesa, de autoria do professor Vítor Manuel de Aguiar e Silva (1998). As teses ajudam a promover reflexão sobre a prática do ensino de literatura, afinal “é um ato de cidadania rever a prática” (Antunes, 2003, p.36). Convém analisá-las e aplicá-las no referido projeto.

Tese 1 - “A preeminência da Literatura na Educação”: Apesar de discordar sobre a maneira como foi efetivada, a literatura exerceu um papel fundamental na formação dos jovens e não há motivo para essa importância ser minimizada ou reduzida.

Tese 2 - “A centralidade do texto literário no ensino da língua”: O texto literário deve ser o centro da aula de língua portuguesa, como forma de manifestar memória e criatividade.

Tese 3 - “A qualidade literária (ela mesma sempre submetida a questionamentos) como critério primeiro para a escolha de textos a serem lidos”: A escolha do texto literário deve primar pelo aumento da competência linguística discente. “Uma leitura literária que não desafie, instigue, provoque não merece o investimento do precioso tempo escolar” (Dalvi, 2013, p. 78). Nessa tese, acrescentamos que cabe ao docente analisar qual texto é o mais adequado ao seu público discente. Como discorre Rouxel (2013, p. 29),

O professor é um sujeito leitor que tem sua própria leitura do texto. É também um profissional que precisa vislumbrar, em função de diferentes parâmetros (idade dos alunos, expectativas institucionais), que leitura do texto poderá ser elaborada na aula.

Tese 4 - “A nuclearidade do texto no ensino de língua em articulação com diferentes linguagens, suportes e circuitos”: O texto literário pode ser articulado com “textos visuais, com textos musicais, com textos fílmicos ou ainda com textos híbridos, em diferentes e cada vez mais múltiplos suportes, linguagens e circuitos” (Dalvi, 2013, p. 78).

Tese 5 - “A recusa a pautar o ensino de língua e literatura em torno de “contextualizações históricas” ou “historiografia” descontextualizadas”: A aula de literatura não deve ser resumida ao estudo da sua história e tampouco trabalhada de maneira descontextualizada. Sobre esse ponto Rezende (2013, p. 101) também versa:

A história da literatura centrada no nacionalismo literário ainda é de longe a perspectiva dominante no ensino de literatura, desdobrando-se em sequência temporal numa lista de autores e obras do cânone português e brasileiro e suas respectivas características formais e ideológicas.

Pautada nessas reflexões, temos a próxima tese.

Tese 6 “A redução dos programas e da massa de informações em defesa de uma leitura e uma literatura para a vida”: O objetivo é a formação do leitor para toda a vida, cabe então reduzir “a massa de informação histórico- literária” (Dalvi, 2013, p.79).

Tese 7 “O respeito e a promoção da liberdade de leitura, sem confusão e relaxo interpretativo- analítico- crítico”: O professor deve ser cuidadoso na seleção dos textos para diferenciar as leituras básicas, essenciais, das leituras obrigatórias e excessivas.

Tese 8 “A defesa radical da formação de sujeitos leitores, em detrimento da autoridade de quem quer que seja”: A identidade do leitor deve ser acolhida e respeitada. As emoções (tristeza, alegria, revolta) não devem ser sufocadas, pois a experiência literária ajuda a desenvolvê-las no leitor bem como o seu conhecimento de mundo.

Tese 9 “A potencialização do papel da literatura na invenção de identidade e evidenciação de sua potência, ética e política”: O texto literário viabiliza a valorização das

experiências sócio-histórico-culturais, a cooperação na construção de identidades e dialoga com diversas culturas.

Tese 10 “A parcimônia, clareza e o rigor no uso de terminologias, mostrando sua operacionalidade na leitura dos textos literários”: A prioridade do trabalho com o texto literário deve ser o próprio texto, o seu processo de leitura; após isso, os conteúdos podem ser estudados.

A partir das teses acima é possível ter um trabalho norteado pelo texto literário e que ajude a refletir sobre literatura na escola, apoiando e incentivando seu lugar no centro do ensino de língua portuguesa. Para a autora, existem princípios para o trabalho literário: aliar pesquisa, escrita à atividade literária, conduzir a leitura literária de maneira sedutora, como desafio e também de maneira prazerosa. Como afirma Dalvi (2013, p. 84) “Fazer da leitura literária uma sedução, um desafio, um prazer, uma conquista, um hábito: para isso, incorporá-la ao cotidiano escolar (e extraescolar) de todos (e talvez principalmente do próprio professor, como leitor em evidência)”.

Outro cuidado a ser analisado ao decidir trabalhar com literatura na escola é a escolha dos textos, obras e conseqüentemente os autores. Afinal, “É importante também propor obras das quais eles extrairão um ganho simultaneamente ético e estético, obras cujo conteúdo existencial deixe marcas” (Rouxel, 2013, p. 24). Há de se levar em consideração a faixa etária dos discentes, o vocabulário, valores ideológicos para fazer da leitura literária um momento de experiência transformadora e reflexiva.

3.2 LETRAMENTO LITERÁRIO E A PRÁTICA ESCOLAR

Discorrer sobre letramento literário convida-nos a analisar quando surgiu inicialmente o conceito de letramento. A priori, foi utilizado no Brasil por Mary Aizawa Kato, linguísta brasileira e estudiosa sobre aquisição da linguagem, em seu texto “No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística”, no ano de 1986. Posteriormente, Leda Verdiani Tfouni, doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas, contribuiu com a divulgação do termo em 1988, no livro “Adultos alfabetizados: o avesso do avesso”. Ângela Kleiman, linguísta conhecida por seus trabalhos sobre leitura e letramento, organizou em 1995 uma série de artigos e contribuiu de maneira significativa para a ampliação dos estudos voltados ao letramento. Como afirma:

Uma das primeiras ocorrências está em livro de Mary Kato, de 1986 (*No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*, editora Ática): a autora, logo no início do livro (p. 07), diz acreditar que a língua falada culta “é consequência do letramento” (grifo meu). Dois anos mais tarde, em livro de 1988 (*Adultos não alfabetizados: o avesso do avesso*, editora Pontes), Leda Verdiani Tfouni, no capítulo 40 introdutório, distingue alfabetização de Letramento: talvez seja esse o momento em que letramento ganha estatuto de termo técnico no léxico dos campos da Educação e das Ciências Linguísticas. Desde então, a palavra torna-se cada vez mais frequente no discurso escrito e falado de especialistas, de tal forma que, em 1995, já figura em título de livro organizado por Ângela Kleiman: *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita* (Soares, 2018, p. 15).

O mérito é de Magda Soares, criadora do conceito Alfalettrar, pela ampla divulgação no meio acadêmico de letras e pedagogia no que tange o estudo sobre o letramento.

Por ser estudado sob diversos olhares teóricos, é comum encontrarmos conceitos variados e perspectivas diversas. Para Magda Soares,

Embora correndo o risco de uma excessiva simplificação, pode-se dizer que a inserção no mundo da escrita se dá por meio da aquisição de uma tecnologia – a isso se chama alfabetização, e por meio do desenvolvimento de competências (habilidades, conhecimentos, atitudes) de uso efetivo dessa tecnologia em práticas sociais que envolvem a língua escrita – a isso se chama letramento (Soares, 2003, p. 90).

A autora supracitada também define o letramento como:

O resultado da ação de “letrar-se”, se dermos ao verbo “letrar-se” o sentido de “tornar-se letrado”. Resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura e escrita, o estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita e de suas práticas sociais (Soares, 2012, p. 38-39).

Enquanto Kleiman acredita que a prática do letramento está ligada às práticas de leitura e escrita, “Podemos definir hoje o letramento como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos para objetivos específicos” (Kleiman, 1995, p. 19).

Partindo das suas bases teóricas, várias áreas de estudo investigam os diversos usos da escrita e a sua ligação com a oralidade dentro dos contextos sociais e o resultado dessas utilizações, de maneira individual e coletiva. Nas últimas décadas, inúmeros estudiosos (Brian Street, Magda Soares, Ângela Kleiman, entre outros) convergem ao mostrar através de pesquisas que a base do letramento é seu uso na prática real, ou seja, a utilização cotidiana. Conforme Street (2003, p. 78), a concepção de letramento reflete “um meio de focalizar as práticas sociais e concepções do ler e escrever”. Fica clara a expansão do letramento e a sua não restrição ao espaço escolar. Nesse sentido,

O letramento abarca, portanto, os usos e práticas sociais de linguagem que envolvem a escrita, sejam eles valorizados ou não, locais ou globais, recobrando contextos

sociais bastante diversos, tais como família, igreja, trabalho, mídias, escola e outros, numa perspectiva sociológica, antropológica e sociocultural (Zappone; Nascimento, 2019, p. 168).

Há inúmeros estudos que compreendem o letramento como prática social do uso da escrita, essa compreensão é apoiada por Kleiman, Street Tfouni, entre outros. Os teóricos se alinham, na perspectiva que,

A natureza social da leitura e da escrita e o caráter múltiplo das práticas letradas, valendo-se de perspectivas transculturais, ou seja, leitura e escrita são permeadas por práticas sociais e, por essa razão, não se dissociam do contexto social, econômico e cultural nos quais ocorrem (Zappone; Nascimento, 2019, p. 168).

Assim, os estudos de letramento buscam foco nos usos reais da escrita sem discriminá-los, rotulá-los como inferiores ou marginalizá-los.

Quando se fala em letramento literário evoca-se uma sequência de reflexões ao lugar em que a literatura deve ocupar socialmente e individualmente. Inicialmente, é preciso aprender a ler literatura, ou seja, a habilidade para ler texto literário vai além da leitura de textos não-literários. Cabe também abordar a acessibilidade à literatura; afirmar que a literatura é acessível somente por conceder acesso aos livros físicos ou digitais não é de fato conceder acessibilidade literária, mas “se efetiva das mais variadas maneiras pelas quais como seres humanos exercemos a nossa capacidade de simbolizar o mundo por meio de palavras” (Cosson, 2020, p. 18).

Portanto, é possível inferir que o letramento literário é uma ação contínua, que inicia antes que dominemos a fala e nos acompanha durante toda a vida. Além disso, a relação leitor e texto deve ser considerada, pois ao tratar de letramento essa relação transforma-se em uma formação e troca contínuas (Cosson, 2020, p. 23). A fruição, o gosto pela leitura, não são anulados ou descartados, mas a visão adotada é de aprender e formar. O percurso do leitor literário é duplo, um é direcionado a si mesmo e o outro é realizado no sentido do mundo, evocado pelo texto. No caminho literário, há descobertas de outros mundos e outras realidades. Zilberman discorre sobre o efeito mágico de descobertas da literatura,

A literatura provoca no leitor um efeito duplo: aciona sua fantasia, colocando frente a frente dois imaginários e dois tipos de vivência interior; mas suscita um posicionamento intelectual, uma vez que o mundo representado no texto, mesmo afastado no tempo ou diferenciado enquanto invenção, produz uma modalidade de reconhecimento em que se lê. Nesse sentido, o texto literário introduz um universo que, por mais distanciado do cotidiano, leva o leitor refletir sobre sua rotina e a incorporar novas experiências. [...] o social decorre dos efeitos desencadeados. O leitor tende a socializar a experiência, cotejar as conclusões com as de outros leitores, discutir preferências. A leitura estimula o diálogo, por meio do qual se trocam experiências e confrontam-se gostos. Portanto, não se trata de uma atividade egocêntrica[...] aproxima as pessoas e coloca-as em situação de igualdade, pois

todos estão capacitados a ela (Zilberman, 2008, p. 23-24).

Por fim, a leitura literária, embora seja muitas vezes uma prática solitária, sempre perpassará o coletivo,

Dessa forma, a leitura literária é um processo individual, mas mediado pelo social, ou seja, lemos a partir das diretrizes de nossa comunidade de leitores quanto ao que é ler literatura, mesmo quando desafio ou questiono os valores dessa comunidade em relação ao valor atribuído aos textos e ao próprio gesto de ler (FISH, 1995). Por isso, precisamos reconhecer e saber usar com propriedade os protocolos da leitura literária, até para criarmos novos ou reconstruí-los se for o caso, porque, em última instância, é o trânsito que fazemos entre eles que nos legitima como leitores, autorizando e tornando possível o compartilhamento das nossas leituras (Cosson, 2020, p.20).

No que tange o encontro leitor e obra na esfera escolar, seu acontecimento tem se dado sem um objetivo definido, às vezes oferta-se uma leitura esporádica de algum texto literário vinculado a algum questionário básico. Conforme Zilberman (2018, p.18), “o exercício da leitura é o ponto de partida para a aproximação à literatura. A escola dificilmente o promoveu, a não ser quando condicionado a outras tarefas, a maior parte de ordem pragmática”. Essas práticas minimizam e não refletem a importância do letramento literário; além delas, é possível ainda mencionar mais duas dificuldades no labor com o letramento literário. A primeira é a maneira como se dá o encontro discente com o texto literário. Antes, as coletâneas de livros eram dispostas na escola, hoje o livro didático apresenta os excertos, fragmentos que acrescentam muito pouco à formação literária estudantil. O resultado é um só, “a conclusão é óbvia: é difícil promover um encontro pessoal com a obra quando esta não é integral e se apresenta descaracterizada” (Cosson, 2020, p. 23). A segunda dificuldade é a forma com que o texto literário é vivenciado em sala de aula, a forma metodológica que dispõe o texto literário; muitas vezes, a leitura priorizada é a eferente e não a estética. Vejamos:

Além disso, atividades repetitivas e previsíveis consolidam estereótipos difíceis de serem quebrados: por exemplo, o de que basta ler resumos das obras e decorar as características dos períodos literários, e o de que o autor ou o professor de literatura “viaja na maionese”, “é desocupado”, “não tem mais o que fazer”, “vive inventando moda”, portanto, basta “entrar na dele” e falar qualquer coisa “filosófica” sobre o texto que está bom (Oliveira, 2009, 2013).

Para complementar, Cosson (2020, p.23) diz:

Daí a preferência por atividades que se ocupem das informações contidas na obra, a exemplo dos resumos, das fichas de leitura, dos questionários, dos quadros sinóticos e formas similares de registro e controle da leitura. Além de inadequadas por ignorarem o caráter literário do texto, essas estratégias são danosas ao encontro do leitor com a obra porque operam por uma lógica de substituição e equivalência, ou seja, postulam que o resumo vale pela obra como se entre uma e outro houvesse

apenas uma questão de dimensão, quando de fato são dois textos que funcionam de maneira bem diversa.

O docente deve ser cuidadoso ao escolher a obra literária, deve pensar no que a experiência literária a partir daquela obra ofertará a sua turma, sobre a experiência da leitura literária.

O leitor tende a socializar a experiência, cotejar as conclusões com as de outros leitores, discutir preferências. A leitura estimula o diálogo, por meio do qual se trocam resultados e confrontam-se gostos. Portanto, não se trata de uma atividade egocêntrica ou narcisista, se bem que, no começo, depois, aproxima as pessoas e coloca-as em situação de igualdade, pois todos estão capacitados a ela (Zilberman, 2008, p. 17-18).

A partir da escolha literária e a consideração da experiência literária é que se cumprirá o objetivo da aula de literatura. Como discorre Dalvi (2021, p. 36),

É preciso que nossas aulas de literatura assumam o risco de ser um espaço de esperança, de aprofundamento crítico na realidade, de identificação entre seres humanos, de construção de redes de solidariedade e de reconhecimento de que podemos ser melhores, coletiva e individualmente, como humanidade.

3.3 O GÊNERO CONTO

O gênero conto se faz presente com frequência nas aulas de Língua Portuguesa. A facilidade de ser encontrado, e de na maioria das vezes ser curto, versar sobre temas diversos, garante a sua presença sempre nos textos dos livros didáticos. A sua característica narrativa envolve o imaginário e aguça a curiosidade, estimulando a criatividade.

A sua origem é difícil de precisar, porém há registros históricos de contação de histórias antes de Cristo, o que caracteriza a prática de contar e ouvir histórias como secular. A autora Nádya Battela Gotlib, escritora do livro *Teoria do Conto*, discorre sobre a origem do gênero textual e reforça que enumerar as fases da evolução do conto seria percorrer a nossa própria história, a história da nossa cultura.

No século XIV, o conto foi firmado esteticamente e a partir desse marco começou a fazer parte de diversas obras. No século XIX, o avanço da imprensa viabilizou a divulgação do gênero através de revistas e jornais. Outro fato importante para a disseminação e popularização do gênero foi o contato com as obras dos Irmãos Grimm. Esses irmãos, de origem alemã, recriaram muitas histórias e as compartilharam com a população, deixando um legado que reverbera até hoje. Nesse mesmo século, houve um aumento significativo na

divulgação e surgimento de muitos escritores que enxergaram nesse gênero “o seu meio de expressão literária e artística e se dedicaram com êxito a um tipo de história que transcendia o prosaísmo do cotidiano e conduzia o leitor a um mundo, algumas vezes fascinante, outras vezes aterrador” (Magalhães Júnior, 1972, p.65).

É importante mencionar que os séculos XIX e XX têm a sua relevância na história do conto condigno ao contínuo aumento da quantidade de contistas habilidosos escrevendo “obras de primeira grandeza, numa aceleração antes desconhecida” (Moises, 1977, p.122).

Na literatura brasileira, inúmeros autores e autoras foram consagrados (as) e conhecidos (as) pela sua escrita em contos, como Machado de Assis, Lygia Fagundes Telles, Clarice Lispector e Marina Colasanti (escritoras escolhidas para a referida pesquisa).

Caracterizado também por ser uma história curta, este gênero possui tempo e espaço delimitados, poucos personagens e normalmente é composto por três partes: apresentação, complicação e desfecho. Essas partes também são chamadas de “situação inicial”, “desenvolvimento” e “situação final”. Vejamos como o gênero é descrito,

Um conto é uma narrativa curta. Não faz rodeios: vai direto ao assunto. No conto tudo importa: cada palavra é uma pista. Em uma descrição, informações valiosas; cada adjetivo é insubstituível; cada vírgula, cada ponto, cada espaço – tudo está cheio de significado. [...] (Fiorussi,2003, p.103).

Outra definição sobre o gênero conto é realizada pelo autor Magalhães Júnior na obra *A arte do conto*:

O conto é uma narrativa linear, que não se aprofunda no estudo da psicologia dos personagens nem nas motivações de suas ações. Ao contrário, procura explicar aquela psicologia e essas motivações pela conduta dos próprios personagens. A linha do conto é horizontal: sua brevidade não permitiria que tivesse um sentido menos superficial. Já o romance, em vez de episódico, como o conto, é, ao contrário deste, uma sucessão de episódios, interligados. E exige do autor tratamento diverso, quer na apresentação dos acontecimentos, quer no estudo dos personagens. O romance explora-os em sentido vertical, com uma profundidade a que o conto não pode aspirar. Outra distinção, em que insistem alguns críticos e ensaístas literários, é a de que o conto geralmente narra um acontecimento pretérito, ao passo que a romance história um acontecimento ou série de acontecimentos no tempo presente, à medida que estes se desenrolam (Magalhães, 1972, p. 10-11).

O autor diferencia o conto do gênero romance, afirmando que um ponto a observar é a sua extensão. O primeiro é mais curto, o segundo é maior. Outra diferença importante é que o romance possui uma série de episódios e no conto temos um apenas. Essa comparação é muito comum entre os teóricos, pois comumente os discentes apresentam dúvidas entre os gêneros textuais narrativos.

A escolha dos textos se dá pela facilidade com que o conto envolve os leitores,

proporcionando debate sobre o tema ao mesmo tempo em que mostra histórias diferentes envolvendo a temática da violência contra a mulher. Com esse tipo de texto, o imaginário e o real se entrecruzam de maneira harmoniosa. Sua aplicação em sala de aula pode favorecer o despertar discente para questões que discorrem sobre análise de texto literário, reflexão sobre a temática abordada (alusiva à violência contra a mulher), levando-o a um maior desenvolvimento da sua competência leitora.

3.4 O SER MULHER E A VIOLÊNCIA CONTRA O FEMININO

“Ninguém nasce mulher, torna-se mulher”, a tão conhecida frase do livro *Segundo sexo*, de Simone Beauvoir, reflete sobre a construção do feminino (castrado) e o macho na sociedade. Ainda segundo a autora, “nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade, é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam o feminino” (Beauvoir, 1967, v. 2, p. 9). Portanto, Beauvoir conclui que, diante dos papéis sociais delimitados pelo gênero, a mulher se encontra nessa condição e lugar específicos, sendo vista como o segundo sexo, o outro, não tão importante quanto o masculino.

Para perceber os diferentes tratamentos que a sociedade fomenta, basta observar a educação diferenciada fornecida aos meninos e às meninas. De um lado, há instruções, reforços para que o estereótipo de ser calma, passiva, familiar e dedicada ao lar seja vivenciado pela mulher. Do lado masculino, a aventura, o estudo, diversão são alimentados em sua personalidade.

Na vida adulta, a mulher é desencorajada a seguir de maneira autônoma, o medo percorre sua mente. Não é seguro andar à noite sozinha, necessitando sempre de uma figura masculina como sinônimo de proteção e segurança. O motivo pelo qual a diferença dada ao ser feminino, mulher, e ao masculino, homem, é chamada de patriarcado. Tiburi (2018), em sua obra, “Feminismo em Comum” discorre:

O que chamamos de patriarcado é um sistema profundamente enraizado na cultura e nas instituições [...]. Ele tem uma estrutura de crença firmada em uma verdade absoluta, uma verdade que não tem nada de “verdade”, que é, antes, produzida na forma de discursos, eventos e rituais. Em sua base está a ideia sempre repetida de haver uma identidade natural, dois sexos considerados normais, a diferença entre os gêneros, a superioridade masculina, a inferioridade das mulheres e outros pensamentos que soam bem limitados, mas que ainda são seguidos por muita gente

(Tiburi, 2018, p.27).

Está claro, devido às características descritas acima, que o patriarcado se constitui como maneira de exercer poder, produz e reproduz inúmeros tipos de violência, acrescentando a dor e sentimento de culpa pelas figuras que não querem perder os privilégios e desejam continuar no poder.

Renata Bravo, em seu livro *Feminicídio: tipificação, poder e discurso*, define o patriarcado:

O patriarcado é um sistema que organiza homens e mulheres de forma hierárquica díspar, naturalizando desigualdades que são construídas ao longo da história em cada sociedade a fim de que homens exerçam controle sobre as vidas de mulheres (Bravo, 2019, p.21).

Para complementar, bell hooks, em seu livro *E eu, não sou uma mulher?*, define o patriarcado como “o poder que os homens usam para dominar as mulheres, este não sendo apenas um privilégio das classes altas e médias dos homens brancos, mas um privilégio de todos os homens na sociedade sem olhar a classe ou a raça” (hooks, 1981, p. 64).

Essa superioridade, esse poder masculino reforçado desde a infância, resulta em uma naturalização que deve ser questionada e combatida. É comum presenciarmos reforços para que a figura feminina esteja sempre atrelada ao lar e à passividade, um exemplo básico é a ilustração das caixas de brinquedos. Comumente vemos meninas estampadas nas caixas de brinquedos alusivas às atividades domésticas. Portanto, a construção da superioridade masculina é realizada não apenas através de diversos processos sociais - como o homem ser o provedor do lar, a supressão de emoções e a preferência por esportes - mas também é reforçada pela mídia, que perpetua a ideia de passividade feminina.

Logo, a educação familiar e a vivência de cada indivíduo constroem os estereótipos do feminino e masculino, desmistificando a ideia da naturalização das personalidades.

O avanço dos ideais perpetuados pelas visões do patriarcado reforça no masculino uma ideia de poder sobre o corpo feminino, a ponto de cometer atos violentos.

Feminicídio é o termo utilizado para designar o assassinato de mulheres realizado em função do gênero. De forma resumida, é quando a vida da vítima é ceifada por ser mulher. Como afirmam Meneghel e Portella (2017, p. 3080),

Assim, os feminicídios são mortes femininas que se dão sob a ordem patriarcal, uma forma de violência sexista que não se refere a fatos isolados, atribuídos a patologias ou ciúmes, mas expressa ódio misógino, desprezo às mulheres e constituem mortes evitáveis e, em grande maioria, anunciadas, já que grande parte representa o final de situações crescentes de violências.

A palavra “feminicídio” surgiu na década de 1970, inserida no movimento feminista, definindo a morte de mulheres como ação de ódio e revelando característica específica da motivação, a exemplo: ser mulher. O termo originou-se da palavra “femicídio”, elaborado por Diana Russel (socióloga sul-africana) em 1976, quando participou de um simpósio intitulado “Tribunal Internacional de Crimes Contra Mulheres” em Bruxelas, Bélgica. Surgiu da ideia de que “homicídio” propõe uma visão global, sendo necessária a criação de uma palavra exclusiva para o gênero feminino. Femicídio surgiu de “fêmea”. A partir do lançamento do seu livro *“Femicídio: a política de matar mulheres”*, a antropóloga Marcela Lagarde transformou o termo para Feminicídio, alegando que em espanhol o termo “femicídio” não tinha a força necessária. No Brasil, decidiu-se por utilizar o mesmo termo proposto por Marcela Lagarde, “feminicídio”. Sobre o uso dos termos Bravo afirma:

Diversas são as definições de feminicídio, sendo que há uma diferenciação entre as autoras que usam o termo femicídio e aquelas que usam o termo feminicídio, sendo este o escolhido para o estudo em questão, todavia, embora tais controvérsias entre conceito e termos, é certo que as teorias possuem um único objetivo: analisar as mortes sexistas de mulheres e buscar romper com esse ciclo vicioso de violência e de marcação do corpo delas (Bravo, 2019, p.86).

Mas há um pensamento em comum em todos os estudiosos que analisam o feminicídio, é que este é o resultado do sistema patriarcal, dos papéis diferenciados, impostos nos gêneros e do poder desequilibrado entre eles. Como afirmam Meneghel e Portella,

O assassinato de mulheres é habitual no regime patriarcal, no qual elas estão submetidas ao controle dos homens, quer sejam maridos, familiares ou desconhecidos. As causas destes crimes não se devem a condições patológicas dos ofensores, mas ao desejo de posse das mulheres, em muitas situações culpabilizadas por não cumprirem os papéis de gênero designados pela cultura. As violências contra as mulheres compreendem um amplo leque de agressões de caráter físico, psicológico, sexual e patrimonial que ocorrem em um continuum que pode culminar com a morte por homicídio, fato que tem sido denominado de femicídio ou feminicídio (Meneghel; Portella, 2017, p. 3078-3079).

O crime do feminicídio foi instituído através da lei 13.104, mais conhecida como a “Lei do Feminicídio”, decretada pela presidente Dilma Rousseff em 9 de março de 2015, um dia após a comemoração do dia internacional da mulher.

A partir dessa data, o feminicídio transformou-se em crime, assassinato qualificado e foi designado como crime hediondo. Para entendermos melhor, no caso de um homicídio “simples” o tempo de pena varia entre 6 e 20 anos, no caso do feminicídio esse tempo é ampliado de 12 a 30 anos. Vale salientar que embora a maioria dos casos seja cometido por companheiros, ex-companheiros, a lei pode acolher casos em que o assassino for desconhecido.

Além disso, relações homoafetivas também são contempladas legalmente.

Sabendo que as mudanças culturais e de padrões são lentas e árduas de acontecerem, é importante atribuir responsabilidade ao criminoso para não deixar a sociedade sem resposta, para demonstrar o quão inadmissível é cometer violência contra a mulher, por isso a importância de tipificar esse tipo de crime. Para Renata Bravo,

A utilização da lei penal para os casos de violência contra a mulher e, mais especificamente, contra os feminicídios, é fundamental para a busca do fim generalizado da violência contra a mulher por meio de mudanças radicais na cultura da dominação masculina, segundo Jill Radford (1992, p. 264). Desse modo, a lei pode ser um desses chips que podem contribuir para desprogramar as naturalizações das questões de sexo e de gênero, alterando-se, portanto, a cultura patriarcal, machista, dominadora-exploradora de mulheres, de seus corpos e de suas vidas como a história vem percebendo há séculos, com pequena alteração positiva significativa (Bravo, 2019, p.101).

Divergente desse pensamento, Felipe Medina de Minas Gerais organizou uma proposta para revogar a lei do feminicídio, o abaixo assinado ainda conseguiu 20 mil votos e tornou-se uma sugestão legislativa. Segundo Medina,

O feminicídio, cuja lei foi sancionada como se as mulheres morressem por serem mulheres é um termo totalmente infundado que fere o princípio de igualdade constitucional. Qualquer crime contra qualquer pessoa em função de violência passional deve ter o agravante de crime hediondo. (sic) Ele continua: “Não temos lesbicídio, gaycídio, masculinício, muito embora, mesmo que possivelmente menos frequentes crimes passionais ocorrem em todos os gêneros e tipos de relação. Portanto pedimos a retirada desse termo "feminicídio" e inclua-se o agravante hediondo para qualquer crime por motivos passionais (sic) (Medina, 2017).

Porém, a infeliz sugestão foi rejeitada e em 22 de dezembro de 2017 teve sua tramitação encerrada. Contrariando o autor, Renata Bravo discorre:

Continuar aceitando que o uso do tipo do termo “homicídio” serve para tratar das questões das mortes das mulheres por pertencerem ao feminino é contribuir para a manutenção da ordem patriarcal, em que o homem aprende que o controle do corpo, da vida, da sexualidade da mulher pertence a ele, sendo-lhe facultada a prática de agressões para a retomada do exercício do poder patriarcal, tentando minimizar as resistências que emanam dessa relação e de que as mulheres tentam se valer (Bravo, 2019, p.170).

Apesar das conquistas importantes e significativas para as mulheres, ainda existem movimentos como o de Felipe Medina. Embora seja um tópico amplamente discutido na academia e nas escolas, a jornada para erradicar completamente a violência contra as mulheres ainda é longa.

3.4.1 Telles, Colasanti e Lispector: juntas em uma perspectiva feminista

Lygia Fagundes Telles foi uma escritora com caráter inovador e ganhou a alcunha de “Dama da literatura brasileira”. Autora de grandes livros, possui marca poética, sensível e precisa em seus textos. Intitula-se como uma escritora engajada, comprometida com a temática das desigualdades sociais. Como a própria escritora afirma: “Considero meu trabalho de natureza engajada, ou seja, comprometido com a nossa condição nesse escândalo de desigualdades sociais” (Telles, 2002, p.90).

Nasceu em 19 de abril do ano de 1918 e faleceu dia 03 de abril de 2022, de causas naturais. Seu primeiro livro, escrito na adolescência, chama-se *Porão e Sobrado*, foi apenas o início de uma longa carreira como autora. *Ciranda de Pedra*, escrito em 1945, rendeu uma adaptação novelesca pela rede globo em 1981. Ganhadora diversas vezes do prêmio Jabuti e outros prêmios como “Prêmio Arthur Azevedo” e “Camões”.

Foi procuradora do Instituto de Previdência do Estado de São Paulo e presidente da Cinemateca Brasileira.

Em seu livro *Antes do Baile Verde*, publicado em 1970, o contexto social da ditadura militar, época de repressão e silenciamento de opiniões, o conto “Venha ver o pôr-do-sol” discorre sobre a violência, o machismo e o feminicídio.

O conto inicia com a apresentação de Raquel, ao subir a ladeira e seguir para o encontro com seu ex-namorado, Ricardo. Ricardo, por sua vez esperava-a encostado a uma árvore em frente ao local inusitado para um encontro, um cemitério abandonado. A história desencadeia-se em torno do convite de Ricardo a sua ex-namorada, Raquel. O que parecia um encontro romântico e inocente, transforma-se em um show dos horrores e tem final trágico.

A sugestão de Ricardo ao escolher o cemitério abandonado é embasada no argumento do local ter um pôr-do-sol incrível e é pautado nessa afirmativa que conduz Raquel durante toda a caminhada pelo cemitério até chegar a uma catacumba.

Ricardo cria toda uma narrativa para convencer Raquel a não ir embora e afirma que todos os seus parentes estão ali enterrados. Ao narrar a morte de sua suposta prima, Maria Emília, 15 anos, o personagem descreve semelhanças entre Raquel e a sua prima. Nesse momento, Raquel é convencida a entrar na catacumba e verificar a semelhança descrita. Oscilando entre ficar e ir embora, Raquel sente curiosidade. Ao acender um fósforo e constatar a data do falecimento de Maria Emília datado há mais de cem anos, Raquel desmascara Ricardo:

Mas está tão desbotado, mal se vê que é uma moça... - Antes da chama se apagar, aproximou-a da inscrição feita na pedra. Leu em voz alta, lentamente. - Maria Emília, nascida em vinte de maio de mil e oitocentos e falecida... - Deixou cair o palito e ficou um instante imóvel. - Mas esta não podia ser sua namorada, morreu há mais de cem anos! Seu menti.... Um baque metálico decepcionou-lhe a palavra pelo meio. Olhou em redor. A peça estava deserta. Voltou o olhar para a escada. No topo, Ricardo a observava por detrás da portinhola fechada. Tinha seu sorriso – meio inocente, meio malicioso. - Isto nunca foi o jazigo da sua família, seu mentiroso! Brincadeira mais cretina! - exclamou ela, subindo rapidamente a escada. - Não tem graça nenhuma, ouviu? (Telles, 1999, p. 99).

Ricardo, por sua vez, tranca Raquel rapidamente. Raquel acredita ser uma brincadeira de mau gosto, porém, logo se dá conta do plano macabro efetuado por seu ex-companheiro sádico e perverso, desespera-se. Ricardo afirma que ela verá um pôr-do-sol inesquecível, a chama de “meu anjo” e vai embora.

O conto relata violência contra mulher culminando em feminicídio cometido por Ricardo, personagem que mostra incômodo por Raquel seguir a sua vida após o término do romance; além disso, a personagem seguiu a vida e encontrou outro parceiro, mais favorecido financeiramente do que Ricardo, o que também causa incômodo a ele:

- Ele é tão rico assim?
- Riquíssimo. Vai me levar agora numa viagem fabulosa até o Oriente. Já ouviu falar no Oriente? Vamos até o Oriente, meu caro...
Ele apanhou um pedregulho e fechou-o na mão. A pequenina rede de rugas voltou a se estender em redor dos seus olhos. A fisionomia, tão aberta e lisa, repentinamente escureceu, envelhecida. Mas logo o sorriso reapareceu e as rugazinhas sumiram (Telles, 1999, p.96).

Todas essas descrições a respeito da vida presente de Raquel reforçam a dificuldade de Ricardo em seguir em frente. Podemos observar traços dominadores e de psicopatia em Ricardo, quando Raquel compartilha a situação financeira da nova paixão.

Além disso, o crime fora premeditado, é fácil constatar tal fato, pois a escolha do local distante, abandonado, sem movimentação, a troca de fechadura recente, a história contada sobre a sua prima Maria Emília, demonstram uma série de informações colhidas por Ricardo antes do dia do encontro final.

O feminicídio cometido por Ricardo revela a visão do patriarcado, da posse sobre a mulher e o seu corpo. Como afirma:

[...] a instância última de controle da mulher pelo homem: o controle da vida e da morte. Ele se expressa como afirmação irrestrita de posse, igualando a mulher a um objeto, quando cometido por parceiro ou ex-parceiro; como subjugação da intimidade e da sexualidade da mulher, por meio da violência sexual associada ao assassinato; como destruição da identidade da mulher, pela mutilação ou desfiguração de seu corpo; como aviltamento da dignidade da mulher, submetendo-a a tortura ou a tratamento cruel ou degradante (Brasil, 2013, p. 1003).

Embora seja ficção, a literatura permite analisar e enxergar o que acontece diariamente e faz parte do cotidiano feminino.

Sobre a possibilidade de fazer refletir e nos tornar sensíveis a partir da leitura literária, Compagnon (2009, p. 47) discorre: “A literatura deve, portanto, ser lida e estudada porque oferece um meio – alguns dirão até mesmo único – de preservar e transmitir a experiência dos outros, aqueles que estão distantes de nós no espaço e no tempo, ou que diferem de nós por suas condições de vida”. Nesse contexto, é relevante destacar o trabalho de escritoras que, por meio de suas obras, contribuem para a reflexão e sensibilização sobre questões de gênero, umas dessas autoras é Marina Colasanti, escritora contemporânea, atuante na luta a favor das mulheres serem conscientes da sua condição.

Nascida em 1937 na Etiópia, começou a residir no Brasil com 11 anos. Formada em Artes, trabalhou como jornalista, publicitária e produtora; casada com o escritor Affonso Romano de Sant’anna, é descrita como uma escritora engajada, que denuncia as opressões e acredita no poder da leitura: “A leitura tem a ver com a qualidade da vida, o enriquecimento da vida, a diversidade da vida. Tem a ver com a apropriação de experiências que nunca se viveram” (Colasanti, 2021, p.363).

Na literatura escreveu contos, crônicas, poemas, ensaios, histórias infantis e infanto-juvenis, totalizando mais de quarenta obras. Sobre a sua escrita, a própria autora se descreve como uma escritora ligada às emoções. Vejamos um trecho da sua resposta, fornecida em uma entrevista para o Jornal *O Estado de São Paulo*, ao ser questionada sobre suas maneiras de contar histórias:

O que quero é emocionar, fazer pensar, deixar coisas em aberto, surpreender. Não quero dar o que querem porque isso não vai acrescentar nada: vai ser o que já conhecem. Quero dar literatura, ou seja, a palavra em vários níveis, contos com várias possibilidades de interpretação (Colasanti, 2017).

A escrita de Colasanti contribui com as causas da luta feminista. Sua obra literária versa sobre o feminino, o ser mulher, relações conjugais, submissão e patriarcado.

Ganhadora do Prêmio Jabuti 8 vezes, ela conquistou diversas outras premiações, como o da Câmara Brasileira do livro, da Associação Brasileira de Críticos de Arte, do Concurso Latino-americano de contos, entre outros.

A autora acredita no feminismo e estuda a situação das mulheres na história. Hoje em dia, também realiza palestras e versa sobre a temática feminista. Ela soube utilizar a literatura como forma de relatar, denunciar o machismo e a visão sexista.

O miniconto selecionado chama-se “Porém Igualmente” e faz parte da obra *Um*

Espinho de Marfim & outras histórias, publicado no ano de 1999; embora curto, possui início, meio e fim. Vejamos.

É uma santa. Diziam os vizinhos. E D. Eulália apanhando.

É um anjo. Diziam os parentes. E D. Eulália sangrando.

Porém igualmente se surpreenderam na noite em que, mais bêbado que de costume, o marido, depois de surrá-la, jogou-a pela janela, e D. Eulália rompeu em asas o vôo de sua trajetória (Colasanti, 1999, p. 44).

É perceptível que a intensidade da narrativa provoca reflexão sobre a vivência do feminino na atualidade. O uso do tempo verbal no gerúndio demonstra que D. Eulália era agredida frequentemente pelo seu cônjuge alcóolatra. Os vizinhos a adjetivaram como “santa”, os parentes como “anjo”, adjetivos alusivos a algo sagrado, ligado ao divino, o que reforça a ideia de positivo, a não reação diante da violência sofrida.

No texto percebemos um incentivo ao comportamento submisso, passivo de D. Eulália através dos vizinhos e parentes, pois, ao perceberem as agressões cometidas, não a encorajam, tampouco oferecem ajuda, mas atribuem características ligadas ao campo religioso. Como afirma Gomes (2019, p. 397):

Em “Porém igualmente”, Colasanti aborda a omissão da família e dos vizinhos no caso dos espancamentos que antecedem o feminicídio. A protagonista, D. Eulália, vivia apanhando, mas ninguém se metia na história dela. Para os vizinhos e familiares era vista como “santa” e “anjo” (Colasanti, 2012: 41). Com a omissão social, a mulher vítima de espancamentos tende a sucumbir diante de tanta violência. No conto não é diferente: “o marido, depois de surrá-la, jogou-a pela janela” (2012: 41). Nesse caso, a violência é praticada como um exercício de força e controle do corpo da mulher. Não há referência a erros que ela tenha cometido. O narrador reforça o silêncio dos que presenciavam os abusos, descrevendo o quanto a omissão também é parte da violência. Nesse conto, o uso do álcool é usado como desculpa para o descontrole masculino, mas o que prevalece é a falta de atitude dos sujeitos que abandonaram a mulher à rotina de espancamentos.

Após sofrer diversas agressões, causou espanto aos vizinhos e parentes o fato de o cônjuge de D. Eulália, após agredi-la, jogá-la pela janela, causando a morte, cometendo, então, o crime do feminicídio. Sobre a agressão contra as mulheres, bell hooks afirma que,

Em uma cultura de dominação, todo mundo é socializado para enxergar violência como meio aceitável de controle social. Grupos dominantes mantêm poder através da ameaça (aceita ou não) de que castigo abusivo, físico ou psicológico, será usado sempre que estruturas hierárquicas em exercício forem ameaçadas, quer seja em um relacionamento homem-mulher, quer seja na conexão entre pais ou mães e crianças. [...] O pensamento sexista continua a apoiar a dominação masculina e a consequente violência (hooks, 2019, p. 99).

O miniconto lançado na década de 90 denuncia a passividade das pessoas em não agir diante da violência cometida contra as mulheres, relata também a dificuldade em denunciar e

alcançar a rede de apoio, pois, muitas vezes, a violência masculina é aceita e apoiada através de uma visão patriarcal. Assim, “a violência patriarcal em casa é baseada na crença de que é aceitável que um indivíduo mais poderoso controle outros por meio de várias formas coercitivas” (hooks, 2019, p. 95).

Em sua escrita, Colasanti objetiva transformação cultural e, mesmo lançado há mais de 20 anos, a luta pela igualdade e direito feminino ainda permanecem. A escrita de Colasanti

Reflete uma ideologia crítica acerca dos valores sociais, visando a mudanças de atitudes na cultura. Ela realiza o resgate dos mitos que aparecem, basicamente, como suporte para a valorização de um discurso do corpo, de uma voz feminina calada por vários anos de repressão, sugerindo a manifestação dos desejos de individuação e ascensão (Torres, 2008, p. 06).

Clarice Lispector nasceu no dia 10 de dezembro de 1920 na Ucrânia, mas veio residir no Brasil ainda bebê. É uma das escritoras mais conhecidas da literatura brasileira, possui uma escrita marcante, valorizando o olhar interior. Era apaixonada pelo ato de escrever: “Cheguei mesmo à conclusão de que escrever é a coisa que mais desejo no mundo, mesmo mais que amor” (Lispector, 2007, p. 23). Para a escritora o ato de escrever era prazeroso e emocionante: “Escrevo porque encontro nisso um prazer que não sei traduzir. Não sou pretensiosa. Escrevo para mim, para que eu sinta a minha alma falando e cantando, às vezes chorando” (Lispector, 2007, p. 27).

Foi ganhadora dos prêmios Jabuti (1961 e 1978), Graça Aranha, Carmen Dolores Barbosa, entre outros. Autora de grandes livros da literatura brasileira, como *A Hora da Estrela*, *Perto do Coração Selvagem* e *Laços de família*.

Embora não se rotulasse como feminista, Lispector apoiava e defendia a independência feminina.

O conto “A língua do P” foi escrito e publicada no ano de 1974, integra o livro *A Via Crucis do Corpo*. No texto são abordados os assuntos: estupro, violência e feminicídio.

Cidinha, personagem principal, professora de inglês, residia em Minas Gerais e planejava uma viagem para fora do país. No dia da sua viagem precisa tomar um trem com destino ao Rio de Janeiro. Ao embarcar, a professora depara-se com uma senhorinha dormindo. Após uma parada, dois homens sobem e se sentam em sua frente. Nesse momento, Cidinha sente-se mal e tem um mau pressentimento, a presença dos dois homens causa-lhe desconforto e intenso incômodo. Os dois homens a encaram e Cidinha (que ainda é virgem) teme o que poderia ser feito com ela. A viagem segue, os dois homens conversam utilizando a língua do P, por isso o nome do conto, o que eles não sabem é que Cidinha logo começa a entender a conversa, pois na infância era comum brincar utilizando a mesma língua. Sem

revelar a habilidade da tradução, Cidinha descobre um plano macabro e violento dos dois homens:

Os dois continuaram:- Queperopo cupurrapar apa mopoçapa. Epe vopocêpê ?- Tampambémpém. Vapaipi serper nopo tupunelpel. Queriam dizer que iam currá-la no túnel...O que fazer? Cidinha não sabia e tremia de medo. Ela mal se conhecia. Aliás nunca se conhecera por dentro. Quanto a conhecer os outros, aí e que piorava. Me socorre, Virgem Maria! Me socorre! Me socorre! - Sepe repesispis tirpir popodepospos mapatarpar epelapa. Se resistisse podiam matá-la. Era assim então.- Compom umpum pupunhalpal. Epe roupoubarpar epelapa. Matá-la com um punhal. E podiam roubá-la (Lispector, 1998, p.68).

Após a terrível descoberta, a personagem principal decide usar uma estratégia para sobreviver e finge, então, ser prostituta. Começa a dançar e seduzir os dois rapazes. Ao perceber essa atitude, o bilheteiro a expulsa na próxima estação. Não bastasse vivenciar todo o medo, ainda é humilhada pelos dois homens e por uma mulher que subiu na mesma estação que Cidinha fora expulsa. Cidinha fica reclusa alguns dias na prisão, porém, consegue seguir viagem. Ao perceber que Cidinha está a salvo, o leitor é conduzido a uma falsa sensação de alívio, pois no fim do conto é revelado o cumprimento do plano violento dos dois homens. Não com Cidinha, mas com aquela mulher que a humilhou na descida da estação. A atitude dos dois homens demonstra o padrão da sexualidade masculina. Conforme Gomes (2014, p.788),

No campo social, isso não é muito diferente, os estupradores, mal se distanciam da cena de estupro, voltam às atividades cotidianas, sem recorrer a nenhum ritual de purificação ou de reintegração. Além disso, o conto retrata um ato sexual de violência muito comum na vida urbana, pois, não satisfeitos de explorarem suas vítimas, ainda tiram suas vidas para não serem denunciados. Lia Zanotta Machado destaca que o assassinato é parte do ritual em que prazer e sadismo macabro se confundem, pois, o abuso sexual é usado como um meio para o femicídio, resultado da violência física contra a mulher.

“A língua do P” discorre sobre a violência psicológica, a violência física e a relativização da mulher diante dos seus agressores. Cidinha, uma professora, ainda sem vida sexual ativa, é assediada em um trem e tomada pelo medo da violação do seu corpo utilizando como estratégia de sobrevivência fingir ser prostituta. O seu plano consegue êxito, porém, é humilhada e exposta. Mesmo com a presença do motorista maquinista, não sentiu segurança para denunciar, ter o seu discurso validado. Decide seguir o que planejara, é presa durante três dias, depois consegue seguir sua viagem rumo a Londres. E infelizmente os criminosos conseguem seguir a vida também. Sobre o crime estupro Fletcher discorre:

Dada esta tendência global, mulheres e homens aceitam a violência sexual como normal e interminável. Em sua aceitação, eles tacitamente aprovam a noção de que os corpos das mulheres e das crianças pertencem aos homens para que os tratem de

acordo com sua vontade. Como resultado, a instituição injusta do patriarcado que tolera e sustenta uma cultura de estupro, que desumaniza mulheres e meninas, tende a não ser examinada e contestada. A cultura do estupro é violenta e tem consequências sérias. Ela fere os direitos humanos, em especial os direitos humanos das mulheres. (2010, p. 1, apud SOMMACAL, 2016, p. 59).

Logo, no conto “A língua do P”, a violência e o medo são expostos por meio da narrativa do fluxo da consciência de Cidinha. Assim como muitos não entendem “A língua do P”, não há como entender a prática do estupro e o feminicídio.

4. METODOLOGIA

Para a realização deste trabalho, foi feita uma pesquisa de características qualitativas com atuação. A escola escolhida chama-se Escola Municipal CAIC Misael Aguilar, localizada no município de Juazeiro-BA. A execução do projeto foi realizada em uma turma de 9º ano - Ensino Fundamental - Anos Finais. Nessa abordagem, os alunos contribuíram com opiniões, sugestões e participaram ativamente de todo o percurso prático do projeto. Esse tipo de pesquisa, diante da experiência discente, permite ao pesquisador efetuar análises e interpretações para a reflexão e exposição de resultados.

4.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA ESCOLA

Este projeto de pesquisa tem como público-alvo uma turma de 9º ano do Ensino Fundamental II da Escola Municipal CAIC Misael Aguilar. No tocante ao porte, a escola atende a 740 alunos nos turnos matutino e vespertino nas modalidades de Ensino Fundamental I (1º ao 5º ano) e Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano). Localizada na cidade de Juazeiro, Bahia, essa instituição está localizada na Rua Dom Lucas Moreira Neves, S/N no bairro Antônio Conselheiro.

O Colégio atende aos bairros Antônio Conselheiro, Malhada da Areia, CODEFAS (São Vicente), Argemiro, Piranga I e II, Nova Esperança, Invasão Rio Jordão, Américo Tanury, Residencial São Francisco, Residencial Mairi, Residencial Dr. Humberto e Jardim das Acácias. Os discentes desta instituição possuem familiares trabalhadores de fazendas de uva da região, colaboradores que atuam de maneira formal e informal em residências familiares, diaristas, trabalhadores ambulantes e aqueles que sobrevivem com a renda fornecida através dos programas assistenciais do governo.

A escola foi inaugurada em 1998, inicialmente funcionava nos turnos matutino e vespertino, oferecendo apenas a Educação Infantil e séries iniciais. Em 2003 o ensino foi ampliado para os anos finais (6 ao 9 ano), que funcionava no turno vespertino. Cabe mencionar que no ano de 2021, a escola recebeu a ajuda da Polícia Militar e tornou-se a primeira escola municipal da cidade a enquadrar-se na perspectiva do ensino militar. A ação

se fez necessária, pois os próprios docentes caracterizavam os alunos como indisciplinados ao extremo e suspeitavam do uso de drogas por parte dos discentes. Além disso, os pais do bairro Antônio Conselheiro e circunvizinhos temiam colocar os seus filhos nesta escola, por conta desses rótulos, e só matriculavam sua prole caso não tivesse vaga em outra escola.

A escola possui espaço físico adequado para possibilitar à comunidade escolar e local vivenciar ações de cunho esportivo/cultural. Demonstra também ser adequada ao atendimento de cada segmento de ensino. Possui quadra poliesportiva, salas de aula espaçosas, refeitório amplo, biblioteca, banheiros comuns/banheiros adaptados, sala dos professores, secretaria e diretoria.

A escolha por essa instituição escolar deu-se inicialmente por ser docente efetiva e pela sua localização, já que o bairro e seus arredores possuem um alto número de pessoas humildes, tornando-se, assim, uma região carente de acesso a bens culturais. Meu trabalho nessa escola sempre está envolto de afeto e empatia. Estabeleço diálogos com meus alunos sobre suas perspectivas futuras, seus sonhos e sobre o que pode ser alcançado por meio dos estudos. Cada aula é única; o trabalho não é fácil, mas minha postura nunca é de reclamação, e sim de busca por estratégias que facilitem o aprendizado de Língua Portuguesa.

A dificuldade na leitura também é uma preocupação constante e uma reclamação frequente entre os docentes. Além disso, considero de extrema importância debater o tema da pesquisa em todos os espaços possíveis, especialmente naqueles mais afastados e frequentemente ignorados pelas forças políticas. Em 2021, a escola na qual lecionava encerrou suas atividades com o Ensino Fundamental II, e toda a equipe de professores migrou automaticamente para a Escola Municipal CAIC Misael Aguilar. Sendo assim, precisei me adaptar a essa nova realidade e lecionar nesse novo espaço, ministrando as disciplinas de Língua Portuguesa e Língua Inglesa para as turmas dos anos finais.

O objetivo deste projeto é utilizar estratégias de letramento literário e outros procedimentos pedagógicos para levar o aluno a refletir sobre a violência patriarcal.

4.2 APLICAÇÃO

Com o intuito de proporcionar uma experiência autêntica na Literatura por meio do conceito de Letramento Literário, é recomendável adotar estratégias inspiradas nas reflexões apresentadas aqui, utilizando um módulo didático que possibilite alcançar os objetivos

propostos.

4.2.1 Etapas Didático-Pedagógicas

A partir das leituras dos teóricos Lajolo (2012), Candido (2004), Cosson (2006), Dalvi (2013), Kleimann (1995) e Marcuschi (2001), que frequentemente discorrem sobre o ensino de leitura e literatura no ambiente escolar, optou-se por desenvolver um módulo didático autoral. Esse módulo leva em consideração a necessidade de abordar a literatura e a questão da violência contra a mulher, utilizando como base textos literários produzidos por autoras mulheres, tais como Lygia Fagundes Telles, Clarice Lispector e Marina Colasanti.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho foi desenvolvido com o objetivo de abordar, junto aos alunos dos últimos anos, a temática da violência contra a mulher, utilizando a literatura como um espelho para refletir a realidade que é apresentada diariamente nos noticiários.

Acredito firmemente que o ambiente escolar é um dos melhores espaços para discutir e promover questionamentos sobre temas que permeiam o social. Assuntos como machismo, patriarcado e feminismo podem e devem ser abordados em locais onde os jovens se sintam confortáveis para expressar suas opiniões e refletir.

Este trabalho pode ser visto como um primeiro passo, uma espécie de bússola, para despertar novas formas de abordar a temática da violência contra a mulher. Além disso, prioriza o uso do texto literário no contexto escolar, proporcionando uma abordagem mais profunda e reflexiva.

Espero que este estudo seja utilizado para futuras discussões e ações que visem combater a violência contra a mulher e promover a igualdade de gênero. Através da literatura, podemos dar voz àqueles que são frequentemente silenciados e trazer à luz questões que são muitas vezes ignoradas ou mal compreendidas.

Como educadores de Língua Portuguesa, é de suma importância que façamos uma reflexão contínua sobre o papel que a literatura desempenha em nossa prática pedagógica. Devemos questionar se estamos proporcionando aos nossos alunos a oportunidade de vivenciar textos literários de maneira significativa.

É notório que muitos de nossos alunos são negligenciados em aspectos fundamentais, incluindo o acesso à cultura. Portanto, ao trabalhar com literatura, não apenas facilitamos o desenvolvimento crítico dos alunos, mas também proporcionamos a eles acesso a um bem cultural valioso.

Em resumo, a literatura deve ser vista não apenas como uma ferramenta de ensino, mas também como um meio de empoderamento cultural e desenvolvimento crítico. Como educadores, temos a responsabilidade de garantir que nossos alunos tenham acesso a essas oportunidades.

REFERENCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

AZAMBUJA E SOUZA, Jorceline e Maria Letícia. O Estudo do Texto como Técnica de Ensino. In: **Técnicas de Ensino: Por que não?** 11.ed. Campinar: Papyrus, 2000.

BARROS, Francisco Dirceu. **Estudo Completo do Femicídio**. 2015. Disponível em: <http://www.impetus.com.br/artigo/876/estudo-completo-do-femicidio>. Acesso em: 12. fev. 2023.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: a experiência vivida**. Trad. Sérgio Millet. 2. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

BORELLI, Olga. **Clarice Lispector: esboço para um possível retrato**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

BRASIL. **Comissão Parlamentar Mista de Inquérito sobre Violência contra a Mulher**. Relatório final. Brasília, 2013. 1048p.

BRAVO, Renata. **Femicídio – tipificação, poder e discurso**. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2019. 200p.

BUNCH, Charlotte. Hacia una revisión de los Derechos Humanos. In: BUNSTER, Ximena; ENLOE, Cynthia; RODRIGUES, Raquel. (Org.). **La mujer ausente: derechos humanos en el mundo**. Santiago: Isis Internacional, 1991.

CABRAL, Luana Nunes; BARBOSA, Anna Christina Freire. **A tipificação da violência contra a mulher no município de Juazeiro**. *Biblionline*, João Pessoa, v. 16, n. 3/4, p. 78-93, 2020.

CANDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: **Vários Escritos**. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul/ São Paulo: Duas Cidades, 2011.

COLASANTI, Marina. Porém igualmente. In: **Um espinho de Marfim & outras histórias**. Porto Alegre: L&PM, 1999.

COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê?** Belo Horizonte: editora UFMG, 2009.

COSSON, Rildo. **Leitura compartilhada: uma prática de letramento literário**. *Interdisciplinar-Revista de Estudos em Língua e Literatura*, v. 33, p. 13-29, 2020.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

CULLER, Jonathan. Identidade, identificação e sujeito. Trad. de Sandra Vasconcelos. In: **Teoria literária: uma introdução**. São Paulo: Beca Produções Culturais Ltda, 1999. p. 107-117.

DALVI, Maria Amélia. Educação, literatura e resistência. MACEDO, Maria do Socorro

Alencar Nunes. **A função da literatura na escola: resistência, mediação e formação.** São Paulo: Parábola, p. 17-44, 2021.

DALVI, Maria Antonieta; REZENDE, Neide Luzia de; JOVER-FALEIROS, Rita. **Leitura de Literatura na Escola.** 1. ed. São Paulo, SP: Parábola Editorial, 2013.

DE MORAES, Paulo Eduardo Benites; DE SOUZA, Maria Alice Sabaini. **A escrita do feminino: assédio e feminicídio no conto Venha ver o pôr-do-sol, de Lygia Fagundes Telles.** Revista Criação & Crítica, n. 29, p. 121-144, 2021.

DOS SANTOS ALVES, Regina Célia; RONQUI, Ângela Simone. **A representação da violência contra a mulher em alguns contos de Marina Colasanti.** IPOTESI-REVISTA DE ESTUDOS LITERÁRIOS, v. 13, n. 2, 2009.

EXTINÇÃO do termo feminicídio e agravante para qualquer crime passional. [S. l.], 5 set. 2017. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/ecidadania/visualizacaoideia?id=73169>. Acesso em: 12 fev. 2023.

FERREIRA, Fraancisco Eduardo. **No Brasil, uma mulher é vítima de violência a cada quatro horas.** Agência Brasil, Rio de Janeiro, 07 mar. 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-03/no-brasil-uma-mulher-e-vitima-de-violencia-cada-quatro-horas#>. Acesso em 01 mai. 2023.

FIORUSSI, André. In: Antônio de Alcântara Machado et al . **De conto em conto.** São Paulo; Ática, 2003.

GOMES, Carlos Magno. **O femicídio na ficção de autoria feminina brasileira.** Revista Estudos Feministas, v. 22, p. 781-794, 2014.

GOMES, Carlos Magno. **Os espectros do feminicídio em Lygia Fagundes Telles.** Revista Araticum, v. 19, n. 1, p. 23-38, 2019.

GOMES, Carlos Magno. **Uma perspectiva antropológica do feminicídio nos contos de Marina Colasanti.** Revista Ártemis, v. 27, n. 1, p. 392, 2019.

GOTLIB, Nádya Batella. **Teoria do conto.** 8.ed. São Paulo: Editora Ática, 1998. 95 p.

HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras.** Trad. Ana Luiza Libânio, Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

HOOKS, bell. **“E eu não sou uma mulher?”: Mulheres negras e feminismo.** Trad. Bhuvli Libanio. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

Jornal A tarde. Bahia é o estado com mais feminicídios do Nordeste. Disponível em: <http://www.mulheres.ba.gov.br/2023/03/3684/Bahia-e-o-estado-com-mais-feminicidios-do-Nordeste.html>. Acesso em: 19 out. 2023.

KLEIMAN, Angela. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: KLEIMAN, Angela (Org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita.** Campinas: Mercado de Letras, 1995. p. 15-61.

KLEIMAN, Angela. MORAES, Silvana. **Leitura e interdisciplinaridade: tecendo redes nos projetos da escola**. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

KLEIMANN, Ângela B. (Org.) **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995.

LAJOLO, Marisa. Leitura e Literatura: Direito, dever ou prazer? In: TENÓRIO, Anco et al. **O Direito à Literatura**. [S. l.]: : Ed. Universitária da UFPE, 2012. 160 p.

LAJOLO, Marisa. O texto não é pretexto. In. **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. 3ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1984.

LISPECTOR, Clarice. A língua do P. In. **A Via Crucis do corpo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LISPECTOR, Clarice. **Minhas queridas**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

MAGALHÃES, J. R. **A arte do conto**. Rio de Janeiro: Boch, 1972.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Oralidade e Letramento**. São Paulo: Contexto, 2001.

MARINA Colasanti faz 80 anos e lança vários livros. [S. l.], 2 out. 2017. Disponível em: <https://www.marinacolasanti.com/2017/10/marina-colasanti-faz-80-anos-e-lanca.html>. Acesso em: 14 fev. 2023.

MENEGHEL, Stela Nazareth; PORTELLA, Ana Paula. **Feminicídios: conceitos, tipos e cenários**. Ciência e Saúde Coletiva. Vol. 22, n.9, 2017.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária: introdução à problemática da literatura**. 8. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1977.

MORAES, Paulo Eduardo Benites; SOUZA; Maria Alice Sabaini. **A escrita do feminino: assédio e feminicídio no conto Venha ver opôr-do-sol, de Lygia Fagundes Telles**. Criação & Crítica, n. 29, p., mai. 2021. Disponível em: <<http://revistas.usp.br/criacaoecritica>>. Acesso em: 21 de mar. 2023.

NUNES CABRAL, Luana; FREIRE BARBOSA, Anna Cristina. **Tipificação da violência contra a mulher no município Juazeiro/BA**. Biblionline, v. 16, n. 3/4, p. 78–93, 2021.

PASINATO W, coordenador. **Diretrizes nacionais Feminicídio. Investigar, processar e julgar com a perspectiva de gênero. As mortes violentas de mulheres**. Brasília: ONU Mulheres, Secretaria de Política para as Mulheres, Secretaria Nacional de Segurança Pública; 2016.

PAULINO, Graça; COSSON, Rildo. A literatura no território dos direitos humanos. In: TENÓRIO, Anco et al. **O Direito à Literatura**. [S. l.]: : Ed. Universitária da UFPE, 2012. 160 p.

PAULINO, Graça; COSSON, Rildo. Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola. In: ZILBERMAN, R.; ROSING, T. M. K. (Org.). **Escola e Leitura: velhas crises, novas alternativas**. São Paulo: Global, 2009.

RICHE, Rosa Maria Cuba; FERREIRA, Eliane Aparecida Galvão Ribeiro. MARINA COLASANTI. **Miscelânea: Revista de Literatura e Vida Social**, v. 29, p. 357-363, 2021.

ROUXEL, Annie. Aspectos metodológicos do ensino da literatura. In: **Leitura de literatura na escola**. São Paulo: Parábola, 2013.

SILVA, Vera Maria Tietzmann. **Leitura literária & outras leituras. Impasses e alternativas no trabalho do professor**. Belo Horizonte: RHJ Editora, 2009.

SOARES, Magda. Letramento e escolarização. In: RIBEIRO, Vera Masagão (Org.). **Letramento no Brasil: reflexões a partir do INAF**. São Paulo: Global, 2003.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

SOMMACAL, Clariana Leal. **Culpabilização da vítima de estupro**. 2016. 87 f. Monografia (Especialização) - Curso de Direito, Universidade do Sul de Santa Catarina, Florianópolis, 2016. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/7277>. Acesso em: 14 fev. 2023.

TEIXEIRO, Alva Martínez. **Hora de tirar o espartilho –A problemática feminina nos contos de Lygia Fagundes Telles**. Navegações, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 112-117, jul./dez. 2016. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/navegacoes/article/download/25525/15516>. Acesso: 21 mar. 20223.

TELLES, Lygia Fagundes. "Venha ver o pôr do sol". In: TELLES, Lygia Fagundes. **Antes do baile verde**. 16. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p. 123-131.

TELLES, Lygia Fagundes. **Durante aquele estranho chá**. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

TITÃS. Comida. In: TITÃS. **Jesus não tem dentes no país dos banguelas**. [S.l.]: WEA, 1987. 1 disco sonoro.

TORRES, Maximiliano. **A desconstrução do feminino em Grimm e Marina Colasanti**. UFRJ, Rio de Janeiro, 2008.

ZAPPONE, Mirian Hisae Yaegashi; DO NASCIMENTO, Stéfanny Barranco. Letramento ficcional e letramento literário: reflexões sobre usos de textos ficcionais a partir dos estudos de letramento. *Veredas: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas*, n. 32, p. 165-188, 2019.

Zilberman, R. (2008). O PAPEL DA LITERATURA NA ESCOLA. *Via Atlântica*, 1(14), 11-22.

ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Literatura e pedagogia: ponto e contraponto**. 2. ed. São Paulo: Global; Campinas, SP: ALB- Associação de Leitura do Brasil, 2008.

APENDICE

APENDICE A - CADERNO PEDAGÓGICO - VERSÃO PROFESSOR

Eulálias, Cidinhas e Raquéis: Tecendo uma proposta literária em defesa da mulher.

EULÁLIAS, CIDINHAS E RAQUÊIS:

TECENDO UMA PROPOSTA
LITERÁRIA EM DEFESA DA MULHER



APRESENTAÇÃO

Caro(a) docente e discente,

Sou Lorena Nogueira, mestra em Letras pela Universidade Federal de Sergipe e docente da rede municipal de Juazeiro-BA. Esse texto tem o objetivo de apresentar um caderno pedagógico para orientar e também suscitar o trabalho sobre a temática violência contra a mulher utilizando os textos literários "Venha ver o pôr-do-sol", "A língua do P" e, "Porém, igualmente", respectivamente das autoras: Lygia Fagundes Telles, Clarice Lispector e Marina Colasanti.

É veiculado diariamente o quanto o gênero feminino sofre violência de diversas formas. Acredita-se que o espaço escolar é o ambiente adequado para dialogar sobre essa temática, além de propiciar o contato com a literatura e tornar realidade o letramento literário.

O presente caderno pedagógico possui a precípua finalidade de viabilizar uma série de atividades, fundamentadas em recursos didáticos. As sugestões elencadas podem sofrer adaptações e podem ser vivenciadas por conto ou de maneira integral. Aqui são propostos recursos com o objetivo de criar estratégias de letramento literário com alunos(as) dos anos finais do Ensino Fundamental II, preferencialmente nas turmas de 8 e 9 anos. É importante ressaltar que os textos literários disponibilizados aqui discorrem sobre a temática da violência contra a mulher.

Esse trabalho resulta de uma pesquisa do Mestrado Profissional em Letras, cujo programa chama-se "ProLetras" e foi produzido na Universidade Federal de Sergipe sob a orientação do Prof. Dr. Alexandre de Melo Andrade.

Espera-se que ao final desta experiência o(a) docente entenda a viabilidade do trabalho com a Literatura à luz de assuntos da atualidade que urge debate e reflexão no contexto escolar e que os discentes vivenciem o caderno pedagógico pondo em prática as sugestões elencadas.

Objetivos:

- Incentivar a leitura literária;
- Estudar autoras brasileiras;
- Desenvolver atividades sobre "Violência contra a mulher";
- Propor experiências literárias.

Conteúdos abordados:

- Leitura e produção de texto literário
- Estratégias de leituras
- Produção textual
- Apresentação e contextualização dos temas: Violência contra a mulher e feminicídio.
- Gênero conto
- Elementos do texto narrativo (foco narrativo, tempo, espaço, personagem, complicação e desfecho)
- Produção de texto oral

Conteúdos interdisciplinares:

- Empoderamento feminino
- Igualdade de gênero
- Relações de convivência

ETAPAS DIDÁTICO-PEDAGÓGICAS

Tempo de execução:

O caderno pedagógico contempla:

Três Módulos de atividades, necessitando 2 aulas para a realização do módulo I, duas aulas para o módulo II e 3 aulas para o módulo III. Totalizando 7 aulas para a vivência integral da proposta sugerida.

SUMÁRIO

Conversa inicial.....	05
Organização do caderno pedagógico.....	07
Módulo I.....	08
Hora da produção.....	15
Texto: Porém Igualmente, de Marina Colasanti.....	16
Módulo II.....	18
Texto: A língua do P, de Clarice Lispector.....	22
Hora da produção.....	25
Módulo III.....	36
Texto: Venha ver o pôr-do-sol, de Lygia Fagundes Telles.....	41
Hora da produção.....	49
Mensagem Final.....	51

CONVERSA INICIAL

Os índices retratam constante crescente nos dados sobre a violência contra a mulher, o que é uma infeliz realidade. A frequência desses atos contra o ser feminino ofusca a sua imagem, reafirma a falta de punição para esse tipo de violência, conduz a banalização e até a aparente normalidade, como algo que faz parte do dia a dia e do imaginário das mulheres.

A escritora feminista Charlotte Anne Bunch (1991) não limita a violência contra a mulher como cultural ou pessoal; a escritora amplia e analisa sob o espectro político, ao afirmar que esses atos resultam do domínio de vínculos cujas bases estão no poder e no privilégio alcançados a partir do aprisionamento identitário feminino. Para a escritora, a violência contra a mulher faz parte da engrenagem que mantém os laços políticos familiares na esfera do trabalho e demais ambientes públicos.

Esse fenômeno social não está limitado a uma única classe social, mas em todas, perpassando todas as raças, etnias e gerações. Há quem considere o ato de violentar mulheres como resultado das diferenças e desigualdades sociais, restrito às pessoas humildes. Há também pessoas que tentam justificar a violência realizada ao consumo de álcool e outras drogas. É salutar pensar que viver no contexto socioeconômico não privilegiado onera e dificulta lidar com os pensamentos e emoções; porém, tentar explicar um fenômeno e reduzir a essas questões limita a discussão e oculta a sua problemática. As autoras Maria Amélia de Almeida Teles e Mônica de Melo, em seu livro *O que é violência contra a mulher* (2002), reforçam essa ideia ao afirmarem que o ato de agredir, violentar o ser feminino pode ser vivenciado em qualquer classe e com qualquer mulher independentemente da sua situação socioeconômica.

Ao partir de uma base machista e patriarcal, tal fenômeno encarcera a mulher, colocando-a como inferior e subjugada. Do outro lado, o homem é fortalecido com a imagem de superior e dominador.

Diariamente a mídia retrata notícias sobre a violência contra a mulher, muitas vezes alternando o foco: ora mostra o contexto do ato, ora as ações dos agentes de segurança pública, ora o desfecho de algum caso no judiciário. Por ser um tema retratado diariamente, exaustivamente, causa banalização; ao invés de gerar reflexão, estranheza, revolta, causa uma sensação de apenas mais um caso que pertencerá a um índice. Até quando a sociedade tratará o fenômeno da violência contra a mulher como algo naturalizado?

Nesse contexto e conforme dito anteriormente, os índices só aumentam e as pesquisas comprovam que, no Brasil, uma mulher é vítima de violência a cada quatro horas, segundo o boletim *Elas vivem: dados que não se calam*, divulgado no dia 06 de março de 2023 pela Rede de Observatórios da Segurança. De acordo com a pesquisa, foram registrados 2.423 casos de violência contra a mulher em 2022, 495 deles feminicídios.

As pesquisadoras Luana Nunes Cabral e Anne Christina Freire Barbosa desenvolveram um trabalho de pesquisa cujo objetivo foi analisar os tipos de violência mais frequentes em Juazeiro-BA, baseadas nos atendimentos realizados pelo CIAM (Centro Integrado de atendimento à mulher) por meio da Lei de nº 11.340/06, mais conhecida como Lei Maria da Penha.

Os dados estudados levaram em consideração os anos de 2006 até 2018 e são alarmantes, refletindo a realidade do país. De 2413 casos notificados, 41,29% constata a violência psicológica como a mais incidente. Os números continuaram em ascensão. Segundo o jornal *A Tarde*, em 2022 a Bahia foi o estado que teve um aumento de 58% nas ocorrências de violência, e teve o infeliz ganho do título de estado do Nordeste com a quantidade maior no número de feminicídios.

Neste diapasão, as perguntas norteadoras para o desenvolvimento desta pesquisa e sugestão de metodologia de trabalho foram:

Os dados no Brasil, Bahia e em Juazeiro-BA chamam a atenção e crescem absurdamente a cada ano. De que maneira as instituições educacionais podem posicionar-se diante da problemática da violência contra a mulher? De que modo os estudantes podem ser levados à reflexão sobre o tema e sobre a mudança de pensamento para evitar futuros atos violentos?

Uma das possibilidades encontraremos aqui, por meio do Mestrado Profissional em Letras, um programa que visa ao aperfeiçoamento do labor executado pelos(as) docentes de Língua Portuguesa.

Qual é o melhor local para discutir, questionar, fazer pensar sobre a violência contra a mulher? Qual é o melhor ambiente para utilizarmos a literatura brasileira produzida por escritoras como forma de reflexo social da vida?

É nesse contexto que se propõe aqui uma possibilidade de utilizar as aulas de Língua Portuguesa como oportunidade de, além da promoção do letramento literário, aumentar e desenvolver a competência leitora e oportunizar a discussão sobre a temática da violência contra a mulher.

Ao fim da vivência desse caderno pedagógico, espera-se que os discentes desfrutem do prazer e do incômodo que a literatura é capaz de promover.

ORGANIZAÇÃO DO CADERNO PEDAGÓGICO

Abaixo, apresentamos um quadro resumo sobre as principais atividades contidas no Caderno Pedagógico que serão realizadas durante a sua vivência.

ETAPAS	ATIVIDADES	DURAÇÃO
Módulo I	<ul style="list-style-type: none"> - Montagem do texto literário; - Leitura e interpretação do miniconto "Porém Igualmente". - Questões sobre o texto; - Reescrita do miniconto; - Elaboração do diário. 	2 aulas
Módulo II	<ul style="list-style-type: none"> - Leitura e interpretação do conto "A língua do P". - Escrita dos "erros e acertos" da personagem Cidinha; - Diálogo sobre os "erros e acertos". - Elaboração do diário. 	2 aulas
Módulo III	<ul style="list-style-type: none"> - Leitura e análise dos dados sobre violência contra a mulher; - Leitura e interpretação do conto "Venha ver o pôr-do-sol" sem o desfecho; - Escrita de um possível final; - Leitura do final oficial e das produções. - Elaboração do diário. 	3 aulas



Marina Colasanti

Texto de autoria: *"Porém Igualmente"*

Lygia Fagundes Telles

Texto de autoria: *"Venha ver o pôr-do-sol"*



Clarice Lispector

Texto de autoria: *"A língua do P"*

MÓDULO I

ATENÇÃO, PROFESSOR(A)
Orientações para a vivência do Módulo I
Antes:

- Há a necessidade de realizar a impressão do miniconto “Porém Igualmente” em papel cartão e recortar de maneira que as frases fiquem distantes umas das outras.
- Sorteie três alunos para escrever em um diário literário (preparado previamente por você) o relato de experiência desse momento. Esse procedimento será repetido por todo o caderno pedagógico. Servirá como uma espécie de bússola, para saber como os (as)discentes estão recebendo a proposta e permitirá possíveis ajustes. Analise a possibilidade de premiar o(a) aluno(a) a cada entrega de relato.
- Divida a turma em pequenos grupos.

Durante:

- Pergunte aos alunos o que as fotos no início do caderno pedagógico têm em comum e a partir disso apresente, de maneira sucinta, a biografia das escritoras, emita a sua opinião sobre as obras e a relevância da escrita realizada por elas. Convém apresentar as obras físicas, explorar a capa e introdução de cada obra. Caso não seja viável, o caderno possui imagens demonstrando as capas.
- Com a turma organizada em grupos, solicite a organização do “Porém Igualmente” e entregue a cada grupo uma pergunta norteadora, com o intuito de mostrar à turma qual será o tema discutido nas aulas e mediar a primeira discussão.
- Após os grupos terminarem a montagem do miniconto, leia em voz audível “Porém Igualmente”, inicie a oitiva sobre as respostas dos alunos e medie a discussão a respeito das respostas emitidas.
- Por fim, solicite a cada grupo a escrita de um miniconto que demonstre outra perspectiva sobre a história de D. Eulália. Qual outro possível desfecho os(as) discentes sugerem?

Depois:

- Peça aos grupos que escolham uma pessoa para ler em voz alta o miniconto na próxima aula ou finalize a aula ouvindo as produções discentes.
- A cada leitura realizada, comente a produção discente.
- Estimule a opinião dos(as) colegas sobre as produções uns dos outros.

HORA DA DESCONSTRUÇÃO

Você já parou para analisar o quão diversa é a educação ofertada à criação de meninos e meninas? Será que isso impacta na maneira como as mulheres são tratadas?

Para perceber os diferentes tratamentos que a sociedade fomenta, basta observar a educação diferenciada fornecida aos meninos e às meninas. De um lado, há instruções, reforços para que o estereótipo de ser calma, passiva, familiar e dedicada ao lar seja vivenciado pela mulher. Do lado masculino, a aventura, o estudo, diversão são alimentados em sua personalidade.

Na vida adulta, a mulher é desencorajada a seguir de maneira autônoma, o medo percorre sua mente. Não é seguro andar à noite sozinha, necessitando sempre de uma figura masculina como sinônimo de proteção e segurança. Essa diferença dada ao ser feminino, mulher, e ao masculino, homem, é chamada de patriarcado. Ele se constitui como maneira de exercer poder, produz e reproduz inúmeros tipos de violência, acrescentando a dor e sentimento de culpa pelas figuras que não querem perder os privilégios e desejam continuar no poder.

Para complementar, bell Hooks, em seu livro *E eu, não sou uma mulher?*, define o patriarcado como “o poder que os homens usam para dominar as mulheres, este não sendo apenas um privilégio das classes altas e médias dos homens brancos, mas um privilégio de todos os homens na sociedade sem olhar a classe ou a raça”. (HOOKS, 1981, p. 64)

Essa superioridade, esse poder masculino reforçado desde a infância, resulta em uma naturalização que deve ser questionada e combatida. É comum presenciarmos reforços para que a figura feminina esteja sempre atrelada ao lar e à passividade, um exemplo bem simplório é a ilustração das caixas de brinquedos. Comumente vemos meninas estampadas nas caixas de brinquedos alusivas às atividades domésticas. Portanto, a construção da superioridade masculina, além de ser realizada através dos diversos processos sociais (o homem ser o provedor do lar, não demonstrar emoções, gostar de esportes etc.), há também um tolhimento midiático reforçando a passividade feminina.

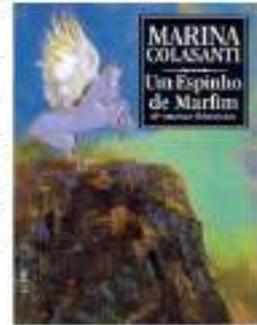
Logo, a educação familiar e a vivência de cada indivíduo constroem os estereótipos do feminino e masculino, desmistificando a ideia da naturalização das personalidades.

O avanço dos ideais perpetuados pelas visões do patriarcado reforça no masculino uma ideia de poder sobre o corpo feminino, a ponto de cometer atos violentos.



Marina Colasanti, importante escritora da literatura brasileira, publicou mais de 40 livros. Discorre sobre o universo feminino, o amor e os problemas sociais. Suas personagens femininas muitas vezes são dotadas de sensibilidade, delicadeza, força e coragem. A autora cria personagens moldadas ao contemporâneo, o que causa muita identificação com o público feminino, pois sente identificação e se percebe representado.

A autora de "Porém Igualmente" é atuante na luta a favor das mulheres serem conscientes da sua condição. Nascida em 1937 na Etiópia, começou a residir no Brasil com 11 anos. Formada em Artes, trabalhou como jornalista, publicitária e produtora; casada com o escritor Afonso Romano de Sant'anna, é descrita como uma escritora engajada, que denuncia as opressões e acredita no poder da leitura: "A leitura tem a ver com a qualidade da vida, o enriquecimento da vida, a diversidade da vida. Tem a ver com a apropriação de experiências que nunca se viveram." (COLASANTI, 2021, p.363).



ABERTURA

Estimado(a) discente,

Daremos início à nossa experiência literária, cujo objetivo é abordar a temática da violência contra a mulher. Primeiramente, pedimos que se agrupe de maneira ordenada e se prepare para a organização de um miniconto denominado "Porém igualmente", de autoria de Marina Colasanti.

Posteriormente, você responderá a uma das questões propostas em seu caderno de Língua Portuguesa. Após a conclusão, aguardem a realização do debate.

1. Para você, sobre o que fala o miniconto?
2. O que faz D. Eulália ser uma "santa", um "anjo"?
3. O que os parentes fizeram diante do que acontecia com D. Eulália? Comente.
4. Retire do texto o trecho que demonstra o vício em bebida do marido de D. Eulália. Você acha que o alcoolismo justifica as atitudes do marido?
5. O que quer dizer a expressão "rompeu em asas o voo de sua trajetória"?
6. O miniconto parece ser atual? Justifique.
7. Qual é a sua opinião sobre D. Eulália? Justifique.

HORA DA ANÁLISE

É perceptível que a intensidade do miniconto "Porém igualmente" provoca reflexão sobre a vivência do feminino na atualidade. O uso do tempo verbal no gerúndio demonstra que D. Eulália era agredida frequentemente pelo seu cônjuge alcohólatra. Os vizinhos a adjetivaram como "santa", os parentes como "anjo", adjetivos alusivos a algo sagrado, ligado ao divino, o que reforça a ideia de positivo, a não reação diante da violência sofrida.

No texto percebemos um incentivo ao comportamento submisso, passivo de D. Eulália através dos vizinhos e parentes, pois, ao perceberem as agressões cometidas, não a encorajam, tampouco oferecem ajuda, mas atribuem características ligadas ao campo religioso.

O miniconto lançado na década de 90 denuncia a passividade das pessoas em não agir diante da violência cometida contra as mulheres, relata também a dificuldade em denunciar e alcançar a rede de apoio, pois, muitas vezes, a violência masculina é aceita e apoiada através de uma visão patriarcal. Assim, "a violência patriarcal em casa é baseada na crença de que é aceitável que um indivíduo mais poderoso controle outros por meio de várias formas coercitivas". (HOOKS, 2019, p. 95).

Em sua escrita, Colasanti objetiva transformação cultural e, mesmo lançado há mais de 20 anos, a luta pela igualdade e direito feminino ainda permanecem.

Docente,

Lembre-se:

Ao final de cada Módulo, sorteie em média 3 alunos(as) para a escrita do diário, esse instrumento servirá como bússola para ajuste e continuação da vivência do Caderno Pedagógico.



VAMOS RELEMBRAR O TEXTO “PORÉM IGUALMENTE” ?

Porém igualmente

Marina Colasanti

É uma santa. Diziam os vizinhos. E D. Eulália apanhando.

É um anjo. Diziam os parentes. E D. Eulália sangrando.

Porém igualmente se surpreenderam na noite em que, mais bêbado que de costume, o marido, depois de surrá-la, jogou-a pela janela, e D. Eulália rompeu em asas o voo de sua trajetória.

PROPOSTA TEXTUAL

Agora é o momento perfeito para explorar uma nova perspectiva na história de D. Eulália. Imagine um miniconto que ofereça uma visão alternativa sobre a vida de nossa protagonista. Que tal considerar um desfecho diferente para a sua narrativa? Considerando a trágica história de D. Eulália, vítima de violência doméstica e assassinada pelo marido, podemos explorar um desfecho alternativo onde ela encontra forças para mudar seu destino.

Imagine um miniconto onde D. Eulália, apesar de viver em um ambiente de violência, consegue buscar ajuda. Com essa consciência, ela decide denunciar seu marido e buscar apoio em uma organização de ajuda a mulheres vítimas de violência. Nesse novo desfecho, ela se torna uma sobrevivente, uma inspiração para outras mulheres em situações semelhantes. Ela usa sua experiência para educar e apoiar outras vítimas, tornando-se uma defensora dos direitos das mulheres e uma voz contra a violência doméstica.

Esse é apenas um exemplo de como a história de D. Eulália poderia ser reescrita, destacando a importância da conscientização sobre a violência contra a mulher e a força que vem da superação. Qual é o outro desfecho que você imagina para a nossa querida personagem?

MÓDULO II

ATENÇÃO, PROFESSOR(A)

Orientações para a vivência do Módulo II

Texto base: “A língua do P”, de Clarice Lispector.

Antes:

- Ter em mãos as cópias do conto ou projetá-lo com auxílio de multimídia.
- Imprimir, previamente, o quadro para que os grupos preencham com os “erros” e “acertos” da personagem principal na tentativa de não ser violentada.
- Dividir a sala em grupos. Solicitar que cada equipe possua um representante.
- Sortear três discentes para realizar o diário literário.
- Premiar os alunos que escreveram o relato no diário literário.

Durante:

- Iniciar a aula declamando novamente o miniconto “Porém Iguualmente” de Marina Colasanti e convidando aos alunos que leiam os minicontos solicitados na etapa anterior.
- A leitura do conto será realizada, preferencialmente, de maneira silenciosa e individual por cada membro do grupo. Peça aos alunos que grifem os trechos que mais chamaram a sua atenção e após o término da leitura o grupo interaja e discutam entre si os trechos. Posteriormente, devem escolher dois excertos textuais e expor à turma suas análises.
- Após a discussão, o docente entregará a cada grupo um quadro a ser preenchido com os erros e acertos da personagem principal na tentativa de não ser violentada.
- Depois do preenchimento, cada representante irá expor as respostas elaboradas e nesse momento o docente mediará a discussão.

Momento da leitura:

- A mediação principal desse momento é a análise do conto feita a partir do que os(as) alunos(as) consideram como erro e acerto. Comente o momento que a personagem percebe que outra mulher fora violentada, tal como ela seria e a relevância dessa informação para o contexto de discussão sobre a violência contra a mulher.

HORA DA DESCONSTRUÇÃO

Você já ouviu o termo "feminicídio" ? Feminicídio é o termo utilizado para designar o assassinato de mulheres realizado em função do gênero. De modo simplório, é quando a vida da vítima é ceifada por ser mulher.

Há um pensamento em comum em todos os estudiosos que analisam o feminicídio, é que este é o resultado do sistema patriarcal, dos papéis diferenciados, impostos nos gêneros e do poder desequilibrado entre eles. O crime do feminicídio foi instituído através da lei 13.104, mais conhecida como a "Lei do Feminicídio", decretada pela presidente Dilma Roussef em 9 de março de 2015, um dia após a comemoração do dia internacional da mulher.

A partir dessa data, o feminicídio transformou-se em crime, assassinato qualificado e foi designado como crime hediondo. Para entendermos melhor, no caso de um homicídio "simples" o tempo de pena varia entre 6 e 20 anos, no caso do feminicídio esse tempo é ampliado de 12 a 30 anos. Vale salientar que embora a maioria dos casos seja cometido por companheiros, ex-companheiros, a lei pode acolher casos em que o assassino for desconhecido. Além disso, relações homoafetivas também são contempladas legalmente.

Sabendo que as mudanças culturais e de padrões são lentas e árduas de acontecerem, é importante atribuir responsabilidade ao criminoso para não deixar a sociedade sem resposta, para demonstrar o quão inadmissível é cometer violência contra a mulher, por isso a importância de tipificar esse tipo de crime.

A sua próxima leitura chama-se "A língua do P" e abordará a temática do feminicídio. O texto foi escrito e publicado no ano de 1974, integra o livro *A Via Crucis do Corpo*.

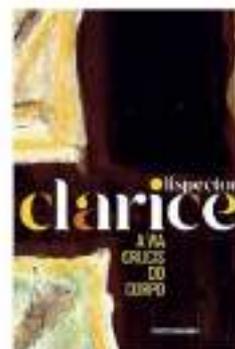
Cidinha, personagem principal, professora de inglês, residia em Minas Gerais e planejava uma viagem para fora do país. No dia da sua viagem precisa tomar um trem com destino ao Rio de Janeiro. Ao embarcar, a professora depara-se com uma senhorinha dormindo. Após uma parada, dois homens sobem e se sentam em sua frente. A partir daí o plano de Cidinha sofre risco de mudança.

Aperte o cinto de segurança e viaje nessa história reflexiva e cheia de reviravolta...



Clarice Lispector nasceu no dia 10 de dezembro de 1920 na Ucrânia, mas veio residir no Brasil ainda bebê. Faleceu em 1977 em decorrência de um câncer. É uma das escritoras mais conhecidas da literatura brasileira, possui uma escrita marcante, valorizando o olhar interior. Era apaixonada pelo ato de escrever: “Cheguei mesmo à conclusão de que escrever é a coisa que mais desejo no mundo, mesmo mais que amor” (LISPECTOR, 2007, p. 23).

Para a escritora o ato de escrever era prazeroso e emocionante: “Escrevo porque encontro nisso um prazer que não sei traduzir. Não sou pretensiosa. Escrevo para mim, para que eu sinta minha alma falando e cantando, às vezes chorando.” (LISPECTOR, 2007, p. 27). Foi ganhadora dos prêmios Jabuti (1961 e 1978), Graça Aranha, Carmen Dolores Barbosa, entre outros. Autora de grandes livros da literatura brasileira, *A Hora da Estrela*, *Perto do Coração Selvagem* e *Laços de família*. Embora não se rotulasse como feminista, Lispector apoiava e defendia a independência feminina.



ATENÇÃO, DISCENTE

Vamos iniciar a próxima leitura:

- Durante a leitura anote os trechos que chamaram a sua atenção.
- Após a leitura, converse com os(as) colegas sobre os trechos escolhidos por eles(as). Há algum trecho em comum? Conversem sobre o porquê da escolha e escolham dois trechos para expor diante da turma.

A Língua do P

Clarice Lispector

Maria Aparecida — Cidinha, como a chamavam em casa — era professora de inglês. Nem rica nem pobre: remediada. Mas vestia-se com apuro. Parecia rica. Até suas malas eram de boa qualidade.

Morava em Minas Gerais e iria de trem para o Rio, onde passaria três dias, e em seguida tomaria o avião para Nova Iorque.

Era muito procurada como professora. Gostava da perfeição e era afetuosa, embora severa. Queria aperfeiçoar-se nos Estados Unidos.

Tomou o trem das sete horas para o Rio. Frio que fazia. Ela com casaco de camurça e três maletas. O vagão estava vazio, só uma velhinha dormindo num canto sob o seu xale.

Na próxima estação subiram dois homens que se sentaram no banco em frente ao banco de Cidinha. O trem em marcha. Um homem era alto, magro, e bigodinho e olhar frio, o outro era baixo, barrigudo e careca. Eles olharam para Cidinha. Esta desviou o olhar, olhou pela janela do trem.

Havia um mal-estar no vagão. Como se fizesse calor demais. A moça inquieta. Os homens em alerta. Meu Deus, pensou a moça, o que é que eles querem de mim? Não tinha resposta. E ainda por cima era virgem. Por que, mas por que pensara na própria virgindade?

Então os dois homens começaram a falar um com o outro. No começo Cidinha não entendeu palavra. Parecia brincadeira. Falavam depressa demais. E a linguagem parecia-lhe vagamente familiar. Que língua era aquela?

De repente percebeu: eles falavam com perfeição a língua do "p". Assim:

— Vopocé reperaparoupou napa mopoçapa boponipitapa? — Jápá vipi tupudopo. Épé linpindapa. Espestápá nopo papapopo.

Queriam dizer: você reparou na moça bonita? Já vi tudo. É linda. Está no papo.

Cidinha fingiu não entender: entender seria perigoso demais. A linguagem era aquela que usava, quando criança, para se defender dos adultos. Os dois continuaram:

— Queperopo cupurrapar apa mopoçapa. Epe vopocêpê? — Tampambém-pém. Vapaipi serper nopo tupunelpel. Queriam dizer que iam currá-la no túnel... O que fazer? Cidinha não sabia e tremia de medo. Ela mal se conhecia. Aliás nunca se conhecera por dentro. Quanto a conhecer os outros, aí e que piorava. Me socorre, Virgem Maria! Me socorre! Me socorre!

— Sepe repesispis tirpir popodepemospos mapatarpar epelapa. Se resistis-se podiam matá-la. Era assim então.- Compom umpum pupunhalpal. Epe roupou-barpar epelapa.

Matá-la com um punhal. E podiam roubá-la.

Como lhes dizer que não era rica? Que era frágil, qualquer gesto a mataria. Tirou um cigarro da bolsa para fumar e acalmar-se. Não adiantou. Quando seria o próximo túnel? Tinha que pensar depressa, depressa, depressa.

Então pensou: se eu me fingir de prostituta, eles desistem, não gostam de vagabunda.

Então levantou a saia, fez trejeitos sensuais - nem sabia que sabia fazê-los, tão desconhecida era de si mesma - abriu os botões do decote, deixou os seios meio à mostra. Os homens de súbito espantados,

— Tápá dopoipidapa.

Está doida, queriam dizer. E ela a se requebrar que nem sambista do morro. Tirou da bolsa o batom e pintou-se exageradamente. E começou a cantarolar.

Então os homens começaram a rir dela. Achavam graça na doideira de Cidinha. Está desesperada. E o túnel?

Apareceu o bilheteiro. Viu tudo. Não disse nada. Mas foi ao maquinista e contou. Este disse:

— Vamos dar um jeito, vou entregar ela pra polícia na primeira estação.

E a próxima estação veio.

O maquinista desceu, falou com um soldado por nome José Lindalvo. José Lindalvo não era de brincadeira. Subiu no vagão, viu Cidinha, agarrou-a com brutalidade pelo braço, segurou como pôde as três maletas, e ambos desceram.

Os dois homens às gargalhadas.

Na pequena estação pintada de azul e rosa estava uma jovem com uma mala. Olhou para Cidinha com desprezo. Subiu no trem e este partiu.

Cidinha não sabia como se explicar ao polícia. A língua do "p" não tinha explicação. Foi levada ao xadrez e lá fichada. Chamaram-na dos piores nomes. E ficou na cela por três dias. Deixavam-na fumar. Fumava como uma louca, tragando, pisando o cigarro no chão de cimento. Tinha uma barata gorda se arrastando no chão.

Afinal deixaram-na partir. Tomou o próximo trem para o Rio. Tinha lavado a cara, não era mais prostituta. O que a preocupava era o seguinte: quando os dois homens haviam falado em currá-la, tinha tido vontade de ser currada. Era uma descarada. Epe sopoupu upumapa puputapa. Era o que descobrira. Cabishaixa.

Chegou ao Rio exausta. Foi para um hotel barato. Viu logo que havia perdido o avião. No aeroporto comprou a passagem.

E andava pelas ruas de Copacabana, desgraçada ela, desgraçada Copacabana.

Pois foi na esquina da rua Figueiredo Magalhães que viu a banca de jornal. E pendurado ali o jornal "O Dia". Não saberia dizer por que comprou.

Em manchete negra estava escrito: "Moça currada e assassinada no trem".

Tremeu toda. Acontecera, então. E com a moça que a desprezara.

Pôs-se a chorar na rua. Jogou fora o maldito jornal. Não queria saber dos detalhes. Pensou:

— Êpé. Opo despestipinopo épé impimplaplacápávepel.

O destino é implacável.



PROPOSTA TEXTUAL

"A língua do P" discorre sobre a violência psicológica, a violência física e a relativização da mulher diante dos seus agressores. Cidinha, uma professora, ainda sem vida sexual ativa, é assediada em um trem e tomada pelo medo da violação do seu corpo utilizando como estratégia de sobrevivência fingir ser prostituta.

O seu plano consegue êxito, porém, é humilhada e exposta. Mesmo com a presença do motorista maquinista, não sentiu segurança para denunciar, ter o seu discurso validado. Decide seguir o que planejara, é presa durante três dias, depois consegue seguir sua viagem rumo a Londres. E infelizmente os criminosos conseguem seguir a vida também.

Em seguida, analise cuidadosamente a experiência vivida por Cidinha e preencha o quadro com os possíveis equívocos e acertos da personagem na tentativa de evitar ser vítima de violência.

Após o preenchimento do quadro, aguarde as orientações do(a) professor(a).

ERROS	ACERTOS

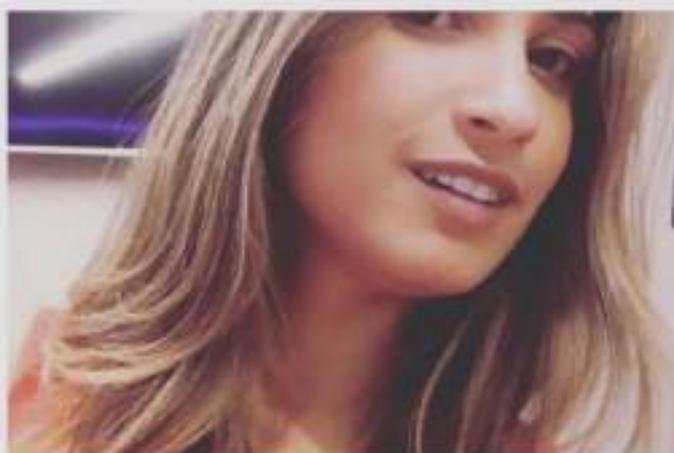
Docente,

Analise as escolhas dos alunos e seja sensível ao analisar respostas que atribuam alguma culpa a Cidinha, enfatize sobre a importância do respeito à mulher e que o local, roupa e condutas não são suficientes para embasar qualquer agressão ao corpo feminino.

Casos como o da Professora Cidinha ocorrem cotidianamente no Brasil, onde mulheres tornam-se vítimas de assédio, tentativas de estupro e feminicídio. Frequentemente, a sociedade busca justificar tais atos violentos, atribuindo, em muitos casos, a culpa à vítima. Para aprofundar nossa reflexão, realize a leitura de duas notícias pertinentes ao tema. Através dessas leituras, você terá a oportunidade de conhecer a história de Letícia Curado e Geni Pereira, ambas vítimas fatais do cozinheiro Marinésio em 2019. Este caso repercutiu amplamente e, infelizmente, muitas pessoas, ao expressarem suas opiniões nas redes sociais, culpam as vítimas.

Morte de Letícia Curado, vítima de Marinésio, completa um ano

O feminicídio da advogada de 26 anos levou à prisão do cozinheiro Marinésio dos Santos Olinto, 42. Ele segue preso e passará por audiência na sexta-feira.



Assassinada em 23 de agosto de 2019, Letícia deixou o marido e um filho, hoje com 4 anos - (crédito: Arquivo Pessoal)

Há um ano, Letícia Curado, 26 anos, saía de casa para nunca mais retornar. Por volta das 7h de uma sexta-feira, a advogada deixava o bairro Arapoanga, em Planaltina, para ir ao trabalho, no Ministério da Educação (MEC), localizado na Esplanada dos Ministérios. Atrasada, ela resolveu entrar em um veículo, uma Blazer

prata, conduzida pelo cozinheiro Marinésio dos Santos Olinto, 42, que se identificou como motorista de transporte pirata.

A ideia era chegar mais rápido ao destino. Entretanto, ela foi atacada e morta asfixiada. A partir do caso, a Polícia Civil conseguiu chegar ao assassino confesso e desvendar outros crimes cometidos por ele, como estupros, abusos sexuais e outro feminicídio. Um ano após a tragédia, famílias destruídas por Marinésio, inclusive a dele, tentam se reerguer.

Os investigadores da 31ª Delegacia de Polícia (Planaltina) prenderam Marinésio em 24 de agosto do ano passado, um dia após o desaparecimento de Leticia. Imagens de segurança da região mostram o momento em que a jovem entrou no carro do cozinheiro, em frente à parada de ônibus. Na noite do dia seguinte, os agentes encontraram o carro dele em via pública e, em seu interior, objetos que pertenciam à advogada. Na segunda-feira, 26 de agosto, ele confessou o crime e ainda revelou ter matado mais uma mulher em junho, a auxiliar de cozinha Genir Pereira Sousa, 47.

Após a prisão de Marinésio e a divulgação de vídeos e fotos dele pela imprensa, outras mulheres procuraram a Polícia Civil para denunciar abusos e estupros cometidos pelo cozinheiro. Conforme o Correio apurou, atualmente, Marinésio responde processualmente pelas mortes de Leticia e Genir e por cinco crimes de violência sexual, três de Planaltina, uma de Sobradinho e outro do Paranoá.

Além das acusações ainda em trâmite na Justiça, o cozinheiro foi condenado, em 7 de maio deste ano, a 10 anos de prisão pelo estupro de uma jovem que, à época do crime, tinha 17 anos. A vítima foi atacada na área de Pinheiral, no Paranoá, em 1º de abril de 2019. Para abordar a jovem, Marinésio usou o mesmo modo de atuação: em um veículo pessoal, ofereceu carona. Diante da negativa, ele desceu do automóvel e, com uma faca na mão, obrigou a então adolescente a entrar no banco de trás do carro, sob ameaça de morte, seguindo para a região deserta da cidade, onde estacionou. Ele a estuproou, conforme descreve o processo. A defesa do sentenciado recorreu da decisão e o processo ainda corre na Justiça.

Apesar de ser assassino confesso de Leticia e Genir, o júri de Marinésio relacionado a esses feminicídios ainda não está marcado. Entretanto, na sexta-feira (28/8), o cozinheiro estará no Fórum de Planaltina para a audiência de três casos de abuso sexual. Em uma das acusações, ele atacou duas irmãs, de 18 e de 21 anos. O caso foi em 24 de agosto, um dia após o assassinato de Leticia Curado. As jovens tinham saído de uma festa e decidiram pegar carona com o sentenciado. Após serem assediadas, as vítimas conseguiram fugir depois de ameaçarem quebrar o veículo do agressor com uma barra de ferro. Ele responde pelo estupro da vítima mais velha e pela tentativa de abuso sexual da mais jovem.

Defesa

Após ser condenado em maio deste ano, Marinésio deixou o Centro de Detenção Provisória (CDP) e foi transferido para a Penitenciária do Distrito Federal 1 (PDF1). Pela repercussão do caso, ele permaneceu isolado em uma cela. Entretanto, atualmente, divide

o cárcere com outros detentos. De acordo com o advogado do cozinheiro, Marcos Venício Fernandes Aredes, o sentenciado está “tranquilo e não sofre nenhuma represália”.

De acordo com o advogado, a imagem de que Marinésio é um monstro, criada pelo público, não existe. “Ele confessou, para mim, que, depois que fez 41 anos, passou a ter um apetite sexual revigorado. Nunca pensou em matar ninguém, mas aconteceu e ele não consegue explicar”, afirma. Marcos ainda completa que o acusado teve problemas psicológicos e que costumava ter “apagões” quando cometia os crimes.

Marcos ainda completa que o cozinheiro não cometeu violência sexual ou qualquer tipo de estupro. “Ele não é esse monstro que as pessoas acreditam e, agora, passa por um período de desconstrução dessa imagem criada pela mídia e pela polícia”, alega.

Dor

Em entrevista ao **Correio**, parentes de Leticia e Genir, assassinadas por Marinésio, nararam o processo doloroso da perda. A esposa do cozinheiro, que também teve a vida dilacerada, conversou com a reportagem. Confira:

Sonho interrompido

Aos 26 anos, Leticia Sousa Curado de Melo vivia em uma fase de conquistas. Evangélica, ela havia passado no exame da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) em 2018 e começou a estudar para concursos. A advogada morava em Planaltina com o marido, Kaio Fonseca Curado de Melo, 26, e com o filho de casal, hoje com 4 anos. Ela era funcionária terceirizada no MEC, onde prestava assessoria jurídica. Em fevereiro de 2019, a jovem foi aprovada no concurso público do Ministério Público da União (MPU) para o cargo de analista e aguardava ser convocada. Em junho do mesmo ano, passou no processo seletivo para estudar na Fundação Escola Superior do Ministério Público do Distrito Federal e Territórios (MPDFT) e, em agosto, começou a frequentar as aulas do curso de pós-graduação em ordem jurídica e MPDFT, destinado a quem deseja ingressar na carreira de promotor público.

A paixão de Leticia pelo direito veio de berço. Ela queria seguir os passos da mãe, a também advogada e servidora pública, Kênia Sousa, 47. “Faz um ano e é como se fosse ontem. Parece que os dias não passam e são intermináveis. Ainda mais com essa questão da pandemia, com tudo paralisado. Tenho a impressão de que está andando mesmo. As coisas não se encaixam ainda e a gente fica meio perdida no que caminha para frente”, relata Kênia.

Um ano após perder a filha, a servidora pública relata que é difícil contabilizar o tempo. Em relação ao processo judicial e à falta da marcação de um julgamento, Kênia entende que a pandemia do novo coronavírus pode deixar os trâmites mais lentos. “A gente sabe que não está nos procedimentos normais. O caso da Leticia teve uma comoção social muito grande, porém, foram muitos casos com o mesmo autor. Por isso, seria necessária mais efetividade”, considera.

Kênia conta que, apesar de a filha ter seguido os passos dela na advocacia, Leticia sonhava em ser promotora. Para a servidora pública, a jovem advogada tinha uma missão maior no mundo e ter escolhido os passos da Justiça comprovam isso. “Foi por meio do caso dela que foi possível tirar uma pessoa tão má do convívio da sociedade”, lamenta. Sobre o neto, Kênia conta que ele está bem e “dividido entre amores”.

Extrovertida e brincalhona

A auxiliar de cozinha Genir Pereira de Sousa, 47, trabalhava em uma pizzaria do Paranoá. Na madrugada de 1º de junho de 2019, ela terminou o expediente e foi embora com um empregado do estabelecimento, namorado dela. Eles dormiram juntos, em Planaltina. Pela manhã, a auxiliar de cozinha foi para a casa da chefe, no bairro Arapoenga. Dali, seguiu para uma parada de ônibus, por volta das 7h40, momento em que foi abordada por Marinésio. Em 12 de junho, o corpo da mulher foi encontrado em um matagal entre Planaltina e o Paranoá, sem nenhum pertence dela.

Apenas em 26 de agosto, após revelar onde estava o corpo de Leticia Curado, Marinésio confessou ter assassinado Genir. O corpo dela foi encontrado em avançado estado de decomposição. Por isso, os investigadores não conseguiram confirmar o estupro, apenas que a morte foi provocada por estrangulamento. Há quase um ano da prisão do cozinheiro, familiares da auxiliar de cozinha ainda pedem Justiça.



Genir Pereira, 47 anos, desapareceu em 2 de junho de 2019 (foto: Arquivo pessoal)

Ao **Correio**, Luzileide Pereira de Sousa, 37, irmã de Genir, conta que o processo até a resolução do caso foi o pior momento. “Quando descobriram que foi ele (Marinésio), senti um alívio. A gente não entendia o que tinha acontecido. Quando a Leticia morreu, a gente suspeitou porque os casos foram muito parecidos. Meu medo era de que ele passasse impune, como tantos outros agressores”, ressalta.

Luzileide define a irmã como uma pessoa animada e extrovertida, que arrancava sorrisos de quem encontrasse. “A dor e a saudade são coisas que nunca vão acabar. Estava filando dela aqui em casa momentos antes de você entrar em contato. Ela vinha todo fim de semana me visitar”, disse Luzileide, ao **Correio**. Genir deixou dois filhos, um homem, de 31 anos, e uma mulher, de 24.

“Enterramos ela no Piauí e o filho dela viajou para lá recentemente. Foi arrumar o túmulo da mãe”, comentou. Apesar de Marinésio seguir preso, Luzineide cobra um julgamento para ter uma resposta final sobre o caso. “A gente vive tentando se levantar a cada dia. Minha irmã era muito brincalhona e não tinha inimizade com ninguém. Uma pessoa tranquila, que deixou saudade”, define.

Família despedaçada

Os crimes cometidos por Marinésio não afetaram apenas as vítimas e as famílias delas. O cozinheiro, marido e pai de uma adolescente de 17 anos, também destruiu o próprio lar. “Estamos tentando preservar as nossas vidas.” Esta foi a frase que a então esposa do assassino confesso disse ao Correio em 28 de agosto de 2019, quatro dias após a prisão do companheiro. Com a repercussão do caso, a mulher e a filha precisaram mudar de endereço e viveram sob ameaça.

A mulher aceitou conversar mais uma vez com a reportagem, sob condição de anonimato. Atualmente, mãe e filha não vivem mais juntas. Em janeiro, ela deixou o Distrito Federal e se mudou para uma região nordestina e a adolescente passou a morar com parentes. “Quando estive em Brasília, cheguei a visitá-lo três vezes. Em todas as minhas idas à carceragem, ele me pedia desculpas, dizia para não o abandonar e para pensar nos 20 anos que vivemos juntos”, contou.



Marinésio dos Santos Olinto, 42 anos, foi preso em 24 de agosto de 2019 (foto: Marcelo Ferreira/CB/D.A Press)

“Perdoei ele, sim. Não guardo mágoa dele no meu coração. A única coisa que disse para o Marinésio foi que, se ele estava lá (na prisão), é porque tinha feito algo e estava pagando por isso. A minha filha ainda diz que ele é pai dela e que não vai abandoná-lo. Não tiro a razão dela, nunca falei qualquer coisa relacionada a isso nem a impedi de fazer visitas”, admite.

Ela tem planos para voltar ao Distrito Federal. Entretanto, não sabe quando. “A nossa antiga casa ainda está à venda. Muitos queriam falar coisas para a gente, atacar, mas quem é próximo não ficou diferente comigo”, conta. Após a descoberta dos crimes cometidos por Marinésio,

a mulher diz que adoeceu e que faz acompanhamento psicológico. “Não passei bem durante esse um ano, fiquei com problema de nervos e tomo remédio controlado. Foi um choque muito grande e ninguém sabia de nada”, desabafa.

A visão de Jane Klébia, delegada-chefe da 6ª Delegacia de Polícia (Paranoá), uma das investigadoras que participou do caso Marinésio

“Como investigadora, digo que foi um dos casos que mais me marcou em 22 anos de Polícia Civil, principalmente pela carga emocional que trouxe, pela comoção e pela forma estúpida com a qual ele matou. Eu não só investiguei, mas também sofri. Uma das vítimas que procurou a delegacia estava destruída. Quando o Marinésio apareceu, ela se desesperou.

Esses crimes sexuais sempre ferem as vítimas. Aquelas que não morrem, ficam com a alma ferida e não se curam. Uma das vítimas que atendemos tinha 17 anos na época do crime. O abuso aconteceu em abril, meses antes da descoberta da autoria. Nesse período, ela tentou suicídio pelo menos cinco vezes. A vida dela ficou destruída. O envolvimento da delegacia foi tanto que fizemos uma festa de aniversário para ela. Aproveitamos que completaria 18 anos e promovemos uma celebração de princesa.

Fizemos o trabalho de polícia, mas também sofremos pela vítima. São crimes muito covardes. O estupro revela a pior face do ser humano, a misoginia e o fato de querer ver o outro sofrer. Tudo isso me marcou muito. Até hoje, eu me lembro e me solidarizo com as vítimas. Algumas delas ainda encontram de alguma forma.

O que me fortalece como policial é saber que o nosso trabalho tem um resultado. Quando o Marinésio foi preso, o sentimento foi o de dever cumprido, ainda mais por amenizar o sofrimento das famílias. Esse é o lado positivo do trabalho de policial. Como sociedade, torcemos para que ele fique preso, para não fazer mal a mais ninguém.”

GALVÃO, WALDER. Morte de Leticia Curado, vítima de Marinésio, completa um ano. Disponível em: < <https://www.correiobraziliense.com.br/cidades-df/2020/08/4870422-morte-de-leticia-curado--vítima-de-marinesio--completa-um-ano.html> >. Acesso em: 12 dez. 2023.

Artigo: A culpa não é da vítima

Leticia não morreu porque entrou no transporte pirata. Morreu porque, além de ter nascido mulher, numa sociedade extremamente machista, vivia, como a maior parte da população brasileira, à margem das preocupações do poder público nas suas necessidades básicas de ir e vir, asseguradas pela Constituição Federal



A violência contra a mulher, que faz uma vítima a cada 2 segundos no Brasil, ganhou as manchetes dos veículos de comunicação e virou tema de conversa nos restaurantes, elevadores e grupos de WhatsApp esta semana. O assassinato de Leticia Curado, aos 26 anos, e de Genir Pereira de Sousa, 47, e a descoberta de que o autor do crime pode ter feito outras vítimas no Distrito Federal, deu visibilidade ao tema e, de modo brutal, esfrega na cara da sociedade o machismo que nos acorrenta, nos fere o corpo e a alma e, não raro, nos tira a vida.

Nas redes sociais ou cara a cara, é assustador o discurso, inclusive entre mulheres, de culpabilização da vítima. Uma hora é o decote, outra a saia curta, ou o fato de estar na rua tal hora, ou, nos casos de Leticia e de Genir, por terem entrado no carro de um motorista que ofereceu o transporte pirata. Mas não, não foram mortas porque entraram num carro pirata. Foram mortas por terem dito não; ao assédio sexual do condutor, segundo apurou a Polícia.

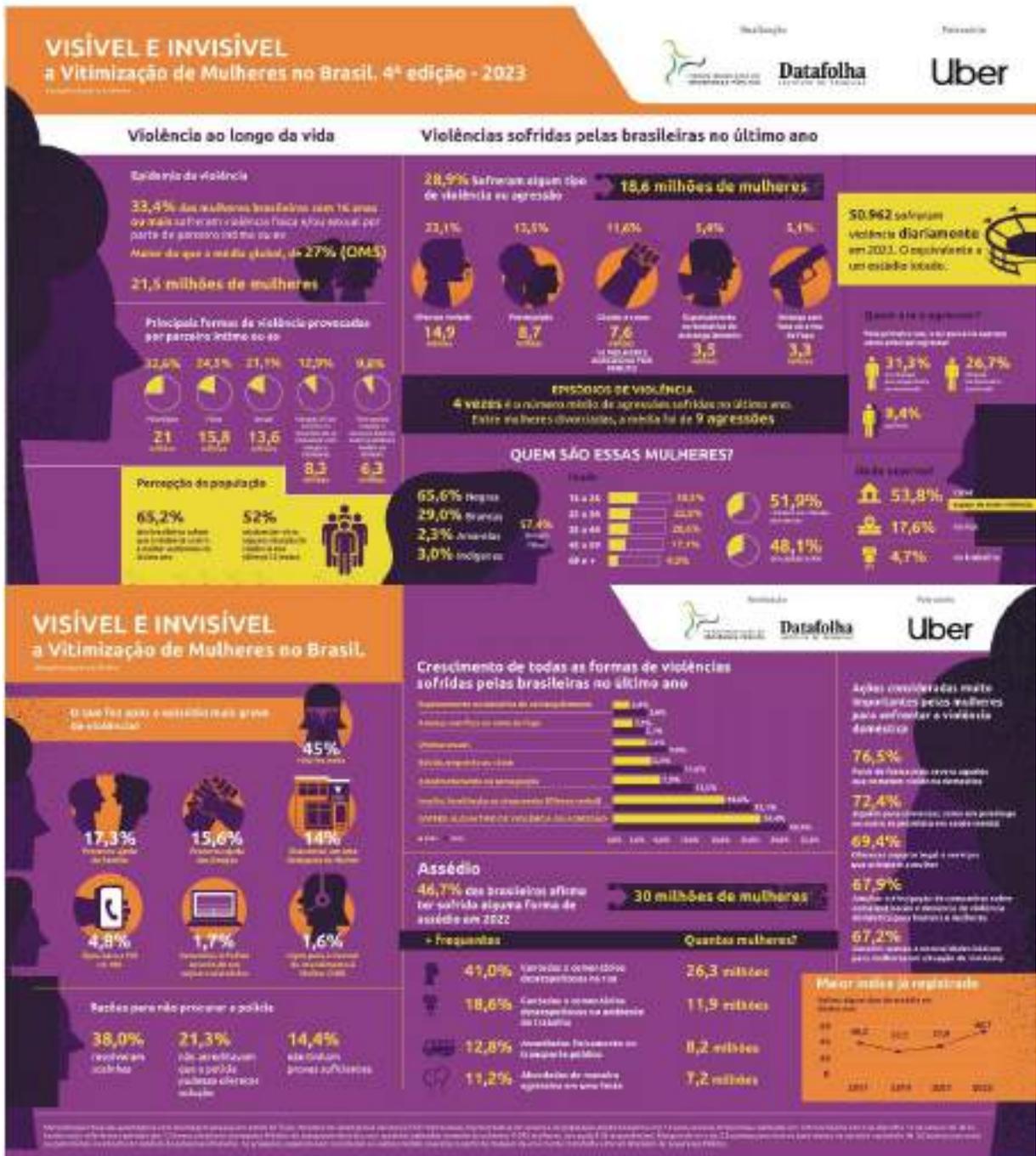
No Distrito Federal, mulheres, homens e crianças são empurrados para o transporte pirata de passageiros por uma razão óbvia: o poder público não tem tido, ao longo de décadas, a competência que se espera de um gestor público para oferecer ônibus e metrô de qualidade. Aliás, é incompetente até para fazer calçadas, equipamento imprescindível para os deslocamentos a pé. A incapacidade de gestão e execução de projetos também fica evidente no caso das ciclovias.

Então, Leticia não morreu porque entrou no transporte pirata. Morreu porque, além de ter nascido mulher, numa sociedade extremamente machista, vivia, como a maior parte da população brasileira, à margem das preocupações do poder público nas suas necessidades básicas de ir e vir, asseguradas pela Constituição Federal. Leticia, Genir e tantas outras mulheres morreram porque a sociedade ainda trata como minimí a luta pela equidade de gênero. Precisamos formar uma nova geração de meninos e meninas que se respeitem acima de qualquer coisa. Precisamos entender o que é masculinidade tóxica. Precisamos reconhecer os mais sutis sinais de violência. O assunto deve ser abordado em sala de aula. O governo deve investir em políticas públicas e programas que amparem as vítimas de violência. Basta de silêncio! Basta de morte.

BERNARDES, A. Artigo: A culpa não é da vítima. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/opiniao/2019/08/29/internas_opiniao,779741/artigo-a-culpa-nao-e-da-vitima.shtml>. Acesso em: 12 dez. 2023.

Para continuar a reflexão, que tal observamos o resultado de uma pesquisa realizada no primeiro semestre do ano de 2023? A pesquisa "Visível e Invisível", em sua quarta edição, revela a situação da violência contra mulheres no Brasil no ano de 2023. Esta pesquisa, encomendada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública e realizada pelo Instituto Datafolha com o apoio da Uber, indica que mais de 18 milhões de mulheres foram vítimas de algum tipo de violência em 2022. Em relação aos estudos anteriores, houve um aumento significativo em todas as formas de violência contra a mulher. Foram entrevistadas 2017 pessoas, incluindo homens e mulheres, em 126 cidades brasileiras, de 9 a 13 de janeiro de 2023.

Observe que, assim como a nossa personagem Cidinha, muitas mulheres não fazem nada diante da violência contra a mulher, ou seja, não denunciam e se calam diante da violência sofrida.



Fonte: DE MULHERES NO BRASIL, A. V. VISÍVEL E INVISÍVEL. Disponível em: <<https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/03/visiveleinvisivel-2023-infografico.pdf>>. Acesso em: 12 dez. 2023.

MÓDULO III

ATENÇÃO, PROFESSOR(A)**Orientações para a vivência do Módulo III**

Texto base: "Venha ver o pôr-do-sol", Lygia Fagundes Telles.

Antes:

- Preparar previamente diversos dados sobre a violência contra a mulher e imprimir em pequenos cartões. Organizar em uma caixa os dados impressos sobre violência contra a mulher e feminicídio.
- Imprimir cópias do conto "Venha ver o pôr-do-sol" sem o desfecho.
- Sortear três discentes para realizar o diário literário.
- Premiar os alunos que escreveram o relato no diário literário.

Durante:

- Iniciar a aula pedindo aos(as) alunos(as) que retirem da caixa surpresa um papel e leia o dado em voz alta.
- Questionar o(a) aluno(a) o que eles(as) sentiram e o que pensam sobre os dados.
- Cada aluno(a) realizará a leitura em dupla do conto "Venha ver o pôr-do-sol" e posteriormente dois alunos realizarão a leitura como se fossem os personagens principais "Raquel" e "Ricardo".
- Os alunos sentirão falta do desfecho, nesse momento o professor solicitará a escrita da continuação do conto. Os discentes devem compartilhar o resultado da produção literária.
- O docente lerá o final do conto escrito por Lygia Fagundes Telles e analisará com os alunos a violência contra a mulher, feminicídio e traços abusivos do personagem "Ricardo".

Depois:

- Ouvir os alunos sobre a experiência da sequência didática.
- Se possível sortear livros literários respeitando o gosto literário dos(as) estudantes.

HORA DA DESCONSTRUÇÃO

Você já ouviu falar em “Violentômetro”?

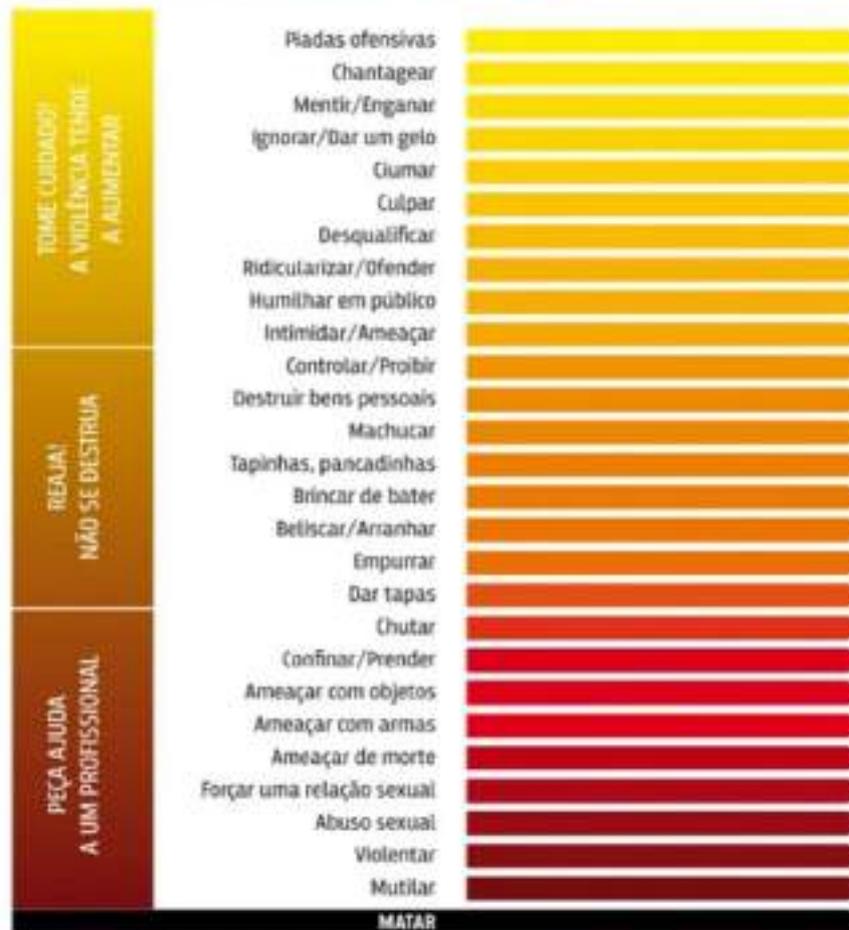
O Violentômetro é um guia, desenvolvido pela coordenação feminina do Tribunal de Justiça da Paraíba (TJPB) em 2017, que serve para instruir as mulheres sobre os diferentes graus de violência e as possíveis consequências de cada comportamento. A juíza Graziela Queiroga, que coordena o departamento, afirma que muitas mulheres desconhecem que determinadas atitudes masculinas constituem, na verdade, uma forma de violência.

O Violentômetro foi empregado em várias campanhas do Tribunal de Justiça da Paraíba (TJPB), na forma de panfleto, aconselhando as mulheres a estarem atentas a comportamentos e ações que podem se transformar em insultos, ameaças e abuso sexual. O Violentômetro teve uma grande repercussão e foi adotado como referência em diversos estados para várias campanhas que tratam da violência contra a mulher. É dividido em três fases de alerta, que são: “Tome cuidado!”, “Reaja!”; e “Peça ajuda a um profissional”. Cada uma dessas fases contém exemplos de situações que se encaixam nessas categorias.

Vamos explorá-lo?

Violentômetro

Ranking da violência elaborado pela Coordenadoria da Mulher em Situação de Violência Doméstica e Familiar da Paraíba.



Fonte: CNJ destaca atuação da Coordenadoria da Mulher do TJPB no combate à violência e cita Violentômetro. Disponível em: <<https://www.tjpb.jus.br/noticia/cnj-destaca-atuacao-da-coordenadoria-da-mulher-do-tjpb-no-combate-a-violencia-e-cita>>. Acesso em: 12 dez. 2023.



Lygia Fagundes Telles foi uma escritora com caráter inovador e ganhou a alcunha de "Dama da literatura brasileira". Autora de grandes livros, possui marca poética, sensível e precisa em seus textos. Intitula-se como uma escritora engajada, comprometida com a temática das desigualdades sociais. Como a própria escritora afirma: "Considero meu trabalho de natureza engajada, ou seja, comprometido com a nossa condição nesse escândalo de

desigualdades sociais." (TELLES,2002, p.90).

Nasceu em 19 de abril do ano de 1918 e faleceu dia 03 de abril de 2022, de causas naturais. Seu primeiro livro, escrito na adolescência, chama-se *Parão e Sobrado*, foi apenas o início de uma longa carreira como autora. *Ciranda de Pedra*, escrito em 1945, rendeu uma adaptação novelesca pela rede globo em 1981. Foi ganhadora diversas vezes do prêmio Jabuti e outros prêmios como "Prêmio Arthur Azevedo" e "Camões".

Foi procuradora do Instituto de Previdência do Estado de São Paulo e presidente da Cinemateca Brasileira.



Agora, você está prestes a embarcar na última leitura de nossa jornada, um conto intitulado "Venha ver o pôr-do-sol". Esta é uma história envolvente e repleta de suspense, magistralmente escrito por Lygia Fagundes Telles. A trama é tecida em torno de dois personagens centrais: Raquel e Ricardo. Prepare-se para uma experiência literária inesquecível.

Em seu conto "Venha ver o pôr do sol", Telles descreve a violência contra a mulher através do narrador em 3ª pessoa e parte de uma situação comum: o reencontro de dois ex-namorados. Entretanto, o local é algo diferente, inesperado e inusitado: um cemitério. A partir daí percebemos os traços da personalidade de Ricardo e como a mulher é subjugada através da personagem Raquel.

É importante notar que a leitura do conto pode ser um pouco longa. Portanto, caso julgue necessário, faça uma pausa durante a leitura para recapitular a história.

E aí, preparado(a) para iniciar?

Conto: Venha ver o pôr-do-sol

Lygia Fagundes Telles

Ela subiu sem pressa a tortuosa ladeira. À medida que avançava, as casas iam rareando, modestas casas espalhadas sem simetria e ilhadas em terrenos baldios. No meio da rua sem calçamento, coberta aqui e ali por um mato rasteiro, algumas crianças brincavam de roda. A débil cantiga infantil era a única nota viva na quietude da tarde.

Ele a esperava encostado a uma árvore. Esguio e magro, metido num largo blusão azul-marinho, cabelos crescidos e desalinhados, tinha um jeito jovial de estudante.

— Minha querida Raquel.

Ela encarou-o, séria. E olhou para os próprios sapatos.

— Veja que lama. Só mesmo você inventaria um encontro num lugar destes. Que idéia, Ricardo, que idéia! Tive que descer do táxi lá longe, jamais ele chegaria aqui em cima.

Ele riu entre malicioso e ingênuo.

— Jamais? Pensei que viesse vestida esportivamente e agora me aparece nessa elegância! Quando você andava comigo, usava uns sapatos de sete léguas, lembra?

Foi para me dizer isso que você me fez subir até aqui? — perguntou ela, guardando as luvas na bolsa. Tirou um cigarro. — Hein?!

Ah, Raquel... — e ele tomou-a pelo braço. Você, está uma coisa de linda. E fuma agora uns cigarrinhos pilantras, azul e dourado... Juro que eu tinha que ver ainda uma vez toda essa beleza, sentir esse perfume. Então? Fiz mal?

Podia ter escolhido um outro lugar, não? — Abrandara a voz. — E que é isso aí? Um cemitério?

Ele voltou-se para o velho muro arruinado. Indicou com o olhar o portão de ferro, carcomido pela ferrugem.

— Cemitério abandonado, meu anjo. Vivos e mortos, desertaram todos. Nem os fantasmas sobraram, olha aí como as criancinhas brincam sem medo acrescentou apontando as crianças na sua ciranda. Ela trágica lentamente. Soprou a fumaça na cara do companheiro. — Ricardo e suas idéias. E agora? Qual o programa?

Brandamente ele a tomou pela cintura.

— Conheço bem tudo isso, minha gente está, enterrada aí. Vamos entrar um instante e te mostrarei o pôr-do-sol mais lindo do mundo.

Ela encarou-o um instante. Evergou a cabeça para trás numa risada.

— Ver o pôr-do-sol!... Ali, meu Deus... Fabuloso, fabuloso!... Me implora um último encontro, me atormenta dias seguidos, me faz vir de longe para esta buraqueira, só mais uma vez, só mais uma! E para quê? Para ver o pôr-do-sol num cemitério... Ele riu também, afetando encabulamento como um menino pilhado em falta.

— Raquel, minha querida, não faça assim comigo. Você sabe que eu gostaria era de te levar ao meu apartamento, mas fique mais pobre ainda, como se isso fosse possível. Moro agora numa pensão horrenda, a dona é uma Medusa que vive espiando pelo buraco da fechadura...

— E você acha que eu iria?

— Não se zangue, sei que não iria, você está sendo fidelíssima. Então pensei, se pudéssemos conversar um pouco numa rua afastada... — disse ele, aproximando-se mais. Acariciou-lhe o braço com as pontas dos dedos. Ficou sério. E aos poucos, inúmeras rugazinhas foram-se formando em redor dos seus olhos ligeiramente apertados. Os leques de rugas se aprofundaram numa expressão astuta. Não era nesse instante tão jovem como aparentava. Mas logo sorriu e a rede de rugas

desapareceu sem deixar vestígio. Voltou-lhe novamente o ar inexperiente e meio desatento. — Você fez bem em vir.

— Quer dizer que o programa... E não podíamos tomar alguma coisa num bar?

— Estou sem dinheiro, meu anjo, vê se entende.

— Mas eu pago.

— Com o dinheiro dele? Prefiro beber formicida. Escolhi este passeio porque é de graça e muito decente, não pode haver um passeio mais decente, não concorda comigo? Até romântico. Ela olhou em redor. Puxou o braço que ele apertava.

— Foi um risco enorme, Ricardo. Ele é ciumentíssimo. Está farto de saber que tive meus casos. Se nos pilha juntos, então sim, quero só ver se alguma das suas fabulosas idéias vai me consertar a vida.

— Mas me lembrei deste lugar justamente porque não quero que você se arrisque, meu anjo. Não tem lugar mais discreto do que um cemitério abandonado, veja, completamente abandonado — prosseguiu ele, abrindo o portão. Os velhos gonzos gemeram. - Jamais seu amigo ou um amigo do seu amigo saberá que estivemos aqui.

— É um risco enorme, já disse. Não insista nessas brincadeiras, por favor. E se vem um enterro? Não suporto enterros. Mas enterro de quem? Raquel, Raquel, quantas vezes preciso repetir a mesma coisa?! Há séculos ninguém mais é enterrado aqui, acho que nem os ossos sobraram, que bobagem. Vem comigo, pode me dar o braço, não tenha medo.

O mato rasteiro dominava tudo. E não satisfeito de ter-se alaistrado furioso pelos canteiros, subira pelas sepulturas, infiltrara-se ávido pelos rachões dos mármore, invadira as alamedas de pedregulhos esverdinhados, como se quisesse com sua violenta força de vida cobrir para sempre os últimos vestígios da morte. Foram andando pela longa alameda banhada de sol. Os passos de ambos ressoavam sonoros como uma estranha música feita do som das folhas secas trituradas sobre os pedregulhos. Amuada mas obediente, ela se deixava conduzir como uma criança. Às vezes mostrava certa curiosidade por uma ou outra sepultura com os pálidos, medalhões de retratos esmaltados.

— É imenso, hein? E tão miserável, nunca vi um cemitério mais miserável, que deprimente - exclamou ela, atirando a ponta do cigarro na direção de um anjinho de cabeça decepada. - Vamos embora, Ricardo, chega.

— Ali, Raquel, olha um pouco para esta tarde! Deprimente por quê? Não sei onde foi que eu li, a beleza não está nem na luz da manhã nem na sombra da

noite, está no crepúsculo, nesse meio-tom, nessa ambigüidade. Estou-lhe dando um crepúsculo numa bandeja, e você se queixa.

— Não gosto de cemitério, já disse. E ainda mais cemitério pobre. Delicadamente ele beijou-lhe a mão.

— Você prometeu dar um fim de tarde a este seu escravo. — É, mas fiz mal. Pode ser muito engraçado, mas não quero me arriscar mais.

— Ele é tão rico assim? — Riquíssimo. Vai me levar agora numa viagem fabulosa até o Oriente. Já ouviu falar no Oriente? Vamos até o Oriente, meu caro... Ele apanhou um pedregulho e fechou-o na mão. A pequenina rede de rugas voltou a se estender em redor dos seus olhos. A fisionomia, tão aberta e lisa, repentinamente escureceu, envelhecida. Mas logo o sorriso reapareceu e as rugazinhas sumiram.

— Eu também te levei um dia para passear de barco, lembra?

Recostando a cabeça no ombro do homem, ela retardou o passo.

— Sabe, Ricardo, acho que você é mesmo meio tantã... Mas apesar de tudo, tenho às vezes saudade daquele tempo. Que ano aquele! Quando penso, não entendo como agüentei tanto, imagine, um ano!

— É que você tinha lido *A Dama das Camélias*, ficou assim toda frágil, toda sentimental. E agora?

Que romance você está lendo agora?

— Nenhum - respondeu ela, franzindo os lábios. Deteve-se para ler a inscrição de uma laje despedaçada: minha querida esposa, eternas saudades — leu em voz baixa. — Pois sim. Durou pouco essa eternidade.

Ele atirou o pedregulho num canteiro ressequido.

— Mas é esse abandono na morte que faz o encanto disto. Não se encontra mais a menor intervenção dos vivos, a estúpida intervenção dos vivos. Veja — disse apontando uma sepultura fendida, a erva daninha brotando insólita de dentro da fenda —, o musgo já cobriu o nome na pedra. Por cima do musgo, ainda virão as raízes, depois as folhas... Esta a morte perfeita, nem lembrança, nem saudade, nem o nome sequer. Nem isso.

Ela aconchegou-se mais a ele. Bocejou.

— Está bem, mas agora vamos embora que já me diverti muito, faz tempo que não me divirto tanto, só mesmo um cara como você podia me fazer divertir assim. — Deu-lhe um rápido beijo na face.

— Chega, Ricardo, quero ir embora.

— Mais alguns passos...

— Mas este cemitério não acaba mais, já andamos quilômetros! — Olhou para trás. — Nunca andei tanto, Ricardo, vou ficar exausta.

— A boa vida te deixou preguiçosa? Que feio — lamentou ele, impelindo-a para a frente. — Dobrando esta alameda, fica o jazigo da minha gente, é de lá que se vê o pôr-do-sol. Sabe, Raquel, andei muitas vezes por aqui de mãos dadas com minha prima. Tínhamos então doze anos. Todos os domingos minha mãe vinha trazer flores e arrumar nossa capelinha onde já estava enterrado meu pai. Eu e minha priminha vínhamos com ela e ficávamos por aí, de mãos dadas, fazendo tantos planos. Agora as duas estão mortas.

— Sua prima também? Também. Morreu quando completou quinze anos. Não era propriamente bonita, mas tinha uns olhos... Eram assim verdes como os seus, parecidos com os seus. Extraordinário, Raquel, extraordinário como vocês duas... Penso agora que toda a beleza-dela residia apenas nos olhos, assim meio oblíquos, como os seus.

Vocês se amaram?

Ela me amou. Foi a única criatura que... Fez um gesto. — Enfim, não tem importância.

Raquel tirou-lhe o cigarro, tragou e depois devolveu-o.

— Eu gostei de você, Ricardo.

— E eu te amei. E te amo ainda. Percebe agora a diferença?

Um - pássaro rompeu cipreste e soltou um grito. Ela estremeceu.

— Esfriou, não? Vamos embora.

— Já chegamos, meu anjo. Aqui estão meus mortos.

Pararam diante de uma capelinha coberta: de alto a baixo por uma trepadeira selvagem, que a envolvia num furioso abraço de cipós e folhas. A estreita porta rangeu quando ele a abriu de par em par. A luz invadiu um cubículo de paredes enegrecidas, cheias de estrias de antigas goteiras. No centro do cubículo, um altar meio desmantelado, coberto por uma toalha que adquirira a cor do tempo. Dois vasos de desbotada opalina ladeavam um tosco crucifixo de madeira. Entre os braços da cruz, uma aranha tecera dois triângulos de teias já rompidas, pendendo como farrapos de um manto que alguém colocara sobre os ombros do Cristo. Na parede lateral, à direita da porta, uma portinhola de ferro dando acesso para uma escada de pedra, descendo em caracol para a catacumba.

Ela entrou na ponta dos pés, evitando roçar mesmo de leve naqueles restos da capelinha.

Que triste que é isto, Ricardo. Nunca mais você esteve aqui?

Ele tocou na face da imagem recoberta de poeira. Sorriu, melancólico.

— Sei que você gostaria de encontrar tudo limpinho, flores nos vasos, velas, sinais da minha dedicação, certo? Mas já disse que o que mais amo neste cemitério é precisamente este abandono, esta solidão.

As pontes com o outro mundo foram cortadas e aqui a morte se isolou total. Absoluta.

Ela adiantou-se e espiou através das enferrujadas barras de ferro da portinhola. Na semiobscuridade do subsolo, os gavetões se estendiam ao longo das quatro paredes que formavam um estreito retângulo cinzento.

— E lá embaixo?

— Pois lá estão as gavetas. E, nas gavetas, minhas raízes. Pó, meu anjo, pó — murmurou ele. Abriu a portinhola e desceu a escada. Aproximou-se de uma gaveta no centro da parede, segurando firme na alça de bronze, como se fosse puxá-la. — A cômoda de pedra. Não é grandiosa?

Detendo-se no topo da escada, ela inclinou-se mais para ver melhor.

— Todas essas gavetas estão cheias?

— Cheias?... Só as que têm o retrato e a inscrição, está vendo? Nesta está o retrato da minha mãe, aqui ficou minha mãe — prosseguiu ele, tocando com as pontas dos dedos num medalhão esmaltado embutido no centro da gaveta. Ela cruzou os braços. Falou baixinho, um ligeiro tremor na voz.

— Vamos, Ricardo, vamos.

— Você está com medo.

— Claro que não, estou é com frio. Suba e vamos embora, estou com frio!

Ele não respondeu. Adiantara-se até um dos gavetões na parede oposta e acendeu um fósforo. Inclinou-se para o medalhão frouxamente iluminado.

— A priminha Maria Emília. Lembro-me até do dia em que tirou esse retrato, duas semanas antes de morrer... Prendeu os cabelos com uma fita azul e veio se exibir, estou bonita? Estou bonita?...

— Falava agora consigo mesmo, doce e gravemente. — Não é que fosse bonita, mas os olhos... Venha ver, Raquel, é impressionante como tinha olhos iguais aos seus.

Ela desceu a escada, encolhendo-se para não esbarrar em nada.

— Que frio faz aqui. E que escuro, não estou enxergando!

Acendendo outro fósforo, ele ofereceu-o à companheira.

— Pegue, dá para ver muito bem... — Afastou-se para o lado.

— Repare nos olhos.

Mas está tão desbotado, mal se vê que é uma moça... — Antes da chama se

apagar, aproximou-a da inscrição feita na pedra. Leu em voz alta, lentamente. — Maria Emília, nascida em vinte de maio de mil e oitocentos e falecida... - Deixou cair o palito e ficou um instante imóvel. — Mas esta não podia ser sua namorada, morreu há mais de cem anos ! Seu menti...

Um baque metálico decepcionou-lhe a palavra pelo meio. Olhou em redor. A peça estava deserta. Voltou o olhar para a escada. No topo, Ricardo a observava por detrás da portinhola fechada. Tinha seu sorriso — meio inocente, meio malicioso.

— Isto nunca foi o jazigo da sua família, seu mentiroso! Brincadeira mais cretina! — exclamou ela, subindo rapidamente a escada. — Não tem graça nenhuma, ouviu?

Ele esperou que ela chegasse quase a tocar o trinco da portinhola de ferro. Então deu uma volta à chave, arrancou-a da fechadura e saltou para trás.

Ricardo, abre isto imediatamente! Vamos, imediatamente! — ordenou, torcendo o trinco. — Detesto este tipo de brincadeira, você sabe disso. Seu idiota! É no que dá seguir a cabeça de um idiota desses. Brincadeira mais estúpida!

— Uma réstia de sol vai entrar pela frincha da porta tem uma frincha na porta. Depois vai se afastando devagarinho, bem devagarinho. Você terá o pôr-do-sol mais belo do mundo. Ela sacudia a portinhola.

— Ricardo, chega, já disse! Chega! Abre imediatamente, imediatamente! — Sacudiu a portinhola com mais força ainda, agarrou-se a ela, dependurando-se por entre as grades. Ficou ofegante, os olhos cheios de lágrimas. Ensaiou um sorriso. — Ouça, meu bem, foi engraçadíssimo, mas agora preciso ir mesmo, vamos, abra...

Ele já não sorria. Estava sério, os olhos diminuídos. Em redor deles, reapareceram as rugazinhas abertas em leque.

Boa noite, Raquel.

Chega, Ricardo! Você vai me pagar!... — gritou ela, estendendo os braços por entre as grades, tentando agarrá-lo. — Cretino! Me dá a chave desta porcaria, vamos! — exigiu, examinando a fechadura nova em folha. — Examinou em seguida as grades cobertas por uma crosta de ferrugem. Imobilizou-se. Foi erguendo o olhar até a chave que ele balançava pela argola, como um pêndulo. Encarou-o, apertando contra a grade a face sem cor. Eshugalhou os olhos num espasmo e amoleceu o corpo. Foi escorregando. — Não, não...

Voltado ainda para ela, ele chegara até a porta e abriu os braços. Foi puxando, as duas folhas escancaradas.

— Boa noite, meu anjo.

Os lábios dela se pregavam um ao outro, como se, entre eles houvesse cola.

Os olhos rodavam pesadamente numa expressão embrutecida.

— Não.

Guardando a chave no bolso, ele retomou o caminho percorrido. No breve silêncio, o som dos pedregulhos se entrecrocando úmidos sob seus sapatos. E, de repente, o grito medonho, inumano: NÃO!

Durante algum tempo ele ainda ouviu os gritos que se multiplicaram, semelhantes aos de um animal sendo estraçalhado. Depois, os uivos foram ficando mais remotos, abafados como se viessem das profundezas da terra. Assim que atingiu o portão do cemitério, ele lançou ao poente um olhar mortiço. Ficou atento. Nenhum ouvido humano escutaria agora, qualquer chamado. -Acendeu um cigarro e foi descendo a ladeira. Crianças ao longe brincavam de roda.

Docente,

A versão do caderno do aluno não possui o desfecho, ou seja, não tem o final da história. O final deverá ser lido após a criação textual, conforme orientação no início do Módulo III.



MENSAGEM FINAL

Chegamos ao término de nosso módulo didático focado na violência contra a mulher. Nossa maior aspiração é que você, como estudante e cidadão crítico, reflita profundamente sobre todo o conhecimento adquirido até aqui. Pense sobre os dados alarmantes revelados, as pesquisas apresentadas e as notícias lidas. Os números são realmente preocupantes, mas lembre-se: você pode fazer a diferença.

Repensar suas atitudes em relação à temática e refletir sobre como a mulher deve ser vista e tratada na sociedade é um excelente ponto de partida. Durante esses três módulos, você foi apresentado a D. Eulália, Cidinha e Raquel, personagens fictícias que, no entanto, retratam a maneira como a maioria da sociedade percebe a mulher.

Nossa esperança é que sua perspectiva seja diferente e que você esteja atento aos sinais de violência. Não se cale diante de qualquer forma de violência, seja ela vivida ou presenciada. Lembre-se, cada voz conta e cada ação importa.

Deseja aprofundar ainda mais seus conhecimentos sobre a temática? Sugere outros contos adequados à sua faixa etária. Continue sua jornada de aprendizado e nunca pare de refletir.

“Bar” - Autor: Iván Ângelo

“A Moça Tecelã” - Autora: Marina Colasanti

“Dolly” - Autora: Lygia Fagundes Telles

Bons estudos e lembre-se: a reflexão é um processo contínuo!

Ao mestre, com carinho

Docente,

Agradeço por considerar a questão da violência contra a mulher e reconhecer que a sala de aula é um espaço adequado para refletir sobre essa temática. Estarei à disposição caso tenha dúvidas ou deseje compartilhar sua experiência com a utilização deste caderno pedagógico. Gostaria de ressaltar que cada detalhe foi desenvolvido com extremo cuidado e atenção, com o objetivo de detalhar cada etapa para facilitar a mediação.

Com os meus melhores cumprimentos e sinceros agradecimentos,

Lorena Nogueira Costa Oliveira

Mestra em Linguagens e Letramentos pela Universidade Federal de Sergipe.

Contato: lorynogueira@hotmail.com

REFERÊNCIAS

BUNCH, C. **Hacia una revisión de los Derechos Humanos**. In: BUNSTER, X.; ENLOE, C.; RODRIGUES, R. (Org.). *La mujer ausente: derechos humanos en el mundo*. Santiago: Isis Internacional, 1991.

BERNARDES, A. Artigo: **A culpa não é da vítima**. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/opiniaao/2019/08/29/internas_opiniaao,779741/artigo-a-culpa-nao-e-da-vitima.shtml>. Acesso em: 12 dez. 2023.

COLASANTI, Marina. **Porém igualmente**. In: _____. *Um espinho de Marfim & outras histórias*. Porto Alegre: L&PM, 1999.

GALVÃO, WALDER. **Morte de Leticia Curado, vítima de Marinésio, completa um ano**. Disponível em: <<https://www.correiobraziliense.com.br/cidades-df/2020/08/4870422-morte-de-leticia-curado-vitima-de-marinesio-completa-um-ano.html>>. Acesso em: 12 dez. 2023.

HOOKS, Bell. **"E eu não sou uma mulher?": Mulheres negras e feminismo**. Trad. Bhuvi Libanio. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

LISPECTOR, Clarice. **A língua do P**. In: *A Via Crucis do corpo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LISPECTOR, C. **Minhas queridas**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

NUNES CABRAL, L.; FREIRE BARBOSA, A. C. tipificação da violência contra a mulher no município Juazeiro/BA. **Biblionline**, v. 16, n. 3/4, p. 78–93, 2021.

RICHE, Rosa Maria Cuba; FERREIRA, Eliane Aparecida Galvão Ribeiro. MARINA COLASANTI. **Miscelânea: RevistadeLiteraturaeVidaSocial**, v. 29, p. 357-363, 2021.

TELES, Maria Amélia de Almeida; MELO, Mônica de. **O que é violência contra a mulher**. São Paulo: Brasiliense, 2017.

TELLES, Lygia Fagundes. **Durante aquele estranho chá**. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

TELLES, Lygia Fagundes. **"Venha ver o pôr do sol"**. In: TELLES, Lygia Fagundes. *Antes do baile verde* 16. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p. 123-131.

APENDICE B - caderno pedagógico - versão ALUNO



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM LETRAS**

LORENA NOGUEIRA COSTA OLIVEIRA

**CADERNO DE ATIVIDADES PEDAGÓGICAS
A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NA LITERATURA
BRASILEIRA- UMA PROPOSTA PARA OS ANOS FINAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

São Cristóvão
2023

EULÁLIAS, CIDINHAS E RAQUÊIS:

TECENDO UMA PROPOSTA
LITERÁRIA EM DEFESA DA MULHER



LORENA NOGUEIRA COSTA OLIVEIRA

**LETRAMENTO LITERÁRIO: REFLEXÕES SOBRE A
VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NA LITERATURA
BRASILEIRA- UMA PROPOSTA PARA OS ANOS FINAIS DO
ENSINO FUNDAMENTAL**

Material didático que compõe o trabalho final apresentado ao Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), da Universidade Federal da Sergipe, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre. Orientador: Prof. Dr. Alexandre de Mello Andrade.

São Cristóvão

2023

APRESENTAÇÃO

Caro(a) docente e discente,

Sou Lorena Nogueira, mestra em Letras pela Universidade Federal de Sergipe e docente da rede municipal de Juazeiro-BA. Esse texto tem o objetivo de apresentar um caderno pedagógico para orientar e também suscitar o trabalho sobre a temática violência contra a mulher utilizando os textos literários "Venha ver o pôr-do-sol", "A língua do P" e, "Porém, igualmente", respectivamente das autoras: Lygia Fagundes Telles, Clarice Lispector e Marina Colasanti.

É veiculado diariamente o quanto o gênero feminino sofre violência de diversas formas. Acredita-se que o espaço escolar é o ambiente adequado para dialogar sobre essa temática, além de propiciar o contato com a literatura e tornar realidade o letramento literário.

O presente caderno pedagógico possui a precípua finalidade de viabilizar uma série de atividades, fundamentadas em recursos didáticos. As sugestões elencadas podem sofrer adaptações e podem ser vivenciadas por conto ou de maneira integral. Aqui são propostos recursos com o objetivo de criar estratégias de letramento literário com alunos(as) dos anos finais do Ensino Fundamental II, preferencialmente nas turmas de 8 e 9 anos. É importante ressaltar que os textos literários disponibilizados aqui discorrem sobre a temática da violência contra a mulher.

Esse trabalho resulta de uma pesquisa do Mestrado Profissional em Letras, cujo programa chama-se "ProLetras" e foi produzido na Universidade Federal de Sergipe sob a orientação do Prof. Dr. Alexandre de Melo Andrade.

Espera-se que ao final desta experiência o(a) docente entenda a viabilidade do trabalho com a Literatura à luz de assuntos da atualidade que urge debate e reflexão no contexto escolar e que os discentes vivenciem o caderno pedagógico pondo em prática as sugestões elencadas.

Objetivos:

- Incentivar a leitura literária;
- Estudar autoras brasileiras;
- Desenvolver atividades sobre "Violência contra a mulher";
- Propor experiências literárias.

Conteúdos abordados:

- Leitura e produção de texto literário
- Estratégias de leituras
- Produção textual
- Apresentação e contextualização dos temas: Violência contra a mulher e feminicídio.
- Gênero conto
- Elementos do texto narrativo (foco narrativo, tempo, espaço, personagem, complicação e desfecho)
- Produção de texto oral

Conteúdos interdisciplinares:

- Empoderamento feminino
- Igualdade de gênero
- Relações de convivência

ETAPAS DIDÁTICO-PEDAGÓGICAS

Tempo de execução:

O caderno pedagógico contempla:

Três Módulos de atividades, necessitando 2 aulas para a realização do módulo I, duas aulas para o módulo II e 3 aulas para o módulo III. Totalizando 7 aulas para a vivência integral da proposta sugerida.

SUMÁRIO

Conversa inicial.....	07
Organização do caderno pedagógico.....	09
Módulo I.....	10
Hora da produção.....	15
Texto: Porém Igualmente, de Marina Colasanti.....	16
Módulo II.....	18
Texto: A língua do P, de Clarice Lispector.....	21
Hora da produção.....	24
Módulo III.....	35
Texto: Venha ver o pôr-do-sol, de Lygia Fagundes Telles.....	39
Hora da produção.....	46
Mensagem Final.....	48

CONVERSA INICIAL

Os índices retratam constante crescente nos dados sobre a violência contra a mulher, o que é uma infeliz realidade. A frequência desses atos contra o ser feminino ofusca a sua imagem, reafirma a falta de punição para esse tipo de violência, conduz a banalização e até a aparente normalidade, como algo que faz parte do dia a dia e do imaginário das mulheres.

A escritora feminista Charlotte Anne Bunch (1991) não limita a violência contra a mulher como cultural ou pessoal; a escritora amplia e analisa sob o espectro político, ao afirmar que esses atos resultam do domínio de vínculos cujas bases estão no poder e no privilégio alcançados a partir do aprisionamento identitário feminino. Para a escritora, a violência contra a mulher faz parte da engrenagem que mantém os laços políticos familiares na esfera do trabalho e demais ambientes públicos.

Esse fenômeno social não está limitado a uma única classe social, mas em todas, perpassando todas as raças, etnias e gerações. Há quem considere o ato de violentar mulheres como resultado das diferenças e desigualdades sociais, restrito às pessoas humildes. Há também pessoas que tentam justificar a violência realizada ao consumo de álcool e outras drogas. É salutar pensar que viver no contexto socioeconômico não privilegiado onera e dificulta lidar com os pensamentos e emoções; porém, tentar explicar um fenômeno e reduzir a essas questões limita a discussão e oculta a sua problemática. As autoras Maria Amélia de Almeida Teles e Mônica de Melo, em seu livro *O que é violência contra a mulher* (2002), reforçam essa ideia ao afirmarem que o ato de agredir, violentar o ser feminino pode ser vivenciado em qualquer classe e com qualquer mulher independentemente da sua situação socioeconômica.

Ao partir de uma base machista e patriarcal, tal fenômeno encarcera a mulher, colocando-a como inferior e subjugada. Do outro lado, o homem é fortalecido com a imagem de superior e dominador.

Diariamente a mídia retrata notícias sobre a violência contra a mulher, muitas vezes alternando o foco: ora mostra o contexto do ato, ora as ações dos agentes de segurança pública, ora o desfecho de algum caso no judiciário. Por ser um tema retratado diariamente, exaustivamente, causa banalização; ao invés de gerar reflexão, estranheza, revolta, causa uma sensação de apenas mais um caso que pertencerá a um índice. Até quando a sociedade tratará o fenômeno da violência contra a mulher como algo naturalizado?

Nesse contexto e conforme dito anteriormente, os índices só aumentam e as pesquisas comprovam que, no Brasil, uma mulher é vítima de violência a cada quatro horas, segundo o boletim *Elas vivem: dados que não se calam*, divulgado no dia 06 de março de 2023 pela Rede de Observatórios da Segurança. De acordo com a pesquisa, foram registrados 2.423 casos de violência contra a mulher em 2022, 495 deles feminicídios.

As pesquisadoras Luana Nunes Cabral e Anne Christina Freire Barbosa desenvolveram um trabalho de pesquisa cujo objetivo foi analisar os tipos de violência mais frequentes em Juazeiro-BA, baseadas nos atendimentos realizados pelo CIAM (Centro Integrado de atendimento à mulher) por meio da Lei de nº 11.340/06, mais conhecida como Lei Maria da Penha.

Os dados estudados levaram em consideração os anos de 2006 até 2018 e são alarmantes, refletindo a realidade do país. De 2413 casos notificados, 41,29% constata a violência psicológica como a mais incidente. Os números continuaram em ascensão. Segundo o jornal *A Tarde*, em 2022 a Bahia foi o estado que teve um aumento de 58% nas ocorrências de violência, e teve o infeliz ganho do título de estado do Nordeste com a quantidade maior no número de feminicídios.

Neste diapasão, as perguntas norteadoras para o desenvolvimento desta pesquisa e sugestão de metodologia de trabalho foram:

Os dados no Brasil, Bahia e em Juazeiro-BA chamam a atenção e crescem absurdamente a cada ano. De que maneira as instituições educacionais podem posicionar-se diante da problemática da violência contra a mulher? De que modo os estudantes podem ser levados à reflexão sobre o tema e sobre a mudança de pensamento para evitar futuros atos violentos?

Uma das possibilidades encontraremos aqui, por meio do Mestrado Profissional em Letras, um programa que visa ao aperfeiçoamento do labor executado pelos(as) docentes de Língua Portuguesa.

Qual é o melhor local para discutir, questionar, fazer pensar sobre a violência contra a mulher? Qual é o melhor ambiente para utilizarmos a literatura brasileira produzida por escritoras como forma de reflexo social da vida?

É nesse contexto que se propõe aqui uma possibilidade de utilizar as aulas de Língua Portuguesa como oportunidade de, além da promoção do letramento literário, aumentar e desenvolver a competência leitora e oportunizar a discussão sobre a temática da violência contra a mulher.

Ao fim da vivência desse caderno pedagógico, espera-se que os discentes desfrutem do prazer e do incômodo que a literatura é capaz de promover.

ORGANIZAÇÃO DO CADERNO PEDAGÓGICO

Abaixo, apresentamos um quadro resumo sobre as principais atividades contidas no Caderno Pedagógico que serão realizadas durante a sua vivência.

ETAPAS	ATIVIDADES	DURAÇÃO
Módulo I	<ul style="list-style-type: none"> - Montagem do texto literário; - Leitura e interpretação do miniconto "Porém Igualmente". - Questões sobre o texto; - Reescrita do miniconto; - Elaboração do diário. 	2 aulas
Módulo II	<ul style="list-style-type: none"> - Leitura e interpretação do conto "A língua do P". - Escrita dos "erros e acertos" da personagem Cidinha; - Diálogo sobre os "erros e acertos". - Elaboração do diário. 	2 aulas
Módulo III	<ul style="list-style-type: none"> - Leitura e análise dos dados sobre violência contra a mulher; - Leitura e interpretação do conto "Venha ver o pôr-do-sol" sem o desfecho; - Escrita de um possível final; - Leitura do final oficial e das produções. - Elaboração do diário. 	3 aulas



Marina Colasanti

Texto de autoria: *"Porém Igualmente"*

Lygia Fagundes Telles

Texto de autoria: *"Venha ver o pôr-do-sol"*



Clarice Lispector

Texto de autoria: *"A língua do P"*

MÓDULO I

Nome do Aluno(a): _____
Nome do(a) Professor(a) de Português: _____
Escola: _____
Ano/Turma: _____ Ano Letivo: _____
Cidade/Estado: _____

HORA DA DESCONSTRUÇÃO

Você já parou para analisar o quão diversa é a educação ofertada à criação de meninos e meninas? Será que isso impacta na maneira como as mulheres são tratadas?

Para perceber os diferentes tratamentos que a sociedade fomenta, basta observar a educação diferenciada fornecida aos meninos e às meninas. De um lado, há instruções, reforços para que o estereótipo de ser calma, passiva, familiar e dedicada ao lar seja vivenciado pela mulher. Do lado masculino, a aventura, o estudo, diversão são alimentados em sua personalidade.

Na vida adulta, a mulher é desencorajada a seguir de maneira autônoma, o medo percorre sua mente. Não é seguro andar à noite sozinha, necessitando sempre de uma figura masculina como sinônimo de proteção e segurança. Essa diferença dada ao ser feminino, mulher, e ao masculino, homem, é chamada de patriarcado. Ele se constitui como maneira de exercer poder, produz e reproduz inúmeros tipos de violência, acrescentando a dor e sentimento de culpa pelas figuras que não querem perder os privilégios e desejam continuar no poder.

Para complementar, bell Hooks, em seu livro *E eu, não sou uma mulher?*, define o patriarcado como “o poder que os homens usam para dominar as mulheres, este não sendo apenas um privilégio das classes altas e médias dos homens brancos, mas um privilégio de todos os homens na sociedade sem olhar a classe ou a raça”. (HOOKS, 1981, p. 64)

Essa superioridade, esse poder masculino reforçado desde a infância, resulta em uma naturalização que deve ser questionada e combatida. É comum presenciarmos reforços para que a figura feminina esteja sempre atrelada ao lar e à passividade, um exemplo bem simplório é a ilustração das caixas de brinquedos. Comumente vemos meninas estampadas nas caixas de brinquedos alusivas às atividades domésticas. Portanto, a construção da superioridade masculina, além de ser realizada através dos diversos processos sociais (o homem ser o provedor do lar, não demonstrar emoções, gostar de esportes etc.), há também um tolhimento midiático reforçando a passividade feminina.

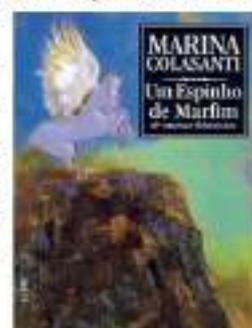
Logo, a educação familiar e a vivência de cada indivíduo constroem os estereótipos do feminino e masculino, desmistificando a ideia da naturalização das personalidades.

O avanço dos ideais perpetuados pelas visões do patriarcado reforça no masculino uma ideia de poder sobre o corpo feminino, a ponto de cometer atos violentos.



Marina Colasanti, importante escritora da literatura brasileira, publicou mais de 40 livros. Discorre sobre o universo feminino, o amor e os problemas sociais. Suas personagens femininas muitas vezes são dotadas de sensibilidade, delicadeza, força e coragem. A autora cria personagens moldadas ao contemporâneo, o que causa muita identificação com o público feminino, pois sente identificação e se percebe representado.

A autora de "Porém Igualmente" é atuante na luta a favor das mulheres serem conscientes da sua condição. Nascida em 1937 na Etiópia, começou a residir no Brasil com 11 anos. Formada em Artes, trabalhou como jornalista, publicitária e produtora; casada com o escritor Afonso Romano de Sant'anna, é descrita como uma escritora engajada, que denuncia as opressões e acredita no poder da leitura: "A leitura tem a ver com a qualidade da vida, o enriquecimento da vida, a diversidade da vida. Tem a ver com a apropriação de experiências que nunca se viveram." (COLASANTI, 2021, p.363).



ABERTURA

Estimado(a) discente,

Daremos início à nossa experiência literária, cujo objetivo é abordar a temática da violência contra a mulher. Primeiramente, pedimos que se agrupe de maneira ordenada e se prepare para a organização de um miniconto denominado “Porém igualmente”, de autoria de Marina Colasanti.

Posteriormente, você responderá a uma das questões propostas em seu caderno de Língua Portuguesa. Após a conclusão, aguardem a realização do debate.

1. Para você, sobre o que fala o miniconto?
2. O que faz D. Eulália ser uma “santa”, um “anjo”?
3. O que os parentes fizeram diante do que acontecia com D. Eulália? Comente.
4. Retire do texto o trecho que demonstra o vício em bebida do marido de D. Eulália. Você acha que o alcoolismo justifica as atitudes do marido?
5. O que quer dizer a expressão “rompeu em asas o voo de sua trajetória”?
6. O miniconto parece ser atual? Justifique.
7. Qual é a sua opinião sobre D. Eulália? Justifique.

HORA DA ANÁLISE

É perceptível que a intensidade do miniconto “Porém igualmente” provoca reflexão sobre a vivência do feminino na atualidade. O uso do tempo verbal no gerúndio demonstra que D. Eulália era agredida frequentemente pelo seu cônjuge alcohólatra. Os vizinhos a adjetivaram como “santa”, os parentes como “anjo”, adjetivos alusivos a algo sagrado, ligado ao divino, o que reforça a ideia de positivo, a não reação diante da violência sofrida.

No texto percebemos um incentivo ao comportamento submisso, passivo de D. Eulália através dos vizinhos e parentes, pois, ao perceberem as agressões cometidas, não a encorajam, tampouco oferecem ajuda, mas atribuem características ligadas ao campo religioso.

O miniconto lançado na década de 90 denuncia a passividade das pessoas em não agir diante da violência cometida contra as mulheres, relata também a dificuldade em denunciar e alcançar a rede de apoio, pois, muitas vezes, a violência masculina é aceita e apoiada através de uma visão patriarcal. Assim, “a violência patriarcal em casa é baseada na crença de que é aceitável que um indivíduo mais poderoso controle outros por meio de várias formas coercitivas”. (HOOKS, 2019, p. 95).

Em sua escrita, Colasanti objetiva transformação cultural e, mesmo lançado há mais de 20 anos, a luta pela igualdade e direito feminino ainda permanecem.



VAMOS RELEMBRAR O TEXTO “PORÉM IGUALMENTE” ?

Porém igualmente

Marina Colasanti

É uma santa. Diziam os vizinhos. E D. Eulália apanhando.

É um anjo. Diziam os parentes. E D. Eulália sangrando.

Porém igualmente se surpreenderam na noite em que, mais bêbado que de costume, o marido, depois de surrá-la, jogou-a pela janela, e D. Eulália rompeu em asas o voo de sua trajetória.

PROPOSTA TEXTUAL

Agora é o momento perfeito para explorar uma nova perspectiva na história de D. Eulália. Imagine um miniconto que ofereça uma visão alternativa sobre a vida de nossa protagonista. Que tal considerar um desfecho diferente para a sua narrativa? Considerando a trágica história de D. Eulália, vítima de violência doméstica e assassinada pelo marido, podemos explorar um desfecho alternativo onde ela encontra forças para mudar seu destino.

Imagine um miniconto onde D. Eulália, apesar de viver em um ambiente de violência, consegue buscar ajuda. Com essa consciência, ela decide denunciar seu marido e buscar apoio em uma organização de ajuda a mulheres vítimas de violência. Nesse novo desfecho, ela se torna uma sobrevivente, uma inspiração para outras mulheres em situações semelhantes. Ela usa sua experiência para educar e apoiar outras vítimas, tornando-se uma defensora dos direitos das mulheres e uma voz contra a violência doméstica.

Esse é apenas um exemplo de como a história de D. Eulália poderia ser reescrita, destacando a importância da conscientização sobre a violência contra a mulher e a força que vem da superação. Qual é o outro desfecho que você imagina para a nossa querida personagem?

MÓDULO II

HORA DA DESCONSTRUÇÃO

Você já ouviu o termo "feminicídio" ? Feminicídio é o termo utilizado para designar o assassinato de mulheres realizado em função do gênero. De modo simplório, é quando a vida da vítima é ceifada por ser mulher.

Há um pensamento em comum em todos os estudiosos que analisam o feminicídio, é que este é o resultado do sistema patriarcal, dos papéis diferenciados, impostos nos gêneros e do poder desequilibrado entre eles. O crime do feminicídio foi instituído através da lei 13.104, mais conhecida como a "Lei do Feminicídio", decretada pela presidente Dilma Roussef em 9 de março de 2015, um dia após a comemoração do dia internacional da mulher.

A partir dessa data, o feminicídio transformou-se em crime, assassinato qualificado e foi designado como crime hediondo. Para entendermos melhor, no caso de um homicídio "simples" o tempo de pena varia entre 6 e 20 anos, no caso do feminicídio esse tempo é ampliado de 12 a 30 anos. Vale salientar que embora a maioria dos casos seja cometido por companheiros, ex-companheiros, a lei pode acolher casos em que o assassino for desconhecido. Além disso, relações homoafetivas também são contempladas legalmente.

Sabendo que as mudanças culturais e de padrões são lentas e árduas de acontecerem, é importante atribuir responsabilidade ao criminoso para não deixar a sociedade sem resposta, para demonstrar o quão inadmissível é cometer violência contra a mulher, por isso a importância de tipificar esse tipo de crime.

A sua próxima leitura chama-se "A língua do P" e abordará a temática do feminicídio. O texto foi escrito e publicado no ano de 1974, integra o livro *A Via Crucis do Corpo*.

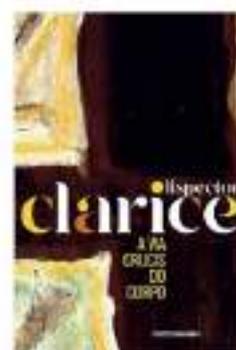
Cidinha, personagem principal, professora de inglês, residia em Minas Gerais e planejava uma viagem para fora do país. No dia da sua viagem precisa tomar um trem com destino ao Rio de Janeiro. Ao embarcar, a professora depara-se com uma senhorinha dormindo. Após uma parada, dois homens sobem e se sentam em sua frente. A partir daí o plano de Cidinha sofre risco de mudança.

Aperte o cinto de segurança e viaje nessa história reflexiva e cheia de reviravolta...



Clarice Lispector nasceu no dia 10 de dezembro de 1920 na Ucrânia, mas veio residir no Brasil ainda bebê. Faleceu em 1977 em decorrência de um câncer. É uma das escritoras mais conhecidas da literatura brasileira, possui uma escrita marcante, valorizando o olhar interior. Era apaixonada pelo ato de escrever: “Cheguei mesmo à conclusão de que escrever é a coisa que mais desejo no mundo, mesmo mais que amor” (LISPECTOR, 2007, p. 23).

Para a escritora o ato de escrever era prazeroso e emocionante: “Escrevo porque encontro nisso um prazer que não sei traduzir. Não sou pretensiosa. Escrevo para mim, para que eu sinta minha alma falando e cantando, às vezes chorando.” (LISPECTOR, 2007, p. 27). Foi ganhadora dos prêmios Jabuti (1961 e 1978), Graça Aranha, Carmen Dolores Barbosa, entre outros. Autora de grandes livros da literatura brasileira, *A Hora da Estrela*, *Perto do Coração Selvagem* e *Laços de família*. Embora não se rotulasse como feminista, Lispector apoiava e defendia a independência feminina.



ATENÇÃO, DISCENTE

Vamos iniciar a próxima leitura:

- Durante a leitura anote os trechos que chamaram a sua atenção.
- Após a leitura, converse com os(as) colegas sobre os trechos escolhidos por eles(as). Há algum trecho em comum? Conversem sobre o porquê da escolha e escolham dois trechos para expor diante da turma.

A Língua do P

Clarice Lispector

Maria Aparecida — Cidinha, como a chamavam em casa — era professora de inglês. Nem rica nem pobre: remediada. Mas vestia-se com apuro. Parecia rica. Até suas malas eram de boa qualidade.

Morava em Minas Gerais e iria de trem para o Rio, onde passaria três dias, e em seguida tomaria o avião para Nova Iorque.

Era muito procurada como professora. Gostava da perfeição e era afetuosa, embora severa. Queria aperfeiçoar-se nos Estados Unidos.

Tomou o trem das sete horas para o Rio. Frio que fazia. Ela com casaco de camurça e três maletas. O vagão estava vazio, só uma velhinha dormindo num canto sob o seu xale.

Na próxima estação subiram dois homens que se sentaram no banco em frente ao banco de Cidinha. O trem em marcha. Um homem era alto, magro, e bigodinho e olhar frio, o outro era baixo, barrigudo e careca. Eles olharam para Cidinha. Esta desviou o olhar, olhou pela janela do trem.

Havia um mal-estar no vagão. Como se fizesse calor demais. A moça inquieta. Os homens em alerta. Meu Deus, pensou a moça, o que é que eles querem de mim? Não tinha resposta. E ainda por cima era virgem. Por que, mas por que pensara na própria virgindade?

Então os dois homens começaram a falar um com o outro. No começo Cidinha não entendeu palavra. Parecia brincadeira. Falavam depressa demais. E a linguagem parecia-lhe vagamente familiar. Que língua era aquela?

De repente percebeu: eles falavam com perfeição a língua do "p". Assim:

— Vopocé reperaparoupou napa mopoçapa boponipitapa? — Jápá vipi tupudopo. Épé linpindapa. Espestápá nopo papapopo.

Queriam dizer: você reparou na moça bonita? Já vi tudo. É linda. Está no papo.

Cidinha fingiu não entender: entender seria perigoso demais. A linguagem era aquela que usava, quando criança, para se defender dos adultos. Os dois continuaram:

— Queperopo cupurrapar apa mopoçapa. Epe vopocêpê? — Tampambém-pém. Vapaipi serper nopo tupunelpel. Queriam dizer que iam currá-la no túnel... O que fazer? Cidinha não sabia e tremia de medo. Ela mal se conhecia. Aliás nunca se conhecera por dentro. Quanto a conhecer os outros, aí e que piorava. Me socorre, Virgem Maria! Me socorre! Me socorre!

— Sepe repesispis tirpir popodepemospos mapatarpar epelapa. Se resistis-se podiam matá-la. Era assim então.- Compom umpum pupunhalpal. Epe roupou-barpar epelapa.

Matá-la com um punhal. E podiam roubá-la.

Como lhes dizer que não era rica? Que era frágil, qualquer gesto a mataria. Tirou um cigarro da bolsa para fumar e acalmar-se. Não adiantou. Quando seria o próximo túnel? Tinha que pensar depressa, depressa, depressa.

Então pensou: se eu me fingir de prostituta, eles desistem, não gostam de vagabunda.

Então levantou a saia, fez trejeitos sensuais - nem sabia que sabia fazê-los, tão desconhecida era de si mesma - abriu os botões do decote, deixou os seios meio à mostra. Os homens de súbito espantados,

— Tápá dopoipidapa.

Está doida, queriam dizer. E ela a se requebrar que nem sambista do morro. Tirou da bolsa o batom e pintou-se exageradamente. E começou a cantarolar.

Então os homens começaram a rir dela. Achavam graça na doideira de Cidinha. Está desesperada. E o túnel?

Apareceu o bilheteiro. Viu tudo. Não disse nada. Mas foi ao maquinista e contou. Este disse:

— Vamos dar um jeito, vou entregar ela pra polícia na primeira estação.

E a próxima estação veio.

O maquinista desceu, falou com um soldado por nome José Lindalvo. José Lindalvo não era de brincadeira. Subiu no vagão, viu Cidinha, agarrou-a com brutalidade pelo braço, segurou como pôde as três maletas, e ambos desceram.

Os dois homens às gargalhadas.

Na pequena estação pintada de azul e rosa estava uma jovem com uma mala. Olhou para Cidinha com desprezo. Subiu no trem e este partiu.

Cidinha não sabia como se explicar ao polícia. A língua do "p" não tinha explicação. Foi levada ao xadrez e lá fichada. Chamaram-na dos piores nomes. E ficou na cela por três dias. Deixavam-na fumar. Fumava como uma louca, tragando, pisando o cigarro no chão de cimento. Tinha uma barata gorda se arrastando no chão.

Afinal deixaram-na partir. Tomou o próximo trem para o Rio. Tinha lavado a cara, não era mais prostituta. O que a preocupava era o seguinte: quando os dois homens haviam falado em currá-la, tinha tido vontade de ser currada. Era uma descarada. Epe sopoupu upumapa puputapa. Era o que descobrira. Cabishaixa.

Chegou ao Rio exausta. Foi para um hotel barato. Viu logo que havia perdido o avião. No aeroporto comprou a passagem.

E andava pelas ruas de Copacabana, desgraçada ela, desgraçada Copacabana.

Pois foi na esquina da rua Figueiredo Magalhães que viu a banca de jornal. E pendurado ali o jornal "O Dia". Não sabia dizer por que comprou.

Em manchete negra estava escrito: "Moça currada e assassinada no trem".

Tremeu toda. Acontecera, então. E com a moça que a desprezara.

Pôs-se a chorar na rua. Jogou fora o maldito jornal. Não queria saber dos detalhes. Pensou:

— Êpé. Opo despestipinopo épé impimplaplacápávepel.

O destino é implacável.



PROPOSTA TEXTUAL

"A língua do P" discorre sobre a violência psicológica, a violência física e a relativização da mulher diante dos seus agressores. Cidinha, uma professora, ainda sem vida sexual ativa, é assediada em um trem e tomada pelo medo da violação do seu corpo utilizando como estratégia de sobrevivência fingir ser prostituta.

O seu plano consegue êxito, porém, é humilhada e exposta. Mesmo com a presença do motorista maquinista, não sentiu segurança para denunciar, ter o seu discurso validado. Decide seguir o que planejara, é presa durante três dias, depois consegue seguir sua viagem rumo a Londres. E infelizmente os criminosos conseguem seguir a vida também.

Em seguida, analise cuidadosamente a experiência vivida por Cidinha e preencha o quadro com os possíveis equívocos e acertos da personagem na tentativa de evitar ser vítima de violência.

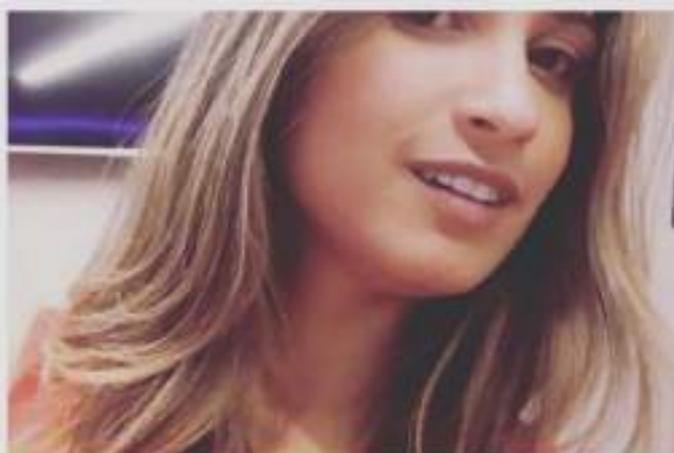
Após o preenchimento do quadro, aguarde as orientações do(a) professor(a).

ERROS	ACERTOS

Casos como o da Professora Cidinha ocorrem cotidianamente no Brasil, onde mulheres tornam-se vítimas de assédio, tentativas de estupro e feminicídio. Frequentemente, a sociedade busca justificar tais atos violentos, atribuindo, em muitos casos, a culpa à vítima. Para aprofundar nossa reflexão, realize a leitura de duas notícias pertinentes ao tema. Através dessas leituras, você terá a oportunidade de conhecer a história de Letícia Curado e Geni Pereira, ambas vítimas fatais do cozinheiro Marinésio em 2019. Este caso repercutiu amplamente e, infelizmente, muitas pessoas, ao expressarem suas opiniões nas redes sociais, culpam as vítimas.

Morte de Letícia Curado, vítima de Marinésio, completa um ano

O feminicídio da advogada de 26 anos levou à prisão do cozinheiro Marinésio dos Santos Olinto, 42. Ele segue preso e passará por audiência na sexta-feira.



Assassinada em 23 de agosto de 2019, Letícia deixou o marido e um filho, hoje com 4 anos - (crédito: Arquivo Pessoal)

Há um ano, Letícia Curado, 26 anos, saía de casa para nunca mais retornar. Por volta das 7h de uma sexta-feira, a advogada deixava o bairro Arapoanga, em Planaltina, para ir ao trabalho, no Ministério da Educação (MEC), localizado na Esplanada dos Ministérios. Atrasada, ela resolveu entrar em um veículo, uma Blazer

prata, conduzida pelo cozinheiro Marinésio dos Santos Olinto, 42, que se identificou como motorista de transporte pirata.

A ideia era chegar mais rápido ao destino. Entretanto, ela foi atacada e morta asfixiada. A partir do caso, a Polícia Civil conseguiu chegar ao assassino confesso e desvendar outros crimes cometidos por ele, como estupros, abusos sexuais e outro feminicídio. Um ano após a tragédia, famílias destruídas por Marinésio, inclusive a dele, tentam se reerguer.

Os investigadores da 31ª Delegacia de Polícia (Planaltina) prenderam Marinésio em 24 de agosto do ano passado, um dia após o desaparecimento de Leticia. Imagens de segurança da região mostram o momento em que a jovem entrou no carro do cozinheiro, em frente à parada de ônibus. Na noite do dia seguinte, os agentes encontraram o carro dele em via pública e, em seu interior, objetos que pertenciam à advogada. Na segunda-feira, 26 de agosto, ele confessou o crime e ainda revelou ter matado mais uma mulher em junho, a auxiliar de cozinha Genir Pereira Sousa, 47.

Após a prisão de Marinésio e a divulgação de vídeos e fotos dele pela imprensa, outras mulheres procuraram a Polícia Civil para denunciar abusos e estupros cometidos pelo cozinheiro. Conforme o Correio apurou, atualmente, Marinésio responde processualmente pelas mortes de Leticia e Genir e por cinco crimes de violência sexual, três de Planaltina, uma de Sobradinho e outro do Paranoá.

Além das acusações ainda em trâmite na Justiça, o cozinheiro foi condenado, em 7 de maio deste ano, a 10 anos de prisão pelo estupro de uma jovem que, à época do crime, tinha 17 anos. A vítima foi atacada na área de Pinheiral, no Paranoá, em 1º de abril de 2019. Para abordar a jovem, Marinésio usou o mesmo modo de atuação: em um veículo pessoal, ofereceu carona. Diante da negativa, ele desceu do automóvel e, com uma faca na mão, obrigou a então adolescente a entrar no banco de trás do carro, sob ameaça de morte, seguindo para a região deserta da cidade, onde estacionou. Ele a estuproou, conforme descreve o processo. A defesa do sentenciado recorreu da decisão e o processo ainda corre na Justiça.

Apesar de ser assassino confesso de Leticia e Genir, o júri de Marinésio relacionado a esses feminicídios ainda não está marcado. Entretanto, na sexta-feira (28/8), o cozinheiro estará no Fórum de Planaltina para a audiência de três casos de abuso sexual. Em uma das acusações, ele atacou duas irmãs, de 18 e de 21 anos. O caso foi em 24 de agosto, um dia após o assassinato de Leticia Curado. As jovens tinham saído de uma festa e decidiram pegar carona com o sentenciado. Após serem assediadas, as vítimas conseguiram fugir depois de ameaçarem quebrar o veículo do agressor com uma barra de ferro. Ele responde pelo estupro da vítima mais velha e pela tentativa de abuso sexual da mais jovem.

Defesa

Após ser condenado em maio deste ano, Marinésio deixou o Centro de Detenção Provisória (CDP) e foi transferido para a Penitenciária do Distrito Federal 1 (PDF1). Pela repercussão do caso, ele permaneceu isolado em uma cela. Entretanto, atualmente, divide

o cárcere com outros detentos. De acordo com o advogado do cozinheiro, Marcos Venício Fernandes Aredes, o sentenciado está “tranquilo e não sofre nenhuma represália”.

De acordo com o advogado, a imagem de que Marinésio é um monstro, criada pelo público, não existe. “Ele confessou, para mim, que, depois que fez 41 anos, passou a ter um apetite sexual revigorado. Nunca pensou em matar ninguém, mas aconteceu e ele não consegue explicar”, afirma. Marcos ainda completa que o acusado teve problemas psicológicos e que costumava ter “apagões” quando cometia os crimes.

Marcos ainda completa que o cozinheiro não cometeu violência sexual ou qualquer tipo de estupro. “Ele não é esse monstro que as pessoas acreditam e, agora, passa por um período de desconstrução dessa imagem criada pela mídia e pela polícia”, alega.

Dor

Em entrevista ao **Correio**, parentes de Leticia e Genir, assassinadas por Marinésio, narraram o processo doloroso da perda. A esposa do cozinheiro, que também teve a vida dilacerada, conversou com a reportagem. Confira:

Sonho interrompido

Aos 26 anos, Leticia Sousa Curado de Melo vivia em uma fase de conquistas. Evangélica, ela havia passado no exame da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) em 2018 e começou a estudar para concursos. A advogada morava em Planaltina com o marido, Kaio Fonseca Curado de Melo, 26, e com o filho de casal, hoje com 4 anos. Ela era funcionária terceirizada no MEC, onde prestava assessoria jurídica. Em fevereiro de 2019, a jovem foi aprovada no concurso público do Ministério Público da União (MPU) para o cargo de analista e aguardava ser convocada. Em junho do mesmo ano, passou no processo seletivo para estudar na Fundação Escola Superior do Ministério Público do Distrito Federal e Territórios (MPDFT) e, em agosto, começou a frequentar as aulas do curso de pós-graduação em ordem jurídica e MPDFT, destinado a quem deseja ingressar na carreira de promotor público.

A paixão de Leticia pelo direito veio de berço. Ela queria seguir os passos da mãe, a também advogada e servidora pública, Kênia Sousa, 47. “Faz um ano e é como se fosse ontem. Parece que os dias não passam e são intermináveis. Ainda mais com essa questão da pandemia, com tudo paralisado. Tenho a impressão de que está andando mesmo. As coisas não se encaixam ainda e a gente fica meio perdida no que caminha para frente”, relata Kênia.

Um ano após perder a filha, a servidora pública relata que é difícil contabilizar o tempo. Em relação ao processo judicial e à falta da marcação de um julgamento, Kênia entende que a pandemia do novo coronavírus pode deixar os trâmites mais lentos. “A gente sabe que não está nos procedimentos normais. O caso da Leticia teve uma comoção social muito grande, porém, foram muitos casos com o mesmo autor. Por isso, seria necessária mais efetividade”, considera.

Kênia conta que, apesar de a filha ter seguido os passos dela na advocacia, Leticia sonhava em ser promotora. Para a servidora pública, a jovem advogada tinha uma missão maior no mundo e ter escolhido os passos da Justiça comprovam isso. “Foi por meio do caso dela que foi possível tirar uma pessoa tão má do convívio da sociedade”, lamenta. Sobre o neto, Kênia conta que ele está bem e “dividido entre amores”.

Extrovertida e brincalhona

A auxiliar de cozinha Genir Pereira de Sousa, 47, trabalhava em uma pizzaria do Paranoá. Na madrugada de 1º de junho de 2019, ela terminou o expediente e foi embora com um empregado do estabelecimento, namorado dela. Eles dormiram juntos, em Planaltina. Pela manhã, a auxiliar de cozinha foi para a casa da chefe, no bairro Arapoanga. Dali, seguiu para uma parada de ônibus, por volta das 7h40, momento em que foi abordada por Marinésio. Em 12 de junho, o corpo da mulher foi encontrado em um matagal entre Planaltina e o Paranoá, sem nenhum pertence dela.

Apenas em 26 de agosto, após revelar onde estava o corpo de Leticia Curado, Marinésio confessou ter assassinado Genir. O corpo dela foi encontrado em avançado estado de decomposição. Por isso, os investigadores não conseguiram confirmar o estupro, apenas que a morte foi provocada por estrangulamento. Há quase um ano da prisão do cozinheiro, familiares da auxiliar de cozinha ainda pedem Justiça.



Genir Pereira, 47 anos, desapareceu em 2 de junho de 2019 (foto: Arquivo pessoal)

Ao **Correio**, Luzileide Pereira de Sousa, 37, irmã de Genir, conta que o processo até a resolução do caso foi o pior momento. “Quando descobriram que foi ele (Marinésio), senti um alívio. A gente não entendia o que tinha acontecido. Quando a Leticia morreu, a gente suspeitou porque os casos foram muito parecidos. Meu medo era de que ele passasse impune, como tantos outros agressores”, ressalta.

Luzileide define a irmã como uma pessoa animada e extrovertida, que arrancava sorrisos de quem encontrasse. “A dor e a saudade são coisas que nunca vão acabar. Estava filando dela aqui em casa momentos antes de você entrar em contato. Ela vinha todo fim de semana me visitar”, disse Luzileide, ao **Correio**. Genir deixou dois filhos, um homem, de 31 anos, e uma mulher, de 24.

“Enterramos ela no Piauí e o filho dela viajou para lá recentemente. Foi arrumar o túmulo da mãe”, comentou. Apesar de Marinésio seguir preso, Luzineide cobra um julgamento para ter uma resposta final sobre o caso. “A gente vive tentando se levantar a cada dia. Minha irmã era muito brincalhona e não tinha inimizade com ninguém. Uma pessoa tranquila, que deixou saudade”, define.

Família despedaçada

Os crimes cometidos por Marinésio não afetaram apenas as vítimas e as famílias delas. O cozinheiro, marido e pai de uma adolescente de 17 anos, também destruiu o próprio lar. “Estamos tentando preservar as nossas vidas.” Esta foi a frase que a então esposa do assassino confesso disse ao Correio em 28 de agosto de 2019, quatro dias após a prisão do companheiro. Com a repercussão do caso, a mulher e a filha precisaram mudar de endereço e viveram sob ameaça.

A mulher aceitou conversar mais uma vez com a reportagem, sob condição de anonimato. Atualmente, mãe e filha não vivem mais juntas. Em janeiro, ela deixou o Distrito Federal e se mudou para uma região nordestina e a adolescente passou a morar com parentes. “Quando estive em Brasília, cheguei a visitá-lo três vezes. Em todas as minhas idas à carceragem, ele me pedia desculpas, dizia para não o abandonar e para pensar nos 20 anos que vivemos juntos”, contou.



Marinésio dos Santos Olinto, 42 anos, foi preso em 24 de agosto de 2019 (foto: Marcelo Ferreira/CB/D.A Press)

“Perdoei ele, sim. Não guardo mágoa dele no meu coração. A única coisa que disse para o Marinésio foi que, se ele estava lá (na prisão), é porque tinha feito algo e estava pagando por isso. A minha filha ainda diz que ele é pai dela e que não vai abandoná-lo. Não tiro a razão dela, nunca falei qualquer coisa relacionada a isso nem a impedi de fazer visitas”, admite.

Ela tem planos para voltar ao Distrito Federal. Entretanto, não sabe quando. “A nossa antiga casa ainda está à venda. Muitos queriam falar coisas para a gente, atacar, mas quem é próximo não ficou diferente comigo”, conta. Após a descoberta dos crimes cometidos por Marinésio,

a mulher diz que adoeceu e que faz acompanhamento psicológico. “Não passei bem durante esse um ano, fiquei com problema de nervos e tomo remédio controlado. Foi um choque muito grande e ninguém sabia de nada”, desabafa.

A visão de Jane Klébia, delegada-chefe da 6ª Delegacia de Polícia (Paranoá), uma das investigadoras que participou do caso Marinésio

“Como investigadora, digo que foi um dos casos que mais me marcou em 22 anos de Polícia Civil, principalmente pela carga emocional que trouxe, pela comoção e pela forma estúpida com a qual ele matou. Eu não só investiguei, mas também sofri. Uma das vítimas que procurou a delegacia estava destruída. Quando o Marinésio apareceu, ela se desesperou.

Esses crimes sexuais sempre ferem as vítimas. Aquelas que não morrem, ficam com a alma ferida e não se curam. Uma das vítimas que atendemos tinha 17 anos na época do crime. O abuso aconteceu em abril, meses antes da descoberta da autoria. Nesse período, ela tentou suicídio pelo menos cinco vezes. A vida dela ficou destruída. O envolvimento da delegacia foi tanto que fizemos uma festa de aniversário para ela. Aproveitamos que completaria 18 anos e promovemos uma celebração de princesa.

Fizemos o trabalho de polícia, mas também sofremos pela vítima. São crimes muito covardes. O estupro revela a pior face do ser humano, a misoginia e o fato de querer ver o outro sofrer. Tudo isso me marcou muito. Até hoje, eu me lembro e me solidarizo com as vítimas. Algumas delas ainda encontram de alguma forma.

O que me fortalece como policial é saber que o nosso trabalho tem um resultado. Quando o Marinésio foi preso, o sentimento foi o de dever cumprido, ainda mais por amenizar o sofrimento das famílias. Esse é o lado positivo do trabalho de policial. Como sociedade, torcemos para que ele fique preso, para não fazer mal a mais ninguém.”

GALVÃO, WALDER. Morte de Leticia Curado, vítima de Marinésio, completa um ano. Disponível em: < <https://www.correiobraziliense.com.br/cidades-df/2020/08/4870422-morte-de-leticia-curado--vítima-de-marinesio--completa-um-ano.html> >. Acesso em: 12 dez. 2023.

Artigo: A culpa não é da vítima

Leticia não morreu porque entrou no transporte pirata. Morreu porque, além de ter nascido mulher, numa sociedade extremamente machista, vivia, como a maior parte da população brasileira, à margem das preocupações do poder público nas suas necessidades básicas de ir e vir, asseguradas pela Constituição Federal



A violência contra a mulher, que faz uma vítima a cada 2 segundos no Brasil, ganhou as manchetes dos veículos de comunicação e virou tema de conversa nos restaurantes, elevadores e grupos de WhatsApp esta semana. O assassinato de Leticia Curado, aos 26 anos, e de Genir Pereira de Sousa, 47, e a descoberta de que o autor do crime pode ter feito outras vítimas no Distrito Federal, deu visibilidade ao tema e, de modo brutal, esfrega na cara da sociedade o machismo que nos acorrenta, nos fere o corpo e a alma e, não raro, nos tira a vida.

Nas redes sociais ou cara a cara, é assustador o discurso, inclusive entre mulheres, de culpabilização da vítima. Uma hora é o decote, outra a saia curta, ou o fato de estar na rua tal hora, ou, nos casos de Leticia e de Genir, por terem entrado no carro de um motorista que ofereceu o transporte pirata. Mas não, não foram mortas porque entraram num carro pirata. Foram mortas por terem dito não; ao assédio sexual do condutor, segundo apurou a Polícia.

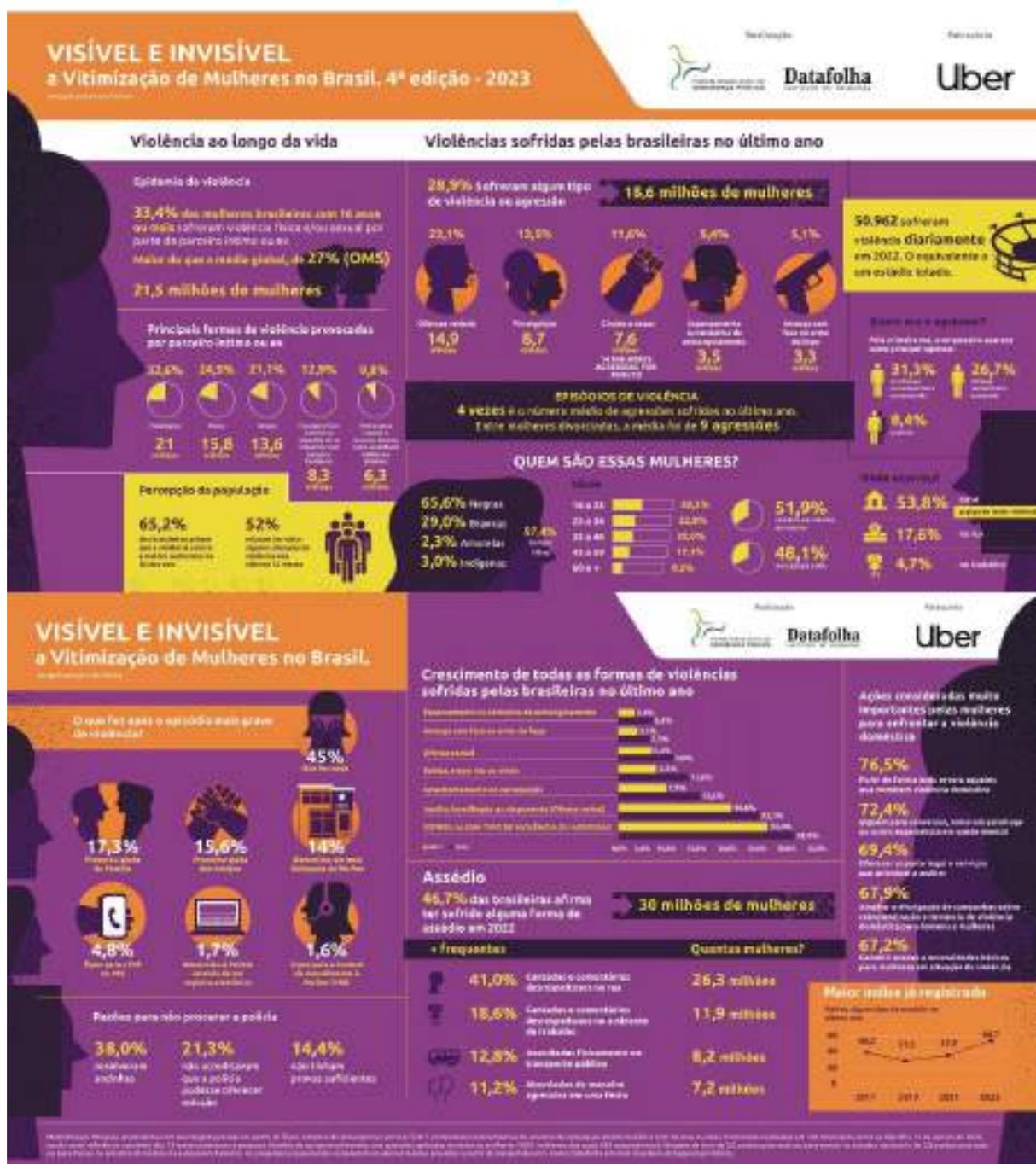
No Distrito Federal, mulheres, homens e crianças são empurrados para o transporte pirata de passageiros por uma razão óbvia: o poder público não tem tido, ao longo de décadas, a competência que se espera de um gestor público para oferecer ônibus e metrô de qualidade. Aliás, é incompetente até para fazer calçadas, equipamento imprescindível para os deslocamentos a pé. A incapacidade de gestão e execução de projetos também fica evidente no caso das ciclovias.

Então, Leticia não morreu porque entrou no transporte pirata. Morreu porque, além de ter nascido mulher, numa sociedade extremamente machista, vivia, como a maior parte da população brasileira, à margem das preocupações do poder público nas suas necessidades básicas de ir e vir, asseguradas pela Constituição Federal. Leticia, Genir e tantas outras mulheres morreram porque a sociedade ainda trata como minimí a luta pela equidade de gênero. Precisamos formar uma nova geração de meninos e meninas que se respeitem acima de qualquer coisa. Precisamos entender o que é masculinidade tóxica. Precisamos reconhecer os mais sutis sinais de violência. O assunto deve ser abordado em sala de aula. O governo deve investir em políticas públicas e programas que amparem as vítimas de violência. Basta de silêncio! Basta de morte.

BERNARDES, A. Artigo: A culpa não é da vítima. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/opiniao/2019/08/29/internas_opiniao,779741/artigo-a-culpa-nao-e-da-vitima.shtml>. Acesso em: 12 dez. 2023.

Para continuar a reflexão, que tal observamos o resultado de uma pesquisa realizada no primeiro semestre do ano de 2023? A pesquisa "Visível e Invisível", em sua quarta edição, revela a situação da violência contra mulheres no Brasil no ano de 2023. Esta pesquisa, encomendada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública e realizada pelo Instituto Datafolha com o apoio da Uber, indica que mais de 18 milhões de mulheres foram vítimas de algum tipo de violência em 2022. Em relação aos estudos anteriores, houve um aumento significativo em todas as formas de violência contra a mulher. Foram entrevistadas 2017 pessoas, incluindo homens e mulheres, em 126 cidades brasileiras, de 9 a 13 de janeiro de 2023.

Observe que, assim como a nossa personagem Cidinha, muitas mulheres não fazem nada diante da violência contra a mulher, ou seja, não denunciam e se calam diante da violência sofrida.



Fonte: DE MULHERES NO BRASIL, A. V. VISÍVEL E INVISÍVEL. Disponível em: <<https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/03/visiveleinvisivel-2023-infografico.pdf>>. Acesso em: 12 dez. 2023.

MÓDULO III

HORA DA DESCONSTRUÇÃO

Você já ouviu falar em “Violentômetro”?

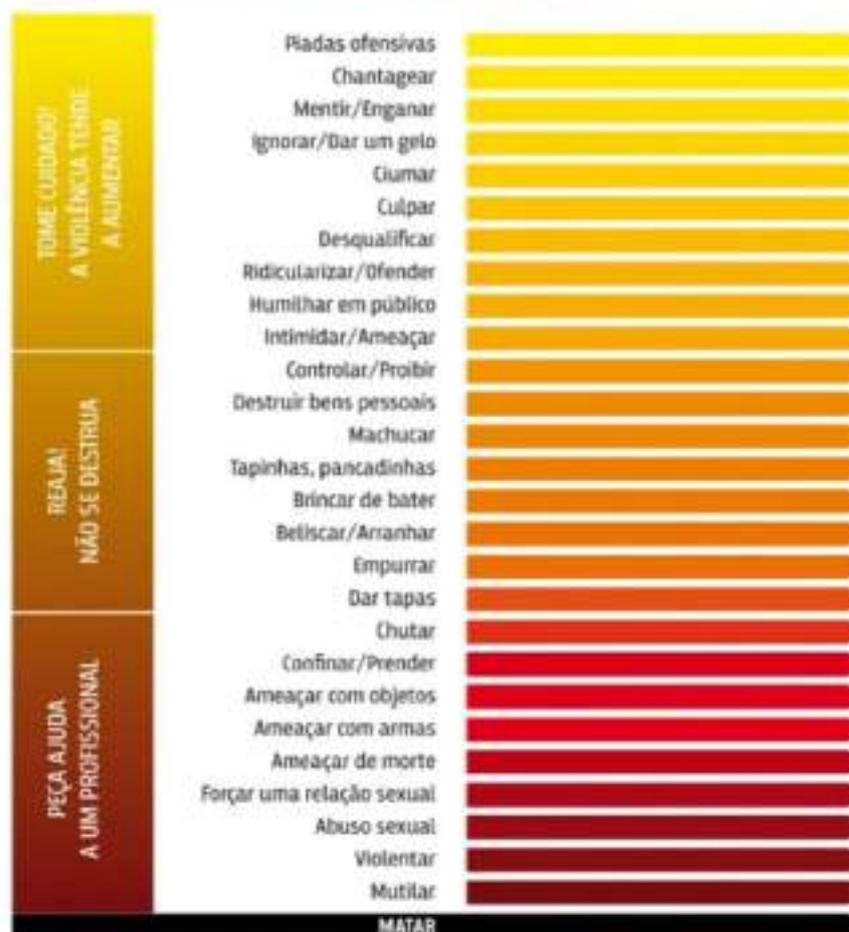
O Violentômetro é um guia, desenvolvido pela coordenação feminina do Tribunal de Justiça da Paraíba (TJPB) em 2017, que serve para instruir as mulheres sobre os diferentes graus de violência e as possíveis consequências de cada comportamento. A juíza Graziela Queiroga, que coordena o departamento, afirma que muitas mulheres desconhecem que determinadas atitudes masculinas constituem, na verdade, uma forma de violência.

O Violentômetro foi empregado em várias campanhas do Tribunal de Justiça da Paraíba (TJPB), na forma de panfleto, aconselhando as mulheres a estarem atentas a comportamentos e ações que podem se transformar em insultos, ameaças e abuso sexual. O Violentômetro teve uma grande repercussão e foi adotado como referência em diversos estados para várias campanhas que tratam da violência contra a mulher. É dividido em três fases de alerta, que são: “Tome cuidado!”, “Reaja!”, e “Peça ajuda a um profissional”. Cada uma dessas fases contém exemplos de situações que se encaixam nessas categorias.

Vamos explorá-lo?

Violentômetro

Ranking da violência elaborado pela Coordenadoria da Mulher em Situação de Violência Doméstica e Familiar da Paraíba.



Fonte: CNJ destaca atuação da Coordenadoria da Mulher do TJPB no combate à violência e cita Violentômetro. Disponível em: <<https://www.tjpb.jus.br/noticia/cnj-destaca-atuacao-da-coordenadoria-da-mulher-do-tjpb-no-combate-a-violencia-e-cita>>. Acesso em: 12 dez. 2023.



Lygia Fagundes Telles foi uma escritora com caráter inovador e ganhou a alcunha de "Dama da literatura brasileira". Autora de grandes livros, possui marca poética, sensível e precisa em seus textos. Intitula-se como uma escritora engajada, comprometida com a temática das desigualdades sociais. Como a própria escritora afirma: "Considero meu trabalho de natureza engajada, ou seja, comprometido com a nossa condição nesse escândalo de

desigualdades sociais." (TELLES,2002, p.90).

Nasceu em 19 de abril do ano de 1918 e faleceu dia 03 de abril de 2022, de causas naturais. Seu primeiro livro, escrito na adolescência, chama-se *Parão e Sobrado*, foi apenas o início de uma longa carreira como autora. *Ciranda de Pedra*, escrito em 1945, rendeu uma adaptação novelesca pela rede globo em 1981. Foi ganhadora diversas vezes do prêmio Jabuti e outros prêmios como "Prêmio Arthur Azevedo" e "Camões".

Foi procuradora do Instituto de Previdência do Estado de São Paulo e presidente da Cinemateca Brasileira.



Agora, você está prestes a embarcar na última leitura de nossa jornada, um conto intitulado "Venha ver o pôr-do-sol". Esta é uma história envolvente e repleta de suspense, magistralmente escrito por Lygia Fagundes Telles. A trama é tecida em torno de dois personagens centrais: Raquel e Ricardo. Prepare-se para uma experiência literária inesquecível.

Em seu conto "Venha ver o pôr do sol", Telles descreve a violência contra a mulher através do narrador em 3ª pessoa e parte de uma situação comum: o reencontro de dois ex-namorados. Entretanto, o local é algo diferente, inesperado e inusitado: um cemitério. A partir daí percebemos os traços da personalidade de Ricardo e como a mulher é subjugada através da personagem Raquel.

É importante notar que a leitura do conto pode ser um pouco longa. Portanto, caso julgue necessário, faça uma pausa durante a leitura para recapitular a história.

E aí, preparado(a) para iniciar?

Conto: Venha ver o pôr-do-sol

Lygia Fagundes Telles

Ela subiu sem pressa a tortuosa ladeira. À medida que avançava, as casas iam rareando, modestas casas espalhadas sem simetria e ilhadas em terrenos baldios. No meio da rua sem calçamento, coberta aqui e ali por um mato rasteiro, algumas crianças brincavam de roda. A débil cantiga infantil era a única nota viva na quietude da tarde.

Ele a esperava encostado a uma árvore. Esguro e magro, metido num largo blusão azul-marinho, cabelos crescidos e desalinhados, tinha um jeito jovial de estudante.

— Minha querida Raquel.

Ela encarou-o, séria. E olhou para os próprios sapatos.

— Veja que lama. Só mesmo você inventaria um encontro num lugar destes. Que idéia, Ricardo, que idéia! Tive que descer do táxi lá longe, jamais ele chegaria aqui em cima.

Ele riu entre malicioso e ingênuo.

— Jamais? Pensei que viesse vestida esportivamente e agora me aparece nessa elegância! Quando você andava comigo, usava uns sapatos de sete léguas, lembra?

Foi para me dizer isso que você me fez subir até aqui? — perguntou ela, guardando as luvas na bolsa. Tirou um cigarro. — Hein?!

Ah, Raquel... — e ele tomou-a pelo braço. Você, está uma coisa de linda. E fuma agora uns cigarrinhos pilantras, azul e dourado... Juro que eu tinha que ver ainda uma vez toda essa beleza, sentir esse perfume. Então? Fiz mal?

Podia ter escolhido um outro lugar, não? — Abrandara a voz. — E que é isso aí? Um cemitério?

Ele voltou-se para o velho muro arruinado. Indicou com o olhar o portão de ferro, carcomido pela ferrugem.

— Cemitério abandonado, meu anjo. Vivos e mortos, desertaram todos. Nem os fantasmas sobraram, olha aí como as criancinhas brincam sem medo acrescentou apontando as crianças na sua ciranda. Ela tragou lentamente. Soprou a fumaça na cara do companheiro. — Ricardo e suas idéias. E agora? Qual o programa?

Brandamente ele a tomou pela cintura.

— Conheço bem tudo isso, minha gente está, enterrada aí. Vamos entrar um instante e te mostrarei o pôr-do-sol mais lindo do mundo.

Ela encarou-o um instante. Evergou a cabeça para trás numa risada.

— Ver o pôr-do-sol... Ali, meu Deus... Fabuloso, fabuloso!... Me implora um último encontro, me atormenta dias seguidos, me faz vir de longe para esta buraqueira, só mais uma vez, só mais uma! E para quê? Para ver o pôr-do-sol num cemitério... Ele riu também, afetando encabulamento como um menino pilhado em falta.

— Raquel, minha querida, não faça assim comigo. Você sabe que eu gostaria era de te levar ao meu apartamento, mas fiquei mais pobre ainda, como se isso fosse possível. Moro agora numa pensão horrenda, a dona é uma Medusa que vive espiando pelo buraco da fechadura...

— E você acha que eu iria?

— Não se zangue, sei que não iria, você está sendo fidelíssima. Então pensei, se pudéssemos conversar um pouco numa rua afastada... — disse ele, aproximando-se mais. Acariciou-lhe o braço com as pontas dos dedos. Ficou sério. E aos poucos, inúmeras rugazinhas foram-se formando em redor dos seus olhos ligeiramente apertados. Os leques de rugas se aprofundaram numa expressão astuta. Não era nesse instante tão jovem como aparentava. Mas logo sorriu e a rede de rugas desapareceu sem deixar vestígio. Voltou-lhe novamente o ar inexperiente e meio desatento. — Você fez bem em vir.

— Quer dizer que o programa... E não podíamos tomar alguma coisa num bar?

— Estou sem dinheiro, meu anjo, vê se entende.

— Mas eu pago.

— Com o dinheiro dele? Prefiro beber formicida. Escolhi este passeio porque é de graça e muito decente, não pode haver um passeio mais decente, não concorda comigo? Até romântico. Ela olhou em redor. Puxou o braço que ele apertava.

— Foi um risco enorme, Ricardo. Ele é ciumentíssimo. Está farto de saber que tive meus casos. Se nos pilha juntos, então sim, quero só ver se alguma das suas fabulosas idéias vai me consertar a vida.

— Mas me lembrei deste lugar justamente porque não quero que você se arrisque, meu anjo. Não tem lugar mais discreto do que um cemitério abandonado, veja, completamente abandonado — prosseguiu ele, abrindo o portão. Os velhos gonzos gemeram. - Jamais seu amigo ou um amigo do seu amigo saberá que estivemos aqui.

— É um risco enorme, já disse. Não insista nessas brincadeiras, por favor. E se vem um enterro? Não suporto enterros. Mas enterro de quem? Raquel, Raquel, quantas vezes preciso repetir a mesma coisa?! Há séculos ninguém mais é enterrado aqui, acho que nem os ossos sobraram, que bobagem. Vem comigo, pode me dar o braço, não tenha medo.

O mato rasteiro dominava tudo. E não satisfeito de ter-se alaistrado furioso pelos canteiros, subira pelas sepulturas, infiltrara-se ávido pelos rachões dos mármore, invadira as alamedas de pedregulhos esverdinhados, como se quisesse com sua violenta força de vida cobrir para sempre os últimos vestígios da morte. Foram andando pela longa alameda banhada de sol. Os passos de ambos ressoavam sonoros como uma estranha música feita do som das folhas secas trituradas sobre os pedregulhos. Amuada mas obediente, ela se deixava conduzir como uma criança. Às vezes mostrava certa curiosidade por uma ou outra sepultura com os pálidos, medalhões de retratos esmaltados.

— É imenso, hein? E tão miserável, nunca vi um cemitério mais miserável, que deprimente - exclamou ela, atirando a ponta do cigarro na direção de um anjinho de cabeça decepada. - Vamos embora, Ricardo, chega.

— Ali, Raquel, olha um pouco para esta tarde! Deprimente por quê? Não sei onde foi que eu li, a beleza não está nem na luz da manhã nem na sombra da noite, está no crepúsculo, nesse meio-tom, nessa ambigüidade. Estou-lhe dando um crepúsculo numa bandeja, e você se queixa.

— Não gosto de cemitério, já disse. E ainda mais cemitério pobre. Delicadamente ele beijou-lhe a mão.

— Você prometeu dar um fim de tarde a este seu escravo. — É, mas fiz mal. Pode ser muito engraçado, mas não quero me arriscar mais.

— Ele é tão rico assim? — Riquíssimo. Vai me levar agora numa viagem fabulosa até o Oriente. Já ouviu falar no Oriente? Vamos até o Oriente, meu caro... Ele apanhou um pedregulho e fechou-o na mão. A pequenina rede de rugas voltou a se estender em redor dos seus olhos. A fisionomia, tão aberta e lisa, repentinamente escureceu, envelhecida. Mas logo o sorriso reapareceu e as rugazinhas sumiram.

— Eu também te levei um dia para passear de barco, lembra?

Recostando a cabeça no ombro do homem, ela retardou o passo.

— Sabe, Ricardo, acho que você é mesmo meio tantã... Mas apesar de tudo, tenho às vezes saudade daquele tempo. Que ano aquele! Quando penso, não entendo como agüentei tanto, imagine, um ano!

— É que você tinha lido *A Dama das Camélias*, ficou assim toda frágil, toda sentimental. E agora?

Que romance você está lendo agora?

— Nenhum - respondeu ela, franzindo os lábios. Deteve-se para ler a inscrição de uma laje despedaçada: *minha querida esposa, eternas saudades* — leu em voz baixa. — Pois sim. Durou pouco essa eternidade.

Ele atirou o pedregulho num canteiro ressequido.

— Mas é esse abandono na morte que faz o encanto disto. Não se encontra mais a menor intervenção dos vivos, a estúpida intervenção dos vivos. Veja — disse apontando uma sepultura fendida, a erva daninha brotando insólita de dentro da fenda —, o musgo já cobriu o nome na pedra. Por cima do musgo, ainda virão as raízes, depois as folhas... Esta a morte perfeita, nem lembrança, nem saudade, nem o nome sequer. Nem isso.

Ela aconchegou-se mais a ele. Bocejou.

— Está bem, mas agora vamos embora que já me diverti muito, faz tempo que não me divirto tanto, só mesmo um cara como você podia me fazer divertir assim. — Deu-lhe um rápido beijo na face.

— Chega, Ricardo, quero ir embora.

— Mais alguns passos...

— Mas este cemitério não acaba mais, já andamos quilômetros! — Olhou para trás. — Nunca andei tanto, Ricardo, vou ficar exausta.

— A boa vida te deixou preguiçosa? Que feio — lamentou ele, impelindo-a para a frente. — Dobrando esta alameda, fica o jazigo da minha gente, é de lá que

se vê o pôr-do-sol. Sabe, Raquel, andei muitas vezes por aqui de mãos dadas com minha prima. Tínhamos então doze anos. Todos os domingos minha mãe vinha trazer flores e arrumar nossa capelinha onde já estava enterrado meu pai. Eu e minha priminha vínhamos com ela e ficávamos por aí, de mãos dadas, fazendo tantos planos. Agora as duas estão mortas.

— Sua prima também? Também. Morreu quando completou quinze anos. Não era propriamente bonita, mas tinha uns olhos... Eram assim verdes como os seus, parecidos com os seus. Extraordinário, Raquel, extraordinário como vocês duas... Penso agora que toda a beleza-dela residia apenas nos olhos, assim meio oblíquos, como os seus.

Vocês se amaram?

Ela me amou. Foi a única criatura que... Fez um gesto. — Enfim, não tem importância.

Raquel tirou-lhe o cigarro, tragou e depois devolveu-o.

— Eu gostei de você, Ricardo.

— E eu te amei. E te amo ainda. Percebe agora a diferença?

Um - pássaro rompeu cipreste e soltou um grito. Ela estremeceu.

— Esfriou, não? Vamos embora.

— Já chegamos, meu anjo. Aqui estão meus mortos.

Pararam diante de uma capelinha coberta: de alto a baixo por uma trepadeira selvagem, que a envolvia num furioso abraço de cipós e folhas. A estreita porta rangeu quando ele a abriu de par em par. A luz invadiu um cubículo de paredes enegrecidas, cheias de estrias de antigas goteiras. No centro do cubículo, um altar meio desmantelado, coberto por uma toalha que adquirira a cor do tempo. Dois vasos de desbotada opalina ladeavam um tosco crucifixo de madeira. Entre os braços da cruz, uma aranha tecera dois triângulos de teias já rompidas, pendendo como farrapos de um manto que alguém colocara sobre os ombros do Cristo. Na parede lateral, à direita da porta, uma portinhola de ferro dando acesso para uma escada de pedra, descendo em caracol para a catacumba.

Ela entrou na ponta dos pés, evitando roçar mesmo de leve naqueles restos da capelinha.

Que triste que é isto, Ricardo. Nunca mais você esteve aqui?

Ele tocou na face da imagem recoberta de poeira. Sorriu, melancólico.

— Sei que você gostaria de encontrar tudo limpinho, flores nos vasos, velas, sinais da minha dedicação, certo? Mas já disse que o que mais amo neste cemitério é precisamente este abandono, esta solidão.

As pontes com o outro mundo foram cortadas e aqui a morte se isolou total. Absoluta.

Ela adiantou-se e espiou através das enferrujadas barras de ferro da portinhola. Na semiobscuridade do subsolo, os gavetões se estendiam ao longo das quatro paredes que formavam um estreito retângulo cinzento.

— E lá embaixo?

— Pois lá estão as gavetas. E, nas gavetas, minhas raízes. Pó, meu anjo, pó — murmurou ele. Abriu a portinhola e desceu a escada. Aproximou-se de uma gaveta no centro da parede, segurando firme na alça de bronze, como se fosse puxá-la. — A cômoda de pedra. Não é grandiosa?

Detendo-se no topo da escada, ela inclinou-se mais para ver melhor.

— Todas essas gavetas estão cheias?

— Cheias?... Só as que têm o retrato e a inscrição, está vendo? Nesta está o retrato da minha mãe, aqui ficou minha mãe — prosseguiu ele, tocando com as pontas dos dedos num medalhão esmaltado embutido no centro da gaveta. Ela cruzou os braços. Falou baixinho, um ligeiro tremor na voz.

— Vamos, Ricardo, vamos.

— Você está com medo.

— Claro que não, estou é com frio. Suba e vamos embora, estou com frio!

Ele não respondeu. Adiantara-se até um dos gavetões na parede oposta e acendeu um fósforo. Inclinou-se para o medalhão frouxamente iluminado.

— A priminha Maria Emília. Lembro-me até do dia em que tirou esse retrato, duas semanas antes de morrer... Prendeu os cabelos com uma fita azul e veio se exibir, estou bonita? Estou bonita?...

— Falava agora consigo mesmo, doce e gravemente. — Não é que fosse bonita, mas os olhos... Venha ver, Raquel, é impressionante como tinha olhos iguais aos seus.

Ela desceu a escada, encolhendo-se para não esbarrar em nada.

— Que frio faz aqui. E que escuro, não estou enxergando!

Acendendo outro fósforo, ele ofereceu-o à companheira.

— Pegue, dá para ver muito bem... — Afastou-se para o lado.

— Repare nos olhos.

Mas está tão desbotado, mal se vê que é uma moça... — Antes da chama se apagar, aproximou-a da inscrição feita na pedra. Leu em voz alta, lentamente. — Maria Emília, nascida em vinte de maio de mil e oitocentos e falecida... - Deixou cair o palito e ficou um instante imóvel. — Mas esta não podia ser sua namorada, morreu há mais de cem anos! Seu menti...

Um baque metálico decepcionou-lhe a palavra pelo meio. Olhou em redor. A peça estava deserta. Voltou o olhar para a escada. No topo, Ricardo a observava por detrás da portinhola fechada. Tinha seu sorriso — meio inocente, meio malicioso.

— Isto nunca foi o jazigo da sua família, seu mentiroso! Brincadeira mais cretina! — exclamou ela, subindo rapidamente a escada. — Não tem graça nenhuma, ouviu?

Ele esperou que ela chegasse quase a tocar o trinco da portinhola de ferro. Então deu uma volta à chave, arrancou-a da fechadura e saltou para trás.

Ricardo, abre isto imediatamente! Vamos, imediatamente! — ordenou, torcendo o trinco. — Detesto este tipo de brincadeira, você sabe disso. Seu idiota! É no que dá seguir a cabeça de um idiota desses. Brincadeira mais estúpida!

— Uma réstia de sol vai entrar pela frincha da porta tem uma frincha na porta. Depois vai se afastando devagarinho, bem devagarinho. Você terá o pôr-do-sol mais belo do mundo. Ela sacudia a portinhola.

— Ricardo, chega, já disse! Chega! Abre imediatamente, imediatamente! — Sacudiu a portinhola com mais força ainda, agarrou-se a ela, dependurando-se por entre as grades. Ficou ofegante, os olhos cheios de lágrimas. Ensaiou um sorriso. — Ouça, meu bem, foi engraçadíssimo, mas agora preciso ir mesmo, vamos, abra...



PROPOSTA TEXTUAL

Você acaba de mergulhar na envolvente história de Raquel e Ricardo, mas deve ter notado que um elemento crucial está ausente: o desfecho! Para descobrir o final do conto "Venha ver o pôr-do-sol", você está convidado a exercitar sua criatividade e escrever sua própria conclusão para a história. Isso mesmo, você tem a oportunidade de dar continuidade a este intrigante enredo. E agora? O que aconteceu com Raquel?

Depois de escrever, compartilhe sua versão com seus colegas e aguarde a orientação do professor. Estamos ansiosos para saber: quais outros desfechos vocês imaginam para esta história?



FINAL DESBLOQUEADO COM SUCESSO

MENSAGEM FINAL

Chegamos ao término de nosso módulo didático focado na violência contra a mulher. Nossa maior aspiração é que você, como estudante e cidadão crítico, reflita profundamente sobre todo o conhecimento adquirido até aqui. Pense sobre os dados alarmantes revelados, as pesquisas apresentadas e as notícias lidas. Os números são realmente preocupantes, mas lembre-se: você pode fazer a diferença.

Repensar suas atitudes em relação à temática e refletir sobre como a mulher deve ser vista e tratada na sociedade é um excelente ponto de partida. Durante esses três módulos, você foi apresentado a D. Eulália, Cidinha e Raquel, personagens fictícias que, no entanto, retratam a maneira como a maioria da sociedade percebe a mulher.

Nossa esperança é que sua perspectiva seja diferente e que você esteja atento aos sinais de violência. Não se cale diante de qualquer forma de violência, seja ela vivida ou presenciada. Lembre-se, cada voz conta e cada ação importa.

Deseja aprofundar ainda mais seus conhecimentos sobre a temática? Sugerimos outros contos adequados à sua faixa etária. Continue sua jornada de aprendizado e nunca pare de refletir.

"Bar" - Autor: Iván Ângelo

"A Moça Tecelã" - Autora: Marina Colasanti"

"Dolly" - Autora: Lygia Fagundes Telles

Bons estudos e lembre-se: a reflexão é um processo contínuo!

REFERÊNCIAS

BUNCH, C. **Hacia una revisión de los Derechos Humanos**. In: BUNSTER, X.; ENLOE, C.; RODRIGUES, R. (Org.). *La mujer ausente: derechos humanos en el mundo*. Santiago: Isis Internacional, 1991.

BERNARDES, A. Artigo: **A culpa não é da vítima**. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/opiniaao/2019/08/29/internas_opiniaao,779741/artigo-a-culpa-nao-e-da-vitima.shtml>. Acesso em: 12 dez. 2023.

COLASANTI, Marina. **Porém igualmente**. In: _____. *Um espinho de Marfim & outras histórias*. Porto Alegre: L&PM, 1999.

GALVÃO, WALDER. **Morte de Leticia Curado, vítima de Marínésio, completa um ano**. Disponível em: <<https://www.correiobraziliense.com.br/cidades-df/2020/08/4870422-morte-de-leticia-curado-vitima-de-marinesio-completa-um-ano.html>>. Acesso em: 12 dez. 2023.

HOOKS, Bell. **"E eu não sou uma mulher?": Mulheres negras e feminismo**. Trad. Bhuvi Libanio. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

LISPECTOR, Clarice. **A língua do P**. In: *A Via Crucis do corpo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LISPECTOR, C. **Minhas queridas**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

NUNES CABRAL, L.; FREIRE BARBOSA, A. C. tipificação da violência contra a mulher no município Juazeiro/BA. **Biblionline**, v. 16, n. 3/4, p. 78–93, 2021.

RICHE, Rosa Maria Cuba; FERREIRA, Eliane Aparecida Galvão Ribeiro. MARINA COLASANTI. **Miscelânea: RevistadeLiteraturaeVidaSocial**, v. 29, p. 357-363, 2021.

TELES, Maria Amélia de Almeida; MELO, Mônica de. **O que é violência contra a mulher**. São Paulo: Brasiliense, 2017.

TELLES, Lygia Fagundes. **Durante aquele estranho chá**. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

TELLES, Lygia Fagundes. **"Venha ver o pôr do sol"**. In: TELLES, Lygia Fagundes. *Antes do baile verde* 16. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, p. 123-131.

ANEXO

ANEXO A - RELATÓRIO DE EXPERIÊNCIA COM O PROJETO EM SALA DE AULA

RELATÓRIO DE EXPERIÊNCIA COM O PROJETO EM SALA DE AULA

A ideia de trabalhar com o tema violência contra a mulher surgiu a partir de um minicurso vivenciado em novembro de 2022 no evento denominado como GELNE, nessa ocasião o ministrante do curso, Professor Carlos Magno, mediou o debate sobre o tema “Ensino de literatura como prática social identitária” e dialogou sobre o conto “Venha ver o pôr-do-sol” sob a perspectiva da violência contra a mulher e o feminicídio.

A temática causou um sentimento de empolgação e desafio, pois a partir daquele momento eu sabia que trabalhar essa temática com discentes do ensino fundamental II era necessário, uma vez que diariamente assisto noticiário e percebo o quão os índices crescem em desfavor da mulher no Brasil. Consigo sentir empatia e o sentimento que ronda a minha práxis docente é sempre o de aliar os conteúdos de Língua Portuguesa com a realidade social e o contexto em que eles estão inseridos.

Após definido sobre o que versaria o produto do PROFLETRAS, foram realizadas diversas trocas com o meu orientador Professor Dr. Alexandre Melo de Andrade afim de ajustarmos as escolhas do referencial teórico e textos literários que embasariam a produção do trabalho. Obviamente, todo o percurso ao cursar as disciplinas do mestrado, vivenciar diálogos com os docentes, participar de eventos ofertados pela UFS sobre o tema escolhido, receber a orientação devida, ajudaram na composição do produto.

A experiência de trabalhar com autoras brasileiras e textos que falem sobre a violência contra a mulher se deu a partir da ideia de aliar o trabalho com literatura nas aulas de língua portuguesa e fazer com que o(a) discente reflita sobre o seu papel como homem e mulher na sociedade.

O questionamento que sempre vinha à minha mente era “O que posso fazer enquanto docente para dirimir as taxas de violência contra a mulher?”. Há sempre o que se fazer, uma vez que, estando disposta a mediar a reflexão nos alunos e alunas, eles podem questionar a sua realidade e ter atitudes diferentes da que se veem no noticiário e em seu contexto de realidade.

A turma que vivenciou o caderno pedagógico faz parte da Escola Municipal CAIC Misael Aguilar, localizada no município de Juazeiro-BA. É composta por 34 alunos, a faixa etária varia entre 14 e 16 anos.

Doravante, tecerei um relatório cronológico descrevendo as minhas impressões sobre a vivência do caderno pedagógico, como os (as) discentes receberam a experiência e o cômputo idealizado e atingido.

DA APLICAÇÃO DO MÓDULO 1 “PORÉM IGUALMENTE”

Previsão 100 min. – Execução 100 min. 2h/aula

Aulas 1 e 2: No dia 10 de outubro de 2023 (terça-feira), às 10h20min na turma do 9º ano “A” iniciou-se a vivência do presente trabalho. Com o intuito de ser factual e não confiar somente em minha memória, decidi gravar os nossos encontros. Logo no início avisei aos discentes que gravaria as nossas aulas para facilitar o relatório para o estudo. Vale salientar, essa atitude não inibiu ou trouxe resistência aos discentes. A gravação foi realizada por um aplicativo disponível em meu celular pessoal e é de fácil manuseio.

A escola CAIC Misael Aguilar proíbe o acesso ao celular por parte dos discentes durante os turnos que estão na escola, em contrapartida disponibiliza 30 tablets para que os docentes utilizem para dinamizar as suas aulas. A internet da escola é veloz e está habilitada para uso em todos os tablets. Para evitar imprevisto, conferi os tablets e solicitei com antecedência o carregamento dos aparelhos, isso facilitou o manuseio por mim e pelos discentes. Além disso, para essa aula, também preparei previamente a impressão do texto, “PORÉM IGUALMENTE” em tamanho ampliado para a montagem.

Com o objetivo de despertar a curiosidade e se sentirem desafiados, iniciei a aula falando que iria propor um desafio aos discentes, para isso pedi que eles se dividissem em pequenos grupos. Após a organização dos grupos, cada equipe recebeu uma cópia do texto, “PORÉM IGUALMENTE” e receberam a instrução que precisavam organizá-lo. Essa atividade, embora pareça simplória, faz com que o discente leia e releia o texto várias vezes, aumentando assim a sua chance de compreendê-lo.

Os grupos foram conseguindo elucidar o “quebra-cabeça” e todos os seis grupos conseguiram organizar. Pude então ler o texto pela primeira vez com a turma. Após esse

momento, pedi que eles permanecessem organizados dessa maneira e cada equipe recebeu uma pergunta sobre o texto. As perguntas distribuídas foram as seguintes:

1. Para vocês, sobre o que fala o miniconto?
2. O que faz D. Eulália ser uma “santa”, um “anjo”?
3. O que os parentes fizeram diante do que acontecia com D. Eulália? Comentem.
4. Retire do texto o trecho que demonstra o vício em bebida do marido de D. Eulália. Vocês acham que o alcoolismo justifica as atitudes do marido?
5. O que quer dizer a expressão “rompeu em asas o vôo de sua trajetória”?
6. O miniconto parece ser atual? Justifiquem.

Ao responder a primeira pergunta, um aluno inicialmente acreditou que D. Eulália era um anjo, argumentou que se ela voou é porque era um anjo. Prontamente, outro membro do mesmo grupo disse que não, que D. Eulália foi assassinada e morreu. Respondi que a discussão seguiria e decidi não realizar nenhuma interferência, para que os próprios discentes fossem elaborando a opinião e tecendo comentários.

Na segunda pergunta, uma aluna respondeu que a personagem principal era pura, sem maldade, que “nunca errou na vida”. O anjo para eles está associado a pureza. Nesse momento solicitei que esse grupo relesse o texto e me dissesse quais ações estavam ligadas aos adjetivos associados a D. Eulália. Após responderem, perguntei novamente o porquê dessa associação sagrada a personagem principal e um membro percebeu que era o fato da não reação à violência contra a mulher, que ela não se queixava, não “falava nada”.

Retomei a primeira pergunta e questionei se todos concordavam que D. Eulália era um anjo, prontamente muitos discentes discordaram e disseram que a personagem era uma mulher “normal”, ou seja, comum.

Seguindo para o terceiro questionamento, o grupo respondeu que os parentes não “fizeram nada”.

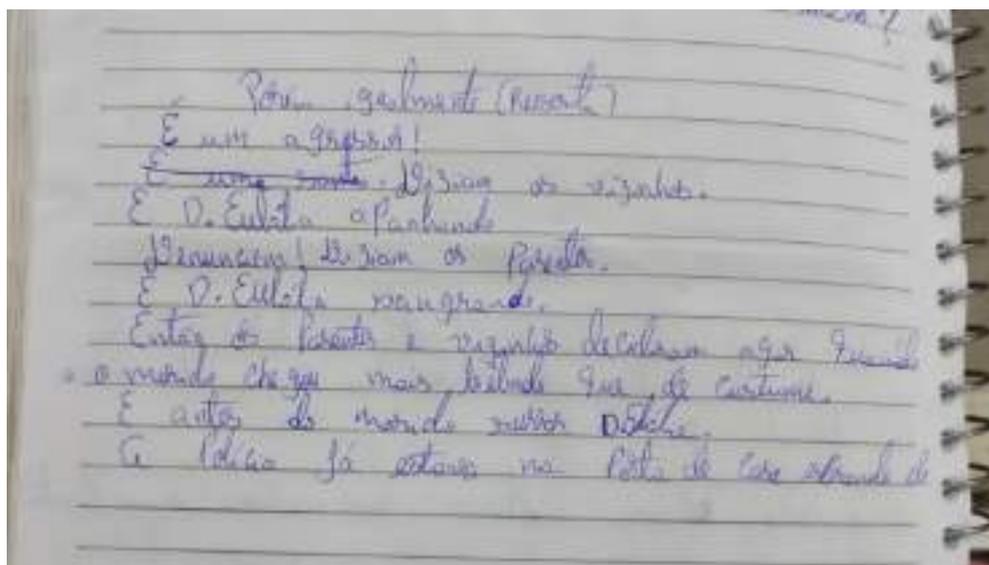
Na quarta questão, o grupo acertou ao mencionar o trecho correspondente ao alcoolismo do esposo.

Na quinta questão, os grupos entraram em consenso, conversaram e afirmaram que D. Eulália morreu.

Na última questão abordada, o grupo afirmou que o miniconto é atual, pois os fatos acontecem com muita frequência. Aproveitei a oportunidade e chamei a atenção para os noticiários, pois diariamente é veiculado fatos sobre a temática violência contra a mulher.

Após a discussão, foi explicada a “Hora da Produção”, os discentes foram convidados a reescreverem a o miniconto. Alguns questionamentos sobre a reescrita apareceram e foram rapidamente sanados.

Após a conclusão da produção, os textos foram compartilhados oralmente e os alunos que não se sentiram confortáveis para ler pediram que eu realizasse a leitura e emitisse a minha opinião. Para uma melhor análise, escolhi um miniconto elaborado por um discente para uma abordagem mais ampla. Vejamos



A produção do texto acima chamou a minha atenção ao descrever uma postura mais ativa por parte das pessoas que conviviam com D. Eulália. Ao invés de caracterizar a personagem principal com adjetivos, o estudante caracterizou o esposo como “agressor” e aconselhou utilizando a expressão “Denunciem!”.

O desfecho oportuniza uma nova chance a D. Eulália, diferente da primeira versão em que há feminicídio. Dessa vez a polícia estava na porta do casal aguardando a chegada do agressor.

Outras produções demonstraram D. Eulália desabafando com os parentes e vizinhos, denunciando as autoridades competentes sobre a sua situação e também terminando o relacionamento. Algumas produções optaram por D. Eulália falecer, alegando que ela estaria em paz e conforto.

Uma outra produção também chamou a atenção, pois a estudante optou por colocar D. Eulália em posição de justiceira, munida com facão assassinou seu esposo atingindo a sua cabeça.

Finalizamos a aula realizando o sorteio de três discentes para a realização do diário, o sorteio aconteceu de maneira tranquila e os alunos aceitaram elaborar o relatório.

Os tablets nessa aula não foram necessários, pois a dinâmica dos textos, distribuição das perguntas não necessitaram de aparato tecnológico ou material extra.

DA APLICAÇÃO DO MÓDULO II “A língua do P”

Previsão 100 min. – Execução 100 min. 2h/aula

Aulas 3 e 4: Na quarta-feira, 11 de outubro de 2023, das 07h30min às 09h10min, a turma do 9º ano "A" prosseguiu com a vivência do presente trabalho. Considerando que a data mencionada era véspera de feriado, a presença de alunos foi reduzida. A escola apresentava um ambiente de agitação, devido à competição de pipas programada para o mesmo dia entre as turmas dos sextos anos. Apesar de não estarem participando diretamente do evento, os alunos do 9º ano "A" demonstraram inquietação, uma vez que a competição despertou interesse e curiosidade. Apesar da atmosfera de agitação e curiosidade, a turma do 9º ano “A” manteve o foco na execução do trabalho. A competição de pipas, embora fosse uma distração, serviu como uma oportunidade para os alunos aprenderem sobre a importância da concentração e do comprometimento com suas responsabilidades escolares, mesmo em meio a eventos interessantes.

Ao retomar a experiência do módulo, solicitei que os três alunos selecionados para redigir o diário na aula anterior entregassem seus textos e procedi a premiação. Os autores do diário foram agraciados com pequenos kits contendo pirulitos, chicletes e barras de chocolate. Após esse momento, instruí toda a turma a se organizar em pares para receber o tablet com o caderno pedagógico. Apresentei a autora Clarice Lispector e orientei que, ao iniciarem a leitura, cada par anotasse dois trechos dos textos que lhes chamassem a atenção para comentários posteriores. Adicionalmente, solicitei que cada par dialogasse sobre os trechos selecionados e registrasse suas discussões na disciplina de Língua Portuguesa.

Antes de discutir os trechos selecionados pelos pares, questionei a turma se todos haviam compreendido o texto “A língua do P”. A maioria confirmou que sim, identificando o tema como violência contra a mulher. Inquiri se algum dos personagens havia sofrido assédio ou violência. Um aluno, ao ouvir que uma personagem havia sido estuprada e assassinada, afirmou que não havia lido essa parte. Decidi, então, retomar o texto e li o trecho que apresenta a manchete do jornal lida por Cidinha, revelando o fato de outra mulher ter sido

violentada e assassinada em seu lugar. Após a explicação, conduzi a discussão para a seguinte questão: “Considerando a história, por que o destino era implacável?”

Dado que essa frase aparece no final do texto, surgiram diversas respostas, incluindo “Pode acontecer tudo” e “Pode acontecer tudo a qualquer momento”. Reiterei que eles deveriam considerar o contexto da história de Cidinha. Outras respostas emergiram, como “Cidinha pode ser assediada novamente”. Ao ouvir essa resposta, incentivei uma reflexão mais profunda, questionando se o destino poderia ser implacável, levando em consideração todas as mulheres, e como essa interpretação se dá a partir desse questionamento. Uma aluna respondeu que “não temos segurança”, ao que complementei alertando que todas as mulheres podem sofrer assédio. Prossegui com a oitiva dos trechos escolhidos pelos pares, sendo os mais repetidos:

“Em manchete negra estava escrito: "Moça currada e assassinada no trem"” (LISPECTOR, 1998, p.70)

“Quando seria o próximo túnel? Tinha que pensar depressa, depressa, depressa. Então pensou: se eu me fingir de prostituta, eles desistem, não gostam de vagabunda.” (LISPECTOR, 1998, p.68)

“Pois foi na esquina da rua Figueiredo Magalhães que viu a banca de jornal. E pendurado ali o jornal O Dia. Não saberia dizer por que comprou.” (LISPECTOR, 1998, p.70)

Neste momento, quando os alunos compartilharam trechos selecionados, foi proporcionada uma oportunidade para reflexão aprofundada sobre o texto. A cada trecho apresentado, eu conduzia uma explanação detalhada sobre a condição da mulher no Brasil, citando dados estatísticos relevantes e organizando nossas reflexões de maneira sistemática. O objetivo era permitir que, a partir das contribuições dos alunos, a discussão pudesse ser continuada de maneira produtiva.

Em seguida, prossegui com a explicação do preenchimento do quadro analítico. Foi solicitado que cada dupla refletisse sobre os erros e acertos cometidos pela personagem principal ao elaborar estratégias para evitar o assédio. Para cumprir essa tarefa, os alunos precisaram revisitar o texto, realizando uma releitura cuidadosa para recordar as ações tomadas por Cidinha.

Além disso, foi enfatizado o valor da empatia e da compreensão ao avaliar as escolhas de Cidinha, reconhecendo a complexidade e a dificuldade de sua situação. Isso serviu para aprofundar a compreensão dos alunos sobre as questões de gênero no Brasil e estimular uma discussão mais informada e consciente.

Após a conclusão da produção do quadro pelos alunos, iniciamos uma discussão estruturada, durante a qual os alunos tiveram a oportunidade de expressar suas opiniões sobre os erros e acertos de Cidinha. Dentre os erros identificados pelos alunos, destacaram-se:

- “Entrar no vagão sozinha”
- “Não ter pedido ajuda”
- “Ter viajado sozinha”
- “Não avisar para outra mulher sobre o assédio”
- “Não avisar a outra jovem”
- “Não ter desviado do maquinista”
- “Não pedir ajuda ao bilheteiro”
- “Não ter falado ao policial sobre a língua do P”
- “Cidinha errou quando não explicou para a polícia o que aconteceu”

Depois da participação ativa dos alunos, decidi retomar a afirmação do erro "Entrar no vagão sozinha". A partir desse suposto erro, conduzi a discussão para que os alunos refletissem que Cidinha entrou no vagão, não falou com ninguém, e estava simplesmente focada em viajar e realizar seu sonho. Enfatizei a importância de não culpar a vítima, pois, nesse contexto, Cidinha estava correta e quem agiu de maneira incorreta foram os homens que estavam no vagão e, através da língua do P, tramaram contra a vida da Professora.

Além disso, é importante ressaltar que a análise dos erros e acertos de Cidinha proporcionou uma oportunidade valiosa para os alunos refletirem sobre as complexidades e desafios enfrentados pelas mulheres na sociedade brasileira. Esta discussão permitiu que os alunos desenvolvessem uma compreensão mais profunda e empática das questões de gênero e assédio, contribuindo para a formação de cidadãos mais conscientes e respeitosos.

Em seguida, a turma citou os acertos:

- “Ela ter prestado atenção na conversa dos rapazes”
- “Mesmo forçada saiu do trem”
- “Ela ter distraído os homens”
- “Saber a língua do P”
- “O momento em que ela começa a disfarçar”
- “Fugir do problema”

Ao analisar os erros e acertos, decidi provocar a reflexão e estimular ainda mais a participação discente. Fiz o seguinte questionamento: “Vocês falaram que um erro de Cidinha foi não compartilhar o problema com o bilheteiro. Porém, o que normalmente acontece quando a mulher decide denunciar o assédio?”. Rapidamente, um discente respondeu que o

homem não acredita e diz que a mulher estava se exibindo. Complementei citando que já tínhamos uma possibilidade de resposta, pois Cidinha pode não ter compartilhado o seu medo e problema com o funcionário do trem, por medo de ser descredibilizada. Frisei que sair à noite, usar determinada roupa, não justifica assediar mulher alguma.

Refletindo sobre a minha abordagem didática, percebi que a maneira como envolvi os alunos, fazendo perguntas provocativas, foi uma estratégia eficaz para estimular o pensamento crítico. Além disso, a ênfase em que nenhuma ação ou escolha de vestuário justifica o assédio é um ponto crucial. Isso ajuda a combater a cultura da culpabilização da vítima, que infelizmente ainda é prevalente na sociedade. Em geral, a minha análise e a discussão que se seguiu parecem ser um passo positivo na direção certa para aumentar a conscientização sobre o assédio e como combatê-lo.

Considero relevante mencionar que a experiência com o caderno pedagógico não seguiu uma trajetória linear. Os alunos, sendo adolescentes, possuem um alto nível de energia. Foi necessário, em diversas ocasiões, solicitar atenção e pedir que alguns alunos canalizassem sua energia para a análise do texto.

É igualmente importante destacar que, em média, três alunos participaram de maneira parcial. Estes são alunos que, consistentemente em todas as disciplinas, recusam-se a realizar as atividades propostas. Argumentei enfaticamente sobre a importância da temática para a vida futura de cada discente presente, mas não logrei êxito.

Lidar com a frustração nesses momentos foi um desafio considerável, pois investi uma quantidade significativa de energia na concepção desta experiência pedagógica. No entanto, é preciso maturidade para compreender que alcançar 100% de engajamento da turma é uma tarefa extremamente difícil. Apesar das dificuldades, é crucial persistir e valorizar o maior número de alunos que demonstraram interesse e participação ativa.

As aulas foram concluídas com a informação de que tínhamos apenas mais um texto para refletir sobre a temática da violência contra a mulher. Perguntei quais alunos gostariam de se encarregar da escrita do diário. Como eles já haviam percebido a existência da bonificação, a resposta foi positiva, com muitos se dispondo a participar.

A cada retorno do diário, percebi que os discentes estavam compreendendo o propósito da vivência. O diário serviu como uma ferramenta eficaz para avaliar se eles estavam entendendo a temática, apreciando a metodologia e também contribuiu para a produção de adaptações realizadas no caderno após a vivência do CP.

Na minha opinião, a utilização do diário como uma ferramenta de feedback é uma estratégia pedagógica eficaz. Ela não apenas permite que os alunos expressem suas

compreensões e sentimentos de uma maneira mais pessoal e reflexiva, mas também fornece ao educador uma visão valiosa sobre a eficácia de sua abordagem didática. A disposição dos alunos em participar e a percepção de que eles estavam entendendo a temática são indicativos positivos do sucesso desta abordagem.

DA APLICAÇÃO DO MÓDULO 3 “VENHA VER O PÔR-DO-SOL”

Previsão 100 min. – Execução 100 min. 2h/aula

Aulas 5 e 6: No dia 17 de outubro de 2023 (terça-feira), das 10h20min às 12h00min, realizamos a vivência do último módulo com a turma do 9º ano “A”. O primeiro pedido aos discentes foi que tivessem paciência ao ler o texto, uma vez que se tratava de um conto mais longo. Após o pedido, prosseguimos com a leitura dos dados sobre a violência contra a mulher. Contei com a ajuda dos alunos nesse momento, o que foi muito valioso. Acredito que a leitura de dados e notícias favorece a atualização sobre o tema e prepara o docente para a temática da obra. Em seguida, li sobre a biografia da autora e citei outros contos da autora que eu gosto muito, a exemplo: Biruta e Natal na Barca.

Durante a leitura, precisei solicitar que a turma colaborasse, evitando conversas paralelas. Após a leitura, prosseguimos com o momento de ler o texto em voz alta, o que facilitaria a compreensão daqueles que não entenderam, se distraíram ou não leram quando foi solicitado pela primeira vez. Dois discentes se dispuseram a realizar a leitura. Como a versão do aluno não apresentava o desfecho, expliquei que, para desbloquear o final, era necessário criar um final próprio. Só assim a turma conheceria o desfecho escrito por Lygia Fagundes Telles.

O momento da escrita foi rápido, pois os alunos escreveram um ou dois parágrafos para revelar o que aconteceu com Raquel. Foram finais diversos, entre eles:

- Raquel foi salva por um morador que residia próximo ao cemitério, esse morador acreditou no que a personagem contou e atacou Ricardo para conseguir as chaves e libertar Raquel.
- Ricardo abusou sexualmente de Raquel e a deixou desacordada. Quando a personagem acordou, conseguiu ajuda e ainda denunciou.
- Ricardo deixou Raquel presa na catacumba e anos depois repetiu o mesmo crime com outra vítima.

- Ricardo estava brincando e soltou Raquel. Ainda deu tempo de assistirem ao pôr-do-sol juntos.
- Raquel consegue tomar as chaves de Ricardo e o deixa preso no lugar que seria dela.

Muitos finais convergiram para a libertação de Raquel e para a denúncia de Ricardo. À medida que os discentes compartilhavam os finais ou pediam que eu realizasse a leitura, discutíamos as características abusivas de Ricardo, a sua maneira doentia de lidar com Raquel, os seus ciúmes e sentimentos de posse.

Após o momento de compartilhamento dos finais, consegui ler, então, o desfecho para os discentes. A turma gostou do desfecho e alguns discentes se sentiram à vontade para comentar mais uma vez que Ricardo era louco. Aproveitei para mencionar que Ricardo pode não ser louco e que suas atitudes são frutos do patriarcado, machismo e ciúmes, que resultaram em tolher, violentar e assassinar Raquel.

Por fim, presenteei os alunos que fizeram o diário e relembrei aos que se comprometeram na aula anterior a fazer o da vivência III. Finalizei solicitando que eles falassem como foi esse momento, se queriam sugerir algo, mas responderam apenas dizendo que gostaram, elogiaram os textos e a metodologia.

Acredito que essa experiência tenha sido extremamente valiosa para todos nós. Foi uma oportunidade para refletir sobre questões importantes e aprender com as experiências uns dos outros. Espero que continuemos a ter discussões tão produtivas e esclarecedoras no futuro. Agradeço a todos pela participação ativa e pelo respeito mútuo demonstrado durante nossas discussões.